

UNIVERSIDADE VILA VELHA - ES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA POLÍTICA

**APRIMORAMENTO COGNITIVO E CONCURSEIROS: UM ESTUDO
ETNOGRÁFICO SOBRE O SUJEITO DO DESEMPENHO EM
VITÓRIA/ES**

FLORÊNCIO AUGUSTO FILHO

VILA VELHA
MAIO / 2020

UNIVERSIDADE VILA VELHA - ES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA POLÍTICA

**APRIMORAMENTO COGNITIVO E CONCURSEIROS: UM ESTUDO
ETNOGRÁFICO SOBRE O SUJEITO DO DESEMPENHO EM
VITÓRIA/ES**

Dissertação apresentada à Universidade Vila Velha, como pré-requisito do Programa de Pós-graduação em Sociologia Política, para a obtenção do grau de Mestre em Sociologia Política.

FLORÊNCIO AUGUSTO FILHO

VILA VELHA
MAIO / 2020

Catálogo na publicação elaborada pela Biblioteca Central / UWV-ES

A923a	<p>Augusto Filho, Florêncio. Aprimoramento cognitivo e concurseiros: um estudo etnográfico sobre o sujeito do desempenho em Vitória/ES / Florêncio Augusto Filho. – 2020. 162 f.; il.</p> <p>Orientador: Pablo Omelas Rosa.</p> <p>Dissertação (Mestrado em Sociologia Política) – Universidade Vila Velha, 2020. Inclui bibliografias.</p> <p>1. Sociologia política. 2. Método de estudo. 3. Serviço público - Concursos. 4. Motivação (Psicologia). I. Rosa, Pablo Omelas. II. Universidade Vila Velha. III. Título.</p> <p>CDD 351.81076</p>
-------	--

FLORENCIO AUGUSTO FILHO

**APRIMORAMENTO COGNITIVO E CONCURSEIROS: UM ESTUDO
ETNOGRÁFICO SOBRE O SUJEITO DO DESEMPENHO EM
VITÓRIA/ES**

Dissertação apresentada à Universidade Vila Velha, como pré-requisito do Programa de Pós-graduação em Sociologia Política, para a obtenção do grau de Mestre em Sociologia Política.

Aprovado em 08 de maio de 2020,

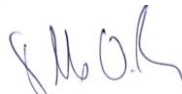
Banca Examinadora:



Dr. Aknaton Toczek Souza – UPFR/UNISECAL



Dr. Diogo Silva Correa – UVV



**Dr. Pablo Ornelas Rosa – UVV
Orientador**

Dedico essa dissertação à minha esposa Karina que esteve em todos os momentos ao meu lado e aos meus filhos João Victor e Ana Luísa e a todos os meus amigos.

AGRADECIMENTOS

DEUS

Agradeço a Deus por tudo o que tem feito em minha vida: pela alegria de viver, por minha família, pelo meu trabalho e pelos meus amigos.

FAMÍLIA

A minha mãe Odinéa pela vida e por te me guiado em todos os momentos de minha vida. Ao meu saudoso pai que sempre esteve do meu lado e aos meus irmãos, que mesmo distantes, sempre lembram de mim, amo todos vocês. Aos meus sogros Carlos II e Luísa Raquel por estarem ao meu lado todos estes anos.

MESTRES

Agradeço a todos os professores do mestrado pelas inestimáveis lições.

Agradeço ao meu mestre e orientador, Dr. Pablo Ornelas Rosa por ter acreditado em mim e por sempre estar ao meu lado, me guiando neste mundo da Sociologia. Sem ter você ao meu lado não teria chegado aqui. Que fique aqui registrado a minha eterna gratidão por ti.

AMIGOS

Agradeço a todos os meus amigos, em especial ao Agostinho Fava, Giovanna, Relton, aos amigos que juntos formamos o grupo *Los animales* e aos irmãos da *Acácia Vilavelhense*, que sempre estiveram ao meu lado me dando apoio e carinho. Á Maria Cláudia, obrigado por cuidar de minha família.

SUMÁRIO

RESUMO	10
ABSTRACT	11
INTRODUÇÃO	12
1. MODELO NEOLIBERAL E O SUJEITO DO DESEMPENHO	22
1.1 ANTECEDENTES DO NEOLIBERALISMO.....	23
1.2 MODELOS PÓS LIBERAIS.....	25
1.2.1 ORDOLIBERALISMO ALEMÃO.....	29
1.2.2 NEOLIBERALISMO ESTADUNIDENSE E TEORIA DO CAPITAL HUMANO...30	
1.3 NEOLIBERALISMO NAS AMÉRICAS.....	34
1.4 <i>HOMO OECONOMICUS</i> EVIDENCIADO POR FOUCAULT NO SÉCULO XX.....	37
1.5 DO EMPREENDEDOR DE SI AO <i>SUJEITO DE DESEMPENHO</i> EM HAN.....	45
2. MINHA ENTRADA NO CAMPO	53
2.1 A APRESENTAÇÃO DO MEU EU: PESQUISADOR.....	53
2.2 A BUSCA PELO OBJETO DA PESQUISA.....	57
2.3 CONSTRUINDO AS QUESTÕES METODOLÓGICAS.....	60
2.3.1 INTERLOCUTORES E LOCAL DA PESQUISA.....	63
2.3.2 FERRAMENTAS PARA COLETA DE DADOS.....	66
2.3.3 COLETANDO OS DADOS.....	67
2.3.4 PROCEDIMENTO DE ANÁLISE DE DADOS.....	69
3. O CURSO PREPARATÓRIO	71
3.1 ESTRUTURA FÍSICA.....	71
3.2 REGIÃO DE FACHADA.....	72
3.3 REGIÃO DE FUNDO.....	74
3.4 SÍTIO DIGITAL E REDES SOCIAIS DIGITAIS.....	75
3.5 ROTINA DO CURSO PREPARATÓRIO PARA CONCURSOS.....	77
4. OS ATORES E EQUIPE DE PALCO	83
4.1 CONCEITO DE CONCURSEIRO.....	84
4.2 EQUIPE DE PALCO: <i>PROFESSORES E COACH PARA CONCURSOS</i>	91
4.3 PERFIL SÓCIO-POLÍTICO E ECONÔMICO.....	96
4.4 TEMPO DEDICADO PARA CONCURSOS EM ANOS.....	107
4.5 ROTINA DOS CONCURSEIROS.....	112
4.6 MELHORAMENTO COGNITIVO.....	117
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	127
6. REFERÊNCIAS	134
APÊNDICE.....	150
ANEXOS.....	155

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Entrevistados por gênero	97
Tabela 2: Entrevistados por estado civil.....	97
Tabela 3: Entrevistados por formação profissional e ano de conclusão da graduação.....	98
Tabela 4: Entrevistados por local de moradia	102
Tabela 5: Entrevistados por renda familiar média em salário mínimo	104
Tabela 6: Entrevistados por escolha de religião.....	105
Tabela 7: Entrevistado por tempo de estudos para concursos em anos	107

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Entrevistados por faixa etária	98
Gráfico 2: Entrevistados por cor da pele segundo parâmetros do IBGE	101
Grafico 3: Entrevistados por escolha de carreiras.....	105
Grafico 4: Entrevistados por espectro político	107
Grafico 5: Usuários por uso de nootrópicos	119
Grafico 6: Tipos de nootrópicos citados espontaneamente pelos entrevistados.....	119
Grafico 7: usuários por conhecimento do uso de metilfenidato - Ritalina®.....	121

RESUMO

AUGUSTO FILHO, Florencio, M.Sc, Universidade Vila Velha – ES, Maio de 2020.

APRIMORAMENTO COGNITIVO E CONCURSEIROS: UM ESTUDO ETNOGRÁFICO SOBRE O SUJEITO DO DESEMPENHO EM VITÓRIA/ES.

Orientador: Pablo Ornelas Rosa.

Esta dissertação de mestrado que tratou-se de uma pesquisa etnográfica tendo como objeto de investigação os concurseiros de um curso preparatório para concursos presencial na capital Vitória/ES, com o objetivo de compreender as razões que levam os concurseiros à dedicação aos estudos e melhora do desempenho em um cenário caracterizado pela racionalidade neoliberal segundo a analítica do empreendedor de si de Michel Foucault, assim como do sujeito do desempenho evidenciado por Byung-Chul Han. Tratou-se de pesquisa qualitativa realizada entre dezembro de 2019 a fevereiro de 2020, com coleta de dados nas diversas ferramentas utilizadas nos estudos etnográficos, como questionário semiaberto, entrevista individuais e semi estruturadas orientadas por questionário, pesquisas nas redes sociais e no sítio oficial da organização social e diário de campo. Foram selecionados de forma voluntária, 14 concurseiros egressos de um total de 16 que fazem parte do grupo de concurseiros que frequentam os cursos presenciais e que estudam individualmente nas salas de estudo rotineiramente em um curso preparatório para concursos localizado no município de Vitória, capital do estado do Espírito Santo, cuja análise foi realizada através de uma abordagem quanti-qualitativa, através da técnica de análise circunscrita a uma perspectiva goffmaniana, utilizando a metáfora teatral, tendo como base o livro *A representação do Eu na vida cotidiana*. Após a análise, foram construídos os capítulos 3 e 4 que apresentam o concurseiro e suas características sociopolíticas e econômicas, cujas rotinas, regiões de fachada e de fundos em suas dimensões da realidade física e digital se interagem com os concurseiros na produção das relações de poder-saber oriundos suas subjetividades que os influenciam para uma vida de dedicação aos estudos, reorientação do aproveitamento do tempo diário para as atividades de estudo com o intuito em passar nos concursos públicos em detrimento de renúncias do tempo destinado para as demais interações sociais e até mesmo afetivas. Nas considerações finais, encontramos um sujeito de interesses, concurseiro egresso que atua de forma individualizante, exigente, proativo e acelerado como a própria razão neoliberal que o concebeu. Realiza seus estudos em um ambiente saturado de promessas e afirmações, que também sofrem influências pela busca da performance através do uso de substâncias estimulantes da mente, as smart drugs. Este sujeito do desempenho acredita que os fins para uma carreira pública promissora justificam os sacrifícios socioafetivos como meio para alcançá-los.

Palavras chaves: *Homo oeconomicus, Empreendedor de si, Sujeito de desempenho, Concurseiro e Melhoria cognitiva*

ABSTRACT

AUGUSTO FILHO, Florencio, M.Sc, Universidade Vila Velha – ES, Maio de 2020.

COGNITIVE IMPROVEMENT AND CANDIDATE (CONCURSEIROS): AN ETHNOGRAPHIC STUDY ON THE SUBJECT OF PERFORMANCE IN VITÓRIA /

ES. Orientador: Pablo Ornelas Rosa.

This master's dissertation that deals with ethnographic research, having as its object of investigation the offerers of a preparatory course for presidential contests in the capital Vitória / ES, with the objective of understanding how reasons that lead the offerers to dedication to studies and improve performance in a scenario chosen by the neoliberal rationality according to the analytic of Michel Folcault's entrepreneur, as well as the subject of the performance evidenced by Byung-Chul Han. It was a qualitative research conducted between December 2019 and February 2020, with data collection in the various tools used in ethnographic studies, such as semi-open questionnaire, individual and semi-structured interviews guided by questionnaire, research on social networks and at the official site social organization and field diary. 14 concurseiros egressos were selected voluntarily and out of a total of 16 who are part of the group of concurseiros egressos who attend on-site courses and who study in the study rooms routinely in a preparatory course for competitions located in the city of Vitória, capital of the state from Espírito Santo, face-to-face and studying in the study rooms routinely in a preparatory course for competitions located in the city of Vitória, capital of the state of Espírito Santo, whose analysis was carried out through a quantitative-qualitative approach, using the analysis technique circumscribed to a Goffmanian perspective , using a theatrical method, having as basis or book *The representation of the Self in everyday life*. After an analysis, chapters 3 and 4 were built, which show the grantor and his socio-political and economic characteristics, routines, facade regions and backgrounds in their dimensions of physical and digital reality, interact with executives in the production of power relations - knowing creates its subjectivities that influence a life of dedication to studies, reorienting the use of daily time for study activities in order to pass public tenders in detriment of waiving the time allotted for other social and even affective interactions. In the final considerations, find a subject of interest, grant rights of administrator who acts in an individual, demanding, proactive and accelerated way as a neoliberal or identified reason. Conduct your studies in an environment saturated with promises and statements, which also affects performance research through the use of mind-stimulating substances, such as smart drugs. This adequate performance believes that fins for a promising public career justify socio-affective sacrifices as a means to achieve them.

Keywords: *Homo oeconomicus, Entrepreneur of self, Subject of performance, Concurseiro and Cognitive improvement*

INTRODUÇÃO

Esta dissertação de mestrado, que tratou de uma pesquisa etnográfica tendo como objeto de investigação os concurreiros de uma escola preparatória para concursos públicos da região metropolitana de Vitória/ES e suas estratégias de estudos abarcadas inclusive pelo consumo das conhecidas *smart drugs*, foi desenvolvida a partir do início de 2018, junto ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política – PPGSP da Universidade Vila Velha - UVV, tendo como orientador o Professor Doutor Pablo Ornelas Rosa. Contudo, antes de iniciar a apresentação da pesquisa propriamente dita, se faz necessário descrever um pouco da minha trajetória acadêmica, no sentido de evidenciar a forma pela qual cheguei a esse objeto de investigação e como ele passou a ser evidenciado nesse trabalho acadêmico.

Atuo ativamente como enfermeiro há 20 anos na área de Saúde e na Educação. Nesse sentido, parto da premissa de que o enfermeiro é um profissional da área de saúde, que atua de forma generalista, operando em diversas áreas como gestão, administração, assistência, ensino e pesquisa, embora geralmente seja encontrado na linha de frente na assistência em saúde. Comigo não foi diferente, tendo em vista que atuo na principal Unidade de Urgência em Saúde Mental do Espírito Santo, convivendo continuamente com diversas situações que levam o sujeito ao esgotamento físico e mental.

Na educação, leciono e coordeno os cursos técnico e de graduação em enfermagem, em uma faculdade particular na região metropolitana de Vitória/ES. O fato de estar familiarizado com pesquisas quantitativas na área da saúde (que são muito comuns), fez com que eu tivesse acesso a uma grande oportunidade para o meu aperfeiçoamento na investigação qualitativa e um grande desafio frente aos estudos epistemológicos em ciências humanas, um verdadeiro remodelamento da forma de ver, pensar e agir, trazendo um grande enriquecimento do ponto de vista teórico e metodológico.

Antes de assumir este empreendimento, sempre busquei aproveitar os pequenos momentos de lazer para descansar e recuperar forças para continuar trabalhando e sempre consegui manter o ritmo sem necessidade de buscar alternativas para o aumento de meus esforços. Contudo, com o passar do tempo, além dos esforços com

o mestrado, minhas atividades laborais foram se tornando mais complexas e com elas, também vieram maiores responsabilidades exigindo maiores esforços em atingir metas e melhorar indicadores. Como consequência, o tempo para atividades lúdicas e descanso, bem como para o condicionamento físico, reduziram drasticamente.

Na docência, o aumento da concorrência e a redução do número de vagas para trabalho, foram os motivos que me levaram a iniciar o mestrado, como forma de capitalização de minha força de trabalho. Ou seja, procurei investir em mim mesmo, como qualquer trabalhador na atualidade faz frente aos desafios da empregabilidade. Como consequência, prejudiquei a minha qualidade de vida, assumindo uma sobrecarga de atividades, que me levaram a um enorme desgaste físico e mental, no qual fui obrigado a procurar ajuda médica.

Pochmann (2015), indica que no Brasil, na última década iniciou-se uma mudança considerável na evolução do mercado de trabalho. Além do desemprego estar em crescimento, o salário perdeu o poder aquisitivo. Em 2015, por exemplo, o autor afirma que o salário médio reduziu em 4,7% e a taxa de desemprego foi elevada em 41,5%. O autor afirma ainda que o desemprego na atualidade está sendo influenciado não somente pela queda da oferta de emprego, mas também pela expansão da força de trabalho, ou seja, a entrada de mais pessoas no mercado. Com mais pessoas disputando o mercado de trabalho, há aumento da competitividade, redução da renda média e a precarização das condições laborais.

Como podemos verificar, os impactos e consequências da dinâmica concorrencial pela manutenção do trabalho na atualidade, é um fato vivenciado não só por mim e pelos demais trabalhadores, mas atinge também aos ingressantes do mercado de trabalho, no qual, muitos optam em focar seus estudos para concorrerem à carreiras públicas, passando a ser chamados, portanto, de concurseiros, que são objeto de nosso estudo.

Ao prefaciá-lo o livro intitulado *A crise estrutural do capital*, Ricardo Antunes (2009) afirma que a conjuntura na qual estamos vivenciando que decorre das consequências do modelo neoliberal global e da desregulamentação do trabalho começaram a ser corroídas pelo que o autor chama de *empreendedorismo, cooperativismo, trabalho voluntário e trabalho atípico*, tendo em vista que as atividades laborais passaram a ocorrer por meio da precarização do trabalho, da exploração ou, no caso do

empreendedorismo, da autoexploração. Além disso, o autor também afirma que este modelo pós-liberal é responsável pela exploração do desemprego.

No livro *Nascimento da biopolítica*, baseado nos cursos ministrados por Foucault (2008a) no *Collège de France* em 1979, o autor discorre sobre o conceito de neoliberalismo americano (tratado também como estadunidense) que, a partir da década de 1960, sofre mudanças nos seus mecanismos de troca, de produção e consumo, passando a operar através de investimentos no próprio indivíduo. Influenciados pela Teoria do Capital Humano estadunidense, o pensamento acerca das relações entre governantes e governados, agora também passa a se dar por um viés econômico (LÓPEZ-RUIZ, 2008).

O *capital humano* é composto das capacidades, destrezas e habilidades dos indivíduos agregados ao seu potencial valor econômico, sendo, portanto, um produto de investimentos prévios produzidos pelo próprio indivíduo, conforme mostrou Lopez-Ruiz (2008). Todavia, o autor ainda afirma que Foucault, não tinha dúvidas que os economistas estadunidenses (sobretudo, os pertencentes à escola de Chicago) se interessavam pelos trabalhadores que buscavam a diferenciação no trabalho e no investimento de habilidades específicas para que ocorresse uma melhoria da produção.

Foucault (2008a) evidencia que no final do século XVIII, a partir da emergência da tradição liberal clássica apresentada por Adam Smith em seu livro *A riqueza das nações* (1776), o trabalho assumiu uma dimensão valorativa, embora na atualidade tenha começado a sinalizar para o surgimento de um sujeito, que vive agora, sob uma perspectiva utilitária radicalizada decorrente desse novo sujeito que nasce no contexto biopolítico chamado pelo autor de *homo oeconomicus*.

Todavia, uma vez implantada plenamente a divisão do trabalho, são muito poucas as necessidades que o homem consegue atender com o produto de seu próprio trabalho. A maior parte delas deverá ser atendida com o produto do trabalho de outros, e o homem será então rico ou pobre, conforme a quantidade de serviço alheio que está em condições de encomendar ou comprar. Portanto, o valor de qualquer mercadoria, para a pessoa que a possui, mas não tenciona usá-la ou consumi-la ela própria, senão trocá-la por outros bens, é igual à quantidade de trabalho que essa mercadoria lhe dá condições de comprar ou comandar. Consequentemente, o trabalho é a medida real do valor de troca de todas as mercadorias. O preço real de cada coisa — ou seja, o que ela custa à pessoa que deseja adquiri-la — é o trabalho e o incômodo que custa a sua aquisição. O valor real de cada coisa, para a pessoa que a adquiriu e deseja vendê-la ou trocá-la por qualquer outra coisa, é o trabalho e o incômodo que a pessoa pode poupar a si mesma e

pode impor a outros. [...] O que é comprado com dinheiro ou com bens, é adquirido pelo trabalho, tanto quanto aquilo que adquirimos com o nosso próprio trabalho. Aquele dinheiro ou aqueles bens na realidade nos poupam este trabalho. Eles contêm o valor de uma certa quantidade de trabalho que permutamos por aquilo que, na ocasião, supomos conter o valor de uma quantidade igual. O trabalho foi o primeiro preço, o dinheiro de compra original que foi pago por todas as coisas (SMITH, 1983, p. 87).

Costa (2009), afirma que o que importa para os economistas da escola de Chicago é a análise da relação custo/benefício e, sobretudo, acerca de como é que o indivíduo trabalhador investe em si para melhor se destacar no mercado de trabalho. Ou seja, o *homo oeconomicus* cognominado por Foucault decorre de processos de sujeições e assujeitamentos promovidos pela governamentalidade neoliberal e toda a sua racionalidade que se traduz na teoria do capital humano.

Batista e Guimarães (2009), em sua pesquisa a partir de uma perspectiva foucaultiana sobre a gestão do trabalho, explicam que as questões relativas ao trabalho, devem ser entendidas e estudadas além das perspectivas econômicas. Há outros conjuntos de relações, que atuam sobre os sujeitos, e suas relações sociais, coordenadas subjetivamente por intrincadas tecnologias políticas. O trabalhador sofre reconversão de valores, através da produção de verdades e de pensamentos utilitários.

Segundo Martins (2014, p. 29) em um ensaio sobre a lógica utilitarista de Marcel Mauss¹, afirma que o vínculo mútuo de interesses econômicos entre o Estado e o mercado produz um sujeito que só enxerga sobre a ótica financeira, no qual o próprio Mauss (1999) o classifica como o ser humano que é “essencialmente egoísta e calculador”. O sistema neoliberal reduz todo o pensamento complexo abarcado pela diversidade de formas de se vivenciar a condição humana, no qual os fatores culturais, morais, ambientais, estéticos e sociais deixam de existir e somente sobrevive uma simples racionalidade, situada pelo fator econômico mercantil e, sobretudo, utilitário, que visa apenas ganhos.

Partindo de uma perspectiva pós-estruturalista amparada nos escritos de Deleuze e Guattari, Luz e Silva (2008) explicam que a produção desses novos processos de subjetivação na relação trabalhador\trabalho produzem novas linhas de fuga e

¹ Marcel Mauss (1872-1950), antropólogo e etnólogo francês, sobrinho de Émile Durkheim, é o pensador dos fundamentos da solidariedade nas sociedades, no qual acreditava “que valor das coisas não pode ser superior ao valor da relação e que o simbolismo é fundamental para a vida social”. Em 1981 é fundada uma revista interdisciplinar chama de *Revue du M.A.U.S.S.* - Movimento Anti-Utilitarista nas Ciências Sociais, editada e fundada por Alain Caillé, tendo como expoentes David Graeber, Paul Ariès entre outros (MARTINS, 2005, p. 46).

reterritorializações pelo capital, criando uma pluralidade de modos de produção. Luz e Silva (2008) citam como exemplo acerca dessas novas linhas de fuga, a busca por cursos preparatórios para concurso público, que é justamente o local em que foi desenvolvida essa pesquisa de mestrado em sociologia política, tendo como objeto os modos de subjetivação daqueles sujeitos que passaram a dedicar as suas vidas ao cumprimento do desafio de alcançar o sucesso profissional com o ingresso em carreira pretensamente estável decorrente da aprovação nesse tipo de concurso.

Segundo Foucault (2008a), com o neoliberalismo o *homo oeconomicus* deixa de ser visto como o parceiro da troca e passa a ser compreendido como um empreendedor de si mesmo, sendo o seu próprio produtor e representando o seu próprio capital, na medida em que ele é a sua própria fonte de rendimentos. Isso fica evidente na medida em que, nessa perspectiva, o que ganha centralidade é a questão do “sujeito de interesse” e das suas escolhas, ou seja, a análise da alocação dos recursos mediante o cálculo feito por determinado indivíduo para a destinação de tais recursos (FONTENELLE, 2007).

Na racionalidade neoliberal, este sujeito, que opera a partir daquilo que Foucault (2008a) chamou de empreendedorismo de si, pode ser encontrado em cursos preparatórios para concurso público ou em outros contextos, que vão da mídia, política, aplicações financeiras² para o público não especializado, para simplificação da burocracia governamental para o microempreendedor³ chegando aos cursos online⁴, com promessas de estudo nos *tempos livres*.

² Exemplo de financeirização para públicos não especializados: outro aspecto marcante no modelo liberal é o estímulo ao investimento em capital improdutivo, também chamado de finaceirização. Temos um exemplo recente que foi chamado na mídia (ISTO É, 2019), como o “caso Bettina”, na qual a modelo Bettina Dick Rudolph participa de uma campanha publicitária para uma empresa de investimentos financeiros, afirmando um alto ganho de capital em pouco tempo. Além de causar polêmica sobre a veracidade dos dados apresentados em poucos segundos de vídeo, alcançou o topo dos comentários de uma das principais redes sociais na época, ocasionando multa à empresa de investimento financeiro. Sua fala começa assim: “Oi, meu nome é Bettina, tenho 22 anos e um milhão e quarenta e dois mil reais de patrimônio acumulado” (MORNING SHOW, 2019).

³ Exemplo de simplificação para o microempreendedor: em 15 de junho de 2019. O Banco do Brasil lançou um material audiovisual de propaganda (ANEXO 1) no youtube incentivando as pessoas a abrirem pequenas empresas ou expandi-las, em uma modalidade de contrato de trabalho, no qual o sujeito não se apresenta como trabalhador, e sim como empreendedor, regido pelas leis das empresas, na qual se trabalha através de metas de acordo com as demandas do mercado de trabalho. O texto inicia assim: “Era funcionária, virei dono; Era loja, virou franquia, era ideia, mas com o BB, virou negócio [...]” (BANCO DO BRASIL, 2019).

⁴ outro exemplo do sujeito empreendedor de si está no material produzido pela empresa de marketing *Três comunicação 360*, para a rede de ensino *Doctum*, (ANEXO 2) no qual, em 17 segundos, questiona o telespectador: “Vamos estudar?” e completa: “Escolha o local, dia e hora! “Sim! Isso é possível!” (TRÊS COMUNICAÇÃO 360, 2016). Han (2017), explica em seu livro a sociedade do cansaço, que vivemos na era do sujeito do desempenho, que vive no excesso de positividade, que trocou o “tu deves” pelo “nós podemos”.

Silva (2004), em seu estudo sobre a inserção de jovens diplomados no mercado de trabalho, constatou que a insegurança gerada a esses recém diplomados decorre de um mercado de trabalho competitivo, precarizado e com alto índice de desemprego. É justamente a partir destas preocupações que eles acabam sendo levados a procurarem a carreira pública com a esperança da estabilidade financeira (ALBRECHT; KRAWULSKI, 2011).

Albrecht e Krawulski (2011) convergem acerca de certos entendimentos sobre o que estamos chamando de concurseiros, na medida em que acrescentam que o grau de dificuldade para a aprovação nos concursos públicos leva os indivíduos interessados à procura de cursos preparatórios especializados, almejando principalmente a estabilidade do emprego ofertado pelo Estado através de editais que operam por meio de critérios meritocráticos. Para uma legitimação da produção da verdade, os docentes selecionados para os cursos preparatórios possuem elevado histórico acadêmico ou de sucesso, sobretudo, no que se refere à aprovação nos concursos. Ou seja, a grande parte destes professores é concursado nas diversas pastas públicas, como o Poder Judiciário, Ministério Público, Receita Federal ou são renomados docentes universitários.

Os autores relatam que os docentes, por estarem nos altos cargos públicos, se tornam pontos de referência para o sucesso, nos quais, qualquer “fala” ou “dica” produz verdades orientadas geralmente por métodos e técnicas de reprodução de informações que são seguidos como caminhos para alcançar uma prosperidade profissional (ALBRECHT; KRAWULSKI, 2011).

A compreensão acerca da noção de empreendedorismo de si⁵ apresentada por Foucault (2008a) possibilita entender que o sujeito histórico do século XXI está migrando de um contexto biopolítico⁶, também abarcado pelo poder disciplinar, coadunando, portanto, uma biopolítica populacional com uma anátomo política do corpo, que agora passa a operar como sociedade de desempenho, tendo em vista que não são mais os indivíduos da obediência que preponderam nesse contexto, mas os indivíduos do desempenho e da produção (psicopolítica⁷), conforme mostrou Byung-Chul Han (2017) ao tratar da autoexploração, orientados por metas condicionadas pelos próprios sujeitos que visam não a busca por conhecimento, mas pela aprovação no concurso que garantiria, portanto, a tão procurada estabilidade financeira.

Corbanezi (2015, p. 143) explica que a atual necessidade de performance do sujeito, na concepção do empreendedorismo de si, leva-o a busca da melhoria do desempenho, colocando-o em um jogo de sucesso ou fracasso. Ele afirma, demonstrando que na própria nosologia do termo depressão, cita como sintomas a “ausência ou a disfunção na capacidade de desempenho”. Devido a esta realidade, do sujeito de desempenho, os concurreiros também estão incluídos nesta nova racionalização, com suas buscas pelas mais altas pontuações, que a cada dia se tornam mais difíceis devido à redução dos concursos públicos. É imprescindível estudarmos seus modos de subjetivação e comportamentos sociais, para contribuirmos com a discussão sobre a problemática da autoexploração do sujeito e suas consequências à saúde coletiva e do trabalhador.

As práticas neoliberais, que transformam a livre concorrência em modo de vida, com mais liberdade e transparência, também gera novas coações. Para Han (2017), as condições de senhor e escravo ainda sobrevivem, mas agora o próprio senhor se tornou um escravo do trabalho. Este sujeito de desempenho, vive em uma sociedade do cansaço, onde busca lentamente através do doping neural continuar e perpetuar sua possibilidade de produção.

Han (2017) afirma que este indivíduo afastou a negatividade acerca da expressão “doping” e a substituiu por uma postura mais ativa afirmativamente, chamada de *neuro-enhancement*⁸ (melhoramento cognitivo), acreditando que agora, como “máquina do desempenho”, possa fugir das perturbações mentais e maximizar a sua produção.

⁵ Foucault se tornou um autor imprescindível para tratar do século XXI justamente porque foi a partir da noção de empreendedorismo de si que Han apresentou o que chama de sujeito de desempenho.

⁶ Biopolítica, criado pelo filósofo francês Michel Foucault, significa uma forma de poder do Governos aplicado aos indivíduos em sua coletividade, como prática de controle e normatização, com o intuito de regulação do corpo e da saúde. Utilizando discursos cientificados, principalmente da medicina, podem variar de técnicas de controle populacional e normatização de comportamentos sociais. Suas práticas são através de implementações normativas pelo Governo e governamentalizadas junto à população. Estas práticas são chamadas de biopoder.

⁷ Conceito concebido pelo filósofo sul coreano Byung-Chul Han, a psicopolítica é entendida como uma técnica de subjetivação, que ao contrário do poder disciplinar, recorre a formas sutis de dominação, mascaradas em ações amáveis, inteligentes e sedutoras. O sujeito recebe a submissão e não possui a consciência dela, por acreditar que se encontra nos seus direitos de liberdade. Através da coleta de dados do sujeito, muitos ofertados voluntariamente, outros colhidos dos sistemas de informação, é possível prever vontades, desejos e submetê-lo sutilmente a novas racionalidades.

⁸ também conhecido como aprimoramento cognitivo, ou por cognitive enhancement, é definido como aumento e extensão de capacidades cognitivas e de outras habilidades da mente. Este processo se dá através de tecnologias cognitivas. As áreas da mente que se buscam pelo aperfeiçoamento, são geralmente a percepção, atenção, compreensão e memória.

Barros e Ortega (2011), afirmam que a discussão ética sobre o aprimoramento cognitivo vem crescendo nos últimos anos e decorre do aumento do uso de drogas estimulantes por parte dos concurseiros que as utilizam visando melhorar os rendimentos nos estudos, tornando-se um sério risco para a saúde pública. Quanto as questões éticas, neste mesmo estudo exploratório que contou com 20 universitários interrogados sobre o aprimoramento cognitivo, os autores, relatam que os entrevistados demonstraram uma grande tolerância às práticas que levam as alterações neurobiológicas, inclusive, por uso de substâncias estimulantes, não se sentindo feridos moralmente acerca destas práticas.

Numa sociedade cada vez mais acelerada pelas inovações tecnológicas, muitas pessoas buscam minimizar a exaustão, reduzir o sono ou mesmo maximizar suas capacidades intelectuais e físicas através de drogas, cada vez mais acessíveis (MORGAN et al, 2017). Crary (2014) afirma que essa racionalidade de produção ininterrupta do sujeito neoliberal, promovidas pelas necessidades do mercado econômico levam o sujeito a quebrar suas relações com o tempo. Então, busca-se através da farmacologia e do marketing de massa uma forma de se manter mais tempo acordado, produzindo e consumindo de forma hiperconectada.

Esta pesquisa objetiva compreender as razões que levam os concurseiros à dedicação aos estudos e melhoras do desempenho em um cenário caracterizado pela racionalidade neoliberal segundo a analítica da governamentalidade e do empreendedorismo de si de Michel Foucault (1998), assim como do sujeito de desempenho evidenciado por Byung-Chul Han (2017). Para alcançarmos estes objetivos é imprescindível caracterizar os concurseiros através dos aspectos sociais, políticos e econômicos, averiguando também o ambiente educacional de preparação para os concursos públicos e identificando as técnicas utilizadas para a melhoria do desempenho. Diante disso, partiremos de um debate acerca da analítica da governamentalidade e do empreendedorismo de si desenvolvidas nas pesquisas de Michel Foucault (1998) sobre biopolítica, assim como consideraremos os condicionamentos acerca do sujeito de desempenho apresentados por Byung-Chul Han (2017) sob a percepção dos concurseiros frente à racionalidade neoliberal.

No que se refere a estrutura, esta dissertação foi dividida em 4 capítulos, sendo que o primeiro capítulo foi apresentado na qualificação em uma formatação acadêmica distinta desta dissertação, em um formato chamado de memorial de qualificação.

Apresentaremos o capítulo 1 através de uma analítica foucaultiana, sobretudo, no que se refere à genealogia do poder, versando sobre o contexto da biopolítica que passou a produzir certo sujeito histórico de interesse, que paulatinamente foi se transformando em um *homo oeconomicus* motivado principalmente por ganhos e orientado pela racionalidade neoliberal, conforme mostrou Foucault (2008a) em seu curso ministrado no *Còllege de France* entre 1978 e 1979, que resultou no livro *Nascimento da biopolítica*, e na analítica do filósofo Byung-Chul Han (2017) sobre o empreendedorismo de si de Foucault, por meio do sujeito de desempenho, que subjetiva-se no contexto da psicopolítica (HAN, 2014).

Sendo assim, este capítulo inicial propõe o desenvolvimento de uma análise acerca dos modos de subjetivação encontrados por Foucault (2008a) ao tratar da racionalidade neoliberal a partir do século XX, bem como os seus desdobramentos sobre o biopoder que passaram a orientar a produção de um novo sujeito histórico que busca o aumento do seu desempenho (através do empreendedorismo de si), visando alcançar certa realização profissional e emancipação financeira, no qual, acredita ser o caminho para alcançar seus direitos e liberdades.

As análises de Foucault (2008a) sobre a biopolítica apresentadas em seu curso ministrado no *Còllege de France* entre 1978 e 1979, retomam a discussão sobre as transformações e as novas relações de poder encontradas nas diversas esferas que perpassam não apenas uma razão de Estado, mas, sobretudo, uma razão governamental. Contudo, essa arte de governar, tratada como governamentalidade, conforme sustentou o autor, foi apresentada principalmente em seu curso proferido no *Còllege de France*, no ano anterior, em 1978, que resultou no livro intitulado *Segurança Território, População* (FOUCAULT, 2008b).

Buscando preencher lacunas do pensamento de Foucault devido a mudanças no contexto social-político-econômico das últimas décadas, utilizaremos também em nossas análises os pensamentos do filósofo Byung-Chul Han sobre o empreendedorismo de si, por meio do sujeito de desempenho, do contexto pós-disciplinar, da aceleração, do positivo e do empoderado ao limite. A fundamentação sobre os pensamentos de Byung-Chul Han, estão desenvolvidos nos livros: *Psicopolítica: neoliberalismo y nuevas técnicas de poder* e *Sociedade do cansaço* (HAN, 2014; HAN, 2017).

O capítulo 2 apresenta a jornada do pesquisador rumo ao desenvolvimento da pesquisa, iniciando um processo de desterritorialização e reterritorialização na busca da construção de novos saberes em uma prática libertadora, sem, contudo, abandonar a sua própria história. Esta dinâmica pautada no (des)construtivismo, também gerou paradigmas a serem vencidos, haja vista que o pesquisador também está inserido no contexto social contemporâneo, gerador de coerções e subjetividades.

Este segundo capítulo também trata da busca pelo objeto da pesquisa, o que possibilitou ao pesquisador e seu orientador delinear os aspectos metodológicos e suas técnicas para serem aplicadas de forma a preservar a realidade social do grupo estudado e desenvolver uma análise acerca de todos os fenômenos sociais possíveis encontrados, permitindo a apresentação clara dos dados, tendo o máximo de cuidado, pois conforme afirma Sant'ana (2010, p. 371), “[...] toda pesquisa de campo é participante, pois, mesmo na pesquisa de campo baseada em contrato deliberado de não intervenção, sempre existe alguma interferência do jogo relacional nascido das interações pesquisador-pesquisado naquilo que é pesquisado [...]”.

No capítulo 3 descreveremos o curso preparatório para concursos públicos, campo de observação de nossa pesquisa, suas rotinas, regiões de fachada e de fundos. Veremos como a Instituição educacional se comporta no mundo físico e virtual e de que maneira interagem com suas plateias e produz suas relações de poder-saber.

No capítulo 4 apresentaremos por fim, o sujeito de interesses, disciplinado e adaptado às racionalidades do mercado econômico liberal. O *homo oeconomicus* evidenciado por Foucault (2008a), sob a indumentária de concurseiro que busca na força do capital humano sua estratégia para o que acredita ser o sucesso e reconhecimento social: a estabilidade no trabalho e a remuneração alta dos principais cargos públicos. Com as novas subjetividades positivas deste século, este sujeito encontra-se agora dócil e dedicado, e não percebe que os braceletes construídos por si mesmo, para ornamentar as suas mãos nobres, na verdade são os mesmo grilhões dos escravos nietzschianos que os forçam a renunciar as suas relações socioafetivas em suas dimensões temporais. Apresentaremos neste capítulo os concurseiros que, com disciplina, foco e metas (verdadeiros empresários de si), buscam com todas as suas forças e estratégias passar nos escassos cargos públicos que ainda existem no modelo neoliberal.

CAPÍTULO 1 - MODELO NEOLIBERAL E O SUJEITO DO DESEMPENHO

Neste capítulo, apresentamos a analítica foucaultiana, sobretudo, no que se refere à genealogia do poder, versando sobre o contexto da biopolítica que passou a produzir certo sujeito histórico que paulatinamente foi se transformando em um *homo oeconomicus* motivado principalmente por ganhos e orientado pela racionalidade neoliberal, conforme mostrou Foucault (2008a).

Sendo assim, este capítulo inicial propõe o desenvolvimento de uma análise acerca dos modos de subjetivação encontrados por Foucault (2008a) ao tratar da racionalidade neoliberal a partir do século XX, bem como os seus desdobramentos sobre o biopoder que passaram a orientar a produção de um novo sujeito histórico que visa o aumento do seu desempenho (através do empreendedorismo de si), conforme sustentou Han (2017), visando alcançar certa realização profissional e emancipação financeira, no qual, acredita ser o caminho para alcançar seus direitos e liberdades.

As análises de Foucault (2008a) sobre a biopolítica apresentadas em seu curso ministrado no Collège de France entre 1978 e 1979, que resultou no livro *Nascimento da biopolítica*, retomam a discussão sobre as transformações e as novas relações de poder encontradas nas diversas esferas que perpassam não apenas uma razão de Estado, mas, sobretudo, uma razão governamental. Contudo, essa arte de governar, tratada como governamentalidade, conforme sustentou o autor, foi apresentada principalmente em seu curso proferido no Collège de France, no ano anterior, em 1978, que resultou no livro intitulado *Segurança Território, População* (FOUCAULT, 2008b).

Buscando preencher lacunas do pensamento de Foucault (2008a) devido a mudanças no contexto social-político-econômico das últimas décadas, utilizaremos também em nossas análises os pensamentos do filósofo Byung-Chul Han⁹ sobre o empreendedorismo de si, por meio do sujeito do desempenho, pós-disciplinar, acelerado, positivo e empoderado ao limite.

1.1 Antecedentes do Neoliberalismo.

Para Foucault (2008a), a genealogia do liberalismo parte da necessidade da flexibilização das práticas governamentais após o século XVII, tratadas por ele como Estado de Polícia. Este governo regulado pela intervenção e vigilância tinha como objetivo o controle acerca das atividades humanas, na busca pelo desenvolvimento e fortalecimento do próprio Estado.

No século XVIII, surgem as ideias apresentadas pelos fisiocratas (chamado pelo autor de governo da natureza), no qual acreditavam que as riquezas das nações estavam atreladas ao valor das terras cultiváveis e seus excedentes da produção (trabalho produtivo). Visavam o mercado livre de intervenções do Estado, no qual afirmavam que os preços se regulamentariam de acordo com os mecanismos naturais. Todavia, Foucault (2008a) afirmava que mesmo no liberalismo já havia o entendimento da liberdade econômica, mas ela não estava atrelada a uma regulamentação jurídica, e sim a uma regulamentação espontânea, natural, ditada e, portanto, gerida por certo entendimento acerca da natureza.

Para Danner (2011), o mercado liberal surge em meados do século XVII deixando de ser um lugar de justiça, seja pela regulação das mercadorias ou dos preços (ou por controle e proteção contra fraudes) passando para o lugar de verificação, do verdadeiro preço. Para Foucault (2008a), é esta mecânica, a da verdade, que será incorporada nas práticas governamentais. Para os autores, um bom governo para o mercado liberal será aquele que, enxergando as verdades, darão voz e legitimação para elas.

O mercado que surgiu em meados do século XVII não era necessariamente um lugar de jurisdição, tendo em vista que ele apareceu inicialmente ao mesmo tempo de duas formas: De um lado, era algo que obedecia ou deveria

⁹ apesar de Byung-Chul Han, se basear em diversas análises foucaultianas, o autor acredita que o os pensamentos traçados por Foucault (2008a, p.130) encontrado no livro *nascimento da biopolítica*, tratavam da biopolítica somente quando Foucault discursava sobre a genealogia do liberalismo: "(Só depois que soubermos o que era esse regime governamental chamado liberalismo é que poderemos, parece-me, aprender o que é a biopolítica)". Portanto, Han (2014, p. 39) afirma que Foucault não possuía clareza em afirmar que as práticas da biopolítica eram adequadas para modelo neoliberal atual. No livro *Psicopolítica: o neoliberalismo e as novas técnicas de poder* (HAN, 2014), Han toma o cuidado de explicar que não reconhece as subjetividades produzidas pelo neoliberalismo atual como produção de poder dominante e disciplinar sobre os sujeitos para o aumento da produtividade voltadas unicamente para o biológico, para o corpo somático. Para o autor, o corpo passa a sofrer coerções produzidas não pela necessidade de aumento de produção e sim pela valorização da estética e do ganho técnico-sanitário, podendo ser explorados e comercializados como produto. Ou seja, o corpo na essência material não é mais o centro motriz para produção das coerções de desempenho produtivo e sim a psiquê através do melhoramento cognitivo. Han é enfático em explicar que as observações de Foucault (2008a) no livro *nascimento da biopolítica* ou em outras literaturas anteriores aos anos oitenta do mesmo autor, não podem ser usadas para analisar o *homo oeconomicus* e suas produções de poder na contemporaneidade. Han (2014) aponta que a partir dos anos de 1980, Foucault inicia seus estudos sobre as *tecnologias do eu*, desenvolvendo assim uma abordagem distinta das técnicas de poder e dominação.

obedecer a mecanismos “naturais”*, isto é, mecanismos espontâneos, ainda que não seja possível apreendê-los em sua complexidade; de outro lado — e é a partir desse segundo sentido que o mercado se tornou um lugar de verdade —, não só deixava aparecer os mecanismos naturais, como esses mecanismos naturais, quando deixavam de agir, possibilitavam a formação de certo preço que Boisguilbert³ passou a chamar de preço “natural”, tratados pelos fisiocratas como “bom preço”⁴, que posteriormente será chamado de “preço normal”, conforme mostrou (FOUCAULT, 2008a, p. 43-44).

Outro ponto importante para o desenvolvimento do liberalismo, segundo Danner (2011), são as ações governamentais desenvolvidas sob uma perspectiva utilitária, ou seja, intervindo no mercado somente quando for necessário. O governo e o mercado trabalham sobre as perspectivas de interesses recíprocos. Temos, portanto, um governo trabalhando para os interesses individuais e coletivos (utilidade social) e pela captação de recursos e sobre o equilíbrio da legalidade. O autor também aponta, que a busca do equilíbrio do mercado europeu do século XVII e de suas relações internacionais, também contribuíram para o crescimento do mercado liberal.

Bachur (2006, p.168) relata que, historicamente, o liberalismo econômico clássico, surgiu não apenas da busca pelo mercado livre, mas a partir do que o autor chamou de “emancipação humana conduzida pelo Iluminismo do Século XVIII”. Este liberalismo, na verdade, é mais um componente (neste caso do mercado) das tensões existentes naquele período. Segundo o autor, a expressão *laissez faire, laissez passer* proferida pelos antigos fisiocratas, vai além do viés econômico, na medida em que também incorporava uma luta política contra os modelos absolutistas ainda vigentes naquela época.

Moraes (2001) afirma que no livro *A riqueza das nações*, publicado em 1776 por Adam Smith, inaugurou as ideias principais do modelo liberal, no qual o autor afirmava que o mundo seria melhor se houvesse uma melhoria da livre iniciativa nas relações econômicas, menor regulamentação do Estado, evitando os monopólios e gerenciando funções gerais, sem interferir nas atividades econômicas.

Moraes (2001) argumenta que, para Smith (1983), o estado deveria garantir a segurança pública, o direito de propriedade e de contratos, assim como a prestação daqueles serviços assistenciais de utilidade pública. Portanto, seria a partir dessa doutrina liberal que se vislumbraria como resultado um sistema harmonioso e organizador decorrente de ofertas e demandas mediadas por um mecanismo de preços.

Dardot e Laval (2016) explicam que o liberalismo clássico do século XVIII caracterizou-se pelas definições dos limites do governo que através de leis e marcos regulatórios, preferencialmente econômicos levaram a regular também as decisões políticas. Isto provocou o movimento do governo liberal na promoção do *laissez-faire* ou de doutrinas do direito natural buscando sempre estimular e orientar os interesses individuais para o fortalecimento econômico do próprio mercado.

Assim é que os interesses e os sentimentos privados dos indivíduos naturalmente os induzem a converter seu capital para as aplicações que, em casos ordinários, são as mais vantajosas para a sociedade. Contudo, se movidas por essa preferência natural, as pessoas canalizarem uma parcela excessiva do capital para essas aplicações, a queda do lucro nelas verificada e o aumento do lucro em todas as outras aplicações as disporão a alterar essa distribuição errônea de capital. Eis por que, sem qualquer intervenção da lei, os interesses e sentimentos privados das pessoas naturalmente as levariam a dividir e distribuir o capital de cada sociedade entre todas as diversas aplicações nela efetuadas, na medida do possível na proporção mais condizente com o interesse de toda a sociedade (SMITH, 1983, p. 120).

Dardot e Laval (2016), também explicam que devido aos diversos cenários político-sociais e históricos vividos neste período do liberalismo clássico também surgiram caminhos divergentes para o entendimento das regras do mercado bem como dos modelos de reforma social o que trará para o século XX crises econômicas e novos modelos de mercado. As crises econômicas decorrentes das divergências do liberalismo clássico no final do século XIX e a busca do fortalecimento de políticas de combate ao socialismo e todas as versões do totalitarismo, fizeram surgir na Europa do século XX uma nova doutrina econômica refundada, chamada de neoliberalismo.

1.2 Modelos pós liberais

Dardot e Laval (2016) reforçam que foi a partir de 1938, na Europa que surgiram as duas grandes correntes neoliberais: a corrente do ordoliberalismo alemão da Escola de Friburgo e a corrente Austro-americana. Para os autores, Walter Lippmann foi o primeiro a realizar um colóquio sobre o modelo pós liberal em 26 de agosto de 1938, com a presença de Friedrich August von Hayek, Jacques Rueff, Raymond Aron, Wilhelm Röpke e Alexander Rüstow.

No final da década de 1940, mais especificamente em 1947, reuniram-se junto à Hayek, vários outros filósofos, políticos e economistas resultando na criação de uma

organização internacional para a promoção dos ideais econômicos baseados na mínima intervenção do Estado no mercado e no combate ao *welfare state*¹⁰ e ao *new deal*¹¹. Este evento ocorreu na localidade de Mont Pèlerin, na Suíça, e que acabou originando o nome para esta organização, que ficou conhecida por Sociedade Mont Pèlerin (ROSA, 2014).

Mas, segundo Rosa (2014), o pensamento neoliberal só veio ganhar força a partir do encerramento da segunda guerra mundial através das ideias de Friedrich August von Hayek, principalmente após a publicação de sua obra *O caminho da servidão*, e de demais escritos produzidos por pensadores como Milton Friedman, Karl Popper, Lionel Robbins, Ludwig Von Mises, Walter Eupken, Walter Lipman, Michael Polanyi, dentre outros, uma vez que as suas críticas eram direcionadas ao modelo social democrata, defendido inicialmente pelo economista britânico John Maynard Keynes.

Nos anos de 1960, o neoliberalismo passou a se manifestar através da economia de mercado, e conseqüentemente também se consolidou por meio de um novo tipo de economia política, que já não se restringia propriamente às políticas governamentais na medida em que agora passava a atuar próximo da sociedade, em suas relações sociais, assim como nos comportamentos individuais. Costa (2009) acrescenta que estas relações começaram a se mesclar e se generalizar no próprio comportamento social.

Talvez tenha sido por isso que Foucault (2008a, p.62) atribuiu ao modelo pós-liberal como uma nova razão de Estado, com redução da intervenção governamental nas políticas econômicas, na qual o governo busca a não intervir diretamente nas “coisas e sobre as pessoas”. O que o governo neoliberal deveria fazer é procurar reduzir ao máximo sua capacidade de regular os interesses do Estado através de certo modo de subjetivação que orienta os sujeitos a operarem por meio da racionalidade mercantil. Desse modo, o governo neoliberal passou a regular tanto os interesses coletivos quanto individuais, através de regras que garantiria uma economia de Estado.

¹⁰ ou bem-estar: designa como ações de Estado ou acordos após a Segunda Grande Guerra Mundial na qual o Estado vê como direito do cidadão as políticas públicas de educação, saúde, habitação, renda e seguridade social.

¹¹ Política de Estado do governo estadunidense do presidente Roosevelt, com o objetivo de promover o bem-estar social após a grande depressão econômica de 1930.

Nesse sentido, a economia deveria buscar o equilíbrio no próprio mercado, que estabeleceria suas próprias regras – a chamada auto-regulamentação econômica - no qual o Estado não deve interferir diretamente na mesma prevalecendo o *laissez-faire* (FOUCAULT, 2008a).

Para Rosa (2014), somente com a chegada da forte recessão mundial que ocorreu principalmente em 1973, considerada a mais forte desde a Segunda Guerra Mundial, que os pensamentos neoliberais abandonam o processo teórico de quase 20 anos e iniciam suas práticas governamentais. Em 1979, Margareth Thatcher inicia as políticas conservadoras deste modelo na Inglaterra, seguida de Ronald Reagan nos anos seguintes nos Estados Unidos, assim como no governo de Augusto Pinochet, no Chile ainda na década de 1970.

No século XX, a economia mundial sofreu altas e baixas com as influências do desdobramento da Segunda Guerra Mundial, da recessão econômica dos anos de 1970 e da divisão do mundo entre blocos capitalistas e socialistas, bem como suas consequências políticas e econômicas conhecidas como guerra fria. Este cenário mundial, também influenciou regionalmente os pensamentos das Escolas de economia que defendiam o modelo econômico neoliberal, surgindo assim a Escola de Friburgo e a Austríaca, ambas na Europa, e a de Chicago, nos Estados Unidos (MATOS, 2008).

A Escola Austríaca foi fundada por Karl Menger, dentre outros economistas como Walras e Jevons que não eram necessariamente austríacos, e posteriormente seguida por Ludwig Von Mises. Mas foi a obra *O caminho da servidão*, de Friedrich August von Hayek, publicada em 1944, que deu visibilidade aos fundamentos teóricos e metodológicos neoliberais lançados um ano antes das eleições gerais da Inglaterra, em 1945. Nesse escrito, o autor traça duras críticas ao intervencionismo do Estado inglês e ao partido trabalhista que vigorava naquela época (MATOS, 2008).

Segundo Matos (2008), o neoliberalismo associado à escola austríaca de economia pregava o combate à crise econômica através do enfraquecimento dos sindicatos de trabalhadores e a redução do Estado no que se refere ao controle monetário. Também defendiam veementemente a descontinuidade da proteção do emprego por meio da repressão de greves e reformas fiscais destinadas ao incentivo da economia e através da redução da carga tributária sobre rendimentos mais altos.

Para o autor, a Escola austríaca ataca qualquer forma de intervenção do Estado na economia, afirmando que o liberalismo econômico promovido pelo mesmo é o melhor caminho para a harmonia da sociedade. Em similaridade à outras Escolas, prega que o mercado deve ser regulado pela concorrência, e o melhor caminho para as conquistas sociais está no protagonismo individual, alimentado pela subjetividade no que se refere ao direito à propriedade privada, bem como as liberdades individuais que os transportam para o mesmo loop concorrencial incentivados nas empresas (MATOS, 2008).

Lazzarato (2011, p.17), descreve o modelo neoliberal como uma dinâmica produtora de desigualdades. Enquanto o modelo liberal defendido por Adam Smith era descrito como um modelo “troca-igualdade”, remetendo a uma alusão de igualdade, o neoliberalismo é descrito pelo autor como sendo “desigualdade-empresa”, haja vista o grande estímulo a concorrência como princípio de organização de mercado, tanto para as empresas, quanto para os trabalhadores.

Dardot e Laval (2016), explicam que o neoliberalismo não é simplesmente o ressurgimento do liberalismo clássico, ou seja, uma renovação dos pensamentos de Adam Smith. Há uma nova lógica no mercado. O Estado é governamentalizado no sentido de produzir novos dispositivos institucionais visando a criação das concorrências, introduzindo as lógicas das escolhas e desenvolvendo medidas de desempenho que geram mudanças na conduta do trabalhador e de suas relações com o trabalho que paulatinamente o fazem governamentalizar a condição de empresários de si. Desse modo, o Estado, segundo os autores promoveria mudanças nas políticas educacionais e acadêmicas visando produzir esse sujeito que age motivado por ganhos.

Foucault, (2008a) em suas palestras que deram origem ao livro *Nascimento da biopolítica*, evidenciou duas versões de modelos que se seguiram a partir do liberalismo, o qual, chamou de neoliberalismo, a saber, o Ordoliberalismo alemão e o neoliberalismo da Escola de Chicago, desenvolvido a partir da chamada Teoria do Capital Humano.

Para Foucault (2008a), a passagem do modelo de Estado de economia política liberal para o modelo neoliberal, esteve condicionada a ideia da racionalidade econômica interferindo diretamente nas demais esferas como por exemplo, nas relações de

trabalho e na vida social. A esta nova dinâmica de racionalização governamental e suas micro derivações políticas, o autor classifica como biopolítica.

[...] O neoliberalismo não é um modo de governo que faz da adesão a uma doutrina, o meio privilegiado do poder; ele se apoia, sobretudo, na coerção que exerce sobre os indivíduos por meio da situação de concorrência que coloca ativamente na prática. É justamente por isso que nós falamos de uma “racionalidade” comandando as práticas desde o interior[...]. Essa razão do “mundo” é global, “faz mundo” no sentido de que ela atravessa todas as esferas da existência humana sem se reduzir à esfera propriamente econômica (ANDRADE e OTA, 2015, p.284).

1.2.1 Ordoliberalismo Alemão

O Estado Alemão, após a Segunda Guerra Mundial, encontrava-se em uma situação de sérias dificuldades financeiras decorrentes da sua derrota para os países aliados e buscava o seu reequilíbrio econômico. Portanto, encontrava-se diante de um enorme desafio que era se desvencilhar do regime econômico hitlerista, que era caracterizado pela concentração do poder estatal e na economia planificada implantada durante aquela guerra (OLIVEIRA, 2013).

Foucault (2008a) acrescenta, que além das diversidades encontradas no modelo econômico alemão do pós-guerra, (como a concentração do poder do Estado e a economia planificada), também havia uma forte política de protecionismo dos trabalhadores, bem como uma forte aceitação dos ideais fundamentados no Estado de bem-estar social. Foi neste cenário que surgiram os conceitos neoliberais da escola de Friburgo, surgindo assim o ordoliberalismo.

Segundo Foucault (2008a), os ideais ordoliberais tiveram início na Universidade de Friburgo, através, inicialmente de Walter Eupkenem, em 1940, e que passou a ganhar força na Alemanha a partir de 1948, através de outros pensadores como Franz Bohm, Wilhelm Röpke e Alexander Rüstow. Segundo Oliveira (2013), o ordoliberalismo também era chamado de economia social de mercado.

Schnyder e Siems (2012), explicam que no ordoliberalismo o Estado deve criar o ambiente ideal para a economia se manter de forma que garanta a competitividade e a concorrência, evitando assim a concentração econômica em grupos empresariais, de forma também evitar o monopólio. Neste modelo de economia social de mercado,

os autores afirmam que o Estado é ativo e liberal, porém, intervém sempre que for necessário para manter o equilíbrio econômico.

Deste modo, Schnyder e Siems (2012) consideram o ordoliberalismo como sendo um modelo neoliberal de terceira via, uma vez que o associam à certo socialismo de livre comércio em que o Estado intervém no mercado buscando garantir direitos sociais, diferindo-se da radicalização do Estado mínimo como defendem os pensadores anarcocapitalistas estadunidenses, bem como Milton Friedman, George Stigler, Theodore Schultz.

Vanberg (2004), explica que o papel do governo ordoliberal, provém de uma escola de Freiburg, apoiada nos pensamentos de uma *Economia Social de Mercado*, iniciada após a segunda guerra mundial. O termo *Economia Social de Mercado* foi cunhado principalmente pelos pensamentos de Muller-Armack, Ropke e Rustow. Para Vanberg (2004), os economistas ordoliberais, reconhecem o mercado competitivo, contudo, devem existir um sistema ético que promova uma segurança social, e previna privilégios a determinadas empresas, ou seja, uma forma de controle do Estado que não permita a corrupção dos princípios éticos deste modelo de ordem de mercado.

Vanberg (2004, p.7) continua, afirmando que o objetivo geral desta “política econômica constitucional, é estabelecer regras éticas competitivas que garantam um sistema institucional de livre mercado, no que o autor apresenta como regras de *coordenação* descentralizada das atividades econômicas e de princípios de *subordinação* por parte do setor administrativo do Estado, que permitindo que a “mão invisível” de Adam Smith funcione no modelo ordoliberal, de forma distinta dos pensamentos da escola austríaca como Hayek, que estabelecem o modelo de “ordem espontânea” .

1.2.2 Neoliberalismo estadunidense e Teoria do Capital Humano

Temos, portanto, uma sociedade que se torna o próprio objeto de intervenção do Estado. Esta racionalidade foi criada pelo próprio neoliberalismo, promovendo a concorrência entre as empresas, sociedade e indivíduos. Quanto ao indivíduo, este modelo estimula cada vez mais a diferenciação no trabalho humano, para promover a

melhoria da produção. Esta governamentalidade pós-liberal estadunidense levou a individualização das políticas sociais e econômicas, seguindo o mesmo molde para as empresas, grupos sociais, famílias e os próprios sujeitos. (FOUCAULT, 2008a).

Para os neoliberais, os desejos e os instintos não são dados: só a desigualdade é capaz de produzir uma dinâmica que os faz entrar em rivalidades, estimulando os desejos, os instintos e os cérebros dos indivíduos, e que assim maximiza as suas potencialidades e o seu poder de agir (LAZZARATO, 2011, p.17).

Renomados pesquisadores como Friedman, Stigler, Schultz, dentre muitos outros economistas, que a partir da década de 1950, deram notoriedade à Escola de Chicago além de defenderem o livre mercado estadunidense, também argumentavam acerca da importância das capacidades cognitivas e destrezas dos sujeitos que deveriam adquirir assim valor de mercado, apresentando agora, como forma de capital. George Stigler e Theodore Schultz certamente são alguns destes economistas que mais defendem a chamada Teoria do capital humano (COSTA, 2009).

Friedman (2016), um dos importantes nomes da Escola de Chicago, em sua obra intitulada *Capitalismo e Liberdade* publicada inicialmente em 1962, versa sobre o capitalismo competitivo, evidenciando o empreendedorismo privado como mola propulsora do livre mercado. Como exemplo, cita o tema da educação (que difere da Escola de Friburgo), no qual em seu capítulo sexto, chamado de Papel do Governo na Educação, defende que o processo educacional seja exclusivamente dado à iniciativa privada, delegando ao Estado somente os subsídios financeiros para garantir a educação equilibrada entre pobres e ricos.

Kelniar, Lopes e Pontili, (2013), relatam que o Theodore William Schultz, Gary Stanley Becker e Jacob Mincer, da Universidade de Chicago, ainda na década de 1960, foram os precursores dos estudos que correlacionavam a formação dos trabalhadores com a renda individual, descrevendo que além do papel importante do capital físico no fortalecimento da economia de livre mercado os investimentos na educação do trabalhador também se traduzia em crescimento econômico.

Leme (2010) concluiu em seu trabalho sobre neoliberalismo, globalização e reformas do Estado que o modelo neoliberal na busca do equilíbrio do mercado coloca o Estado em um ponto de neutralidade, com o mínimo de interferências, permitindo ao mercado conduzir as relações de produção e reprodução do capital. O autor afirma que o processo de globalização de um certo modo veio a fortalecer o modelo neoliberal,

inclusive, interferindo nas políticas econômicas do Brasil, onde lideranças políticas do país, atores e grupos hegemônicos dessa sociedade adotaram diversas práticas, a exemplo das privatizações dos setores de infraestrutura.

Segundo Rosa (2014, p. 142), o neoliberalismo estadunidense ultrapassa o seu viés político e econômico do modelo liberal fundamentando-se nos pensamentos de Hayek, que afirma que o neoliberalismo passa a atuar de forma dinâmica e consequentemente construindo novos modos de subjetivação. Hayek parte das ideias de que precisávamos de um liberalismo que realmente fosse pensamento vivo.

Rosa (2014, p. 142), continua:

[...] o neoliberalismo que acendeu nos Estados Unidos não passou a atuar como mera alternativa técnica de governo, mas como novo modo de pensar, um novo estilo geral de pensamento, de análise de imaginação e de racionalidade, que acabou sendo governamentalizado [...] (ROSA, 2014, P. 142).

Segundo Campos e Campos (2014) uma das prioridades do modelo neoliberal estadunidense, era deter os índices inflacionários pelo viés econômico-monetário e reanimar o capitalismo global, garantindo um aumento dos lucros dos grandes investidores na medida em que supostamente se fortaleceria o equilíbrio das contas do Estado. Desse modo, houve certa procura pela estabilização da moeda e mesmo não havendo um aumento importante da produção, o crescimento das taxas de lucro aumentaram, porém sobre um ônus para o trabalhador, que viu não apenas sua força sindical diminuir, mas também seus direitos serem comprometidos, além de presenciarem o aumento nas taxas de desemprego, o que potencializou um aumento vertiginoso das desigualdades sociais.

Segundo Andrade (2019) a concorrência gerada no modelo econômico neoliberal promove uma série cíclica de crises sociais e financeiras. Por acarretar a redução de suas capacidades de investimento, liquidez e do orçamento, também geram como consequências o endividamento, o desemprego e a falência.

Diante do desemprego e das dívidas, essa mesma racionalidade concorrencial induz o sujeito empreendedor de si a melhorar a gestão dos seus recursos buscando alternativas em suas relações de trabalho e na produção. Ou seja, reforça subjetivamente a lógica do mercado neoliberal, adaptando-os para se tornarem mais

eficazes e competitivos, mantendo assim o ciclo de crises sociais de financeiras (ANDRADE, 2019).

Segundo Costa (2009), a atividade laboral passou ser potencializada pela valorização da economia política, fazendo com que o trabalho humano deixasse de ser uma mera conduta de troca ou de fatos de consumo e passasse a ser um comportamento econômico e, portanto, uma nova racionalidade ou mesmo um modo de subjetivação. Nesta perspectiva, conforme constatou Foucault (2008a) ao tratar da governamentalidade e do *homo oeconomicus* a partir do seu livro intitulado *Nascimento da biopolítica*, é possível compreender que a emergência dessa racionalidade acabou induzindo o indivíduo se empreender como capital humano, passando a agir como uma empresa neoliberal que o incentivava a fazer determinado investimento em si.

Em suma, a estreita interface dessa teoria do Capital Humano com a educação está, portanto, na importância que a primeira atribui à segunda, no sentido de que a educação funcione como investimento, cuja acumulação permitiria não só o aumento da produtividade do indivíduo-trabalhador, mas também a maximização crescente de seus rendimentos ao longo de sua vida (COSTA, 2009, p. 177).

Sobre conceitos de Schultz e Stigler acerca do capital humano, Foucault (2008a) desenvolveu estudos sobre biopolítica e principalmente sobre o que chamou de governamentalidade neoliberal. Mas, antes, vale ressaltar que Foucault difere o neoliberalismo alemão (ordoliberalismo) e neoliberalismo estadunidense. Assim, no neoliberalismo estadunidense, que será discutido neste trabalho, Foucault afirma que o seu surgimento decorreu do confronto dos “pactos sociais de guerra” e do crescimento da administração através de programas econômicos e sociais. Ao contrário do ordoliberalismo que buscava se desvencilhar do nazismo e do socialismo soviético, o neoliberalismo americano ou estadunidense reivindicava a diminuição do dirigismo estatal e ampliação da racionalidade de mercado, visando ações econômicas (FOUCAULT, 2008b).

O capital humano, portanto, passa a ser creditado pelos defensores do anarcocapitalismo, por exemplo, como uma variável importante do modelo econômico neoliberal, sendo responsável pelo suposto aumento da produção através da aplicação de novas técnicas e ferramentas de gestão, e promotor também da

diminuição dos custos da mesma, favorecendo ainda mais o mercado competitivo (VIANA; LIMA, 2010).

Hamann (2012), relata que Foucault, na obra *Nascimento da biopolítica* discorre sobre a obra de Gary Becker, afirmando que devido ao trabalhador assalariado no neoliberalismo receber seu salário como renda recebida pelo gasto do “capital humano” e não mais como venda da sua força de trabalho (como commodity), os trabalhadores saem da ótica de dependentes do empregador, e são moldados como homens livres e autônomos. Sendo, portanto, responsáveis por suas decisões e pelo investimento próprio.

A ofensiva que Berardi, (2003, p.56) em seu livro *Fábrica de infelicidades* chama de “hipercapitalismo” devastou a vida social de tal maneira que boa parte da população voltou a viver na miséria absoluta, de modo que os trabalhadores são forçados a aceitar incondicionalmente a premissa: morrer ou trabalhar de acordo com as determinações dos dirigentes das empresas.

Berardi (2003), também faz um alerta sobre o modelo neoliberal fantasiado como um modelo produtivo e como discurso cultural, trazendo promessas de felicidade individual, sucesso garantido no trabalho e na expansão dos horizontes da experiência e do conhecimento. Segundo o autor, são promessas falsas, não diferente dos discursos publicitários. Impulsionados por estas falsas esperanças de sucesso e felicidade, milhões de jovens trabalhadores altamente treinados aceitam trabalhar sob fortes condições de estresse. Estes trabalhadores, que acreditam no sucesso como empresários de si e não como trabalhadores tradicionais, vivem em um processo de superexploração, com salários baixos e expostos as regras selvagens do neoliberalismo, a competitividade individual livre de garantias sociais.

1.3 Neoliberalismo nas Américas

No dia 12 de março de 2019, foi publicado no Diário oficial da União, o Decreto Presidencial nº 9725 que extingue milhares de cargos públicos (BRASIL, 2019a). A diminuição da máquina pública, proveniente das teses neoliberais sobre Estado

mínimo, é uma característica basal do modelo neoliberal estadunidense desde a década de 1960 (LEME, 2010).

Passados apenas 16 dias da apresentação do referido comunicado, o Governo Federal publicou outro Decreto, agora o de número 9.739 de 2019, com o intuito em diminuir o número de concursos públicos federais. Nele, o Presidente da República Jair Bolsonaro (PSL) delega para o Ministro da Economia, a responsabilidade de regular e autorizar a abertura de novos concursos, inclusive nas demais pastas governamentais (BRASIL, 2019b)¹².

O modelo neoliberal começa na década de 1970, pioneiramente no Chile sob um regime militar ditatorial de Augusto Pinochet (1973-1990). Suas principais ações foram a desregulação do mercado pelo Estado, privatizações em todos os setores públicos e uma forte repressão sindical. A economia chilena prosperou em ritmo acelerado sobre um alto custo, o desemprego em massa. O modelo neoliberal chileno influenciou outros países latino-americanos nesta mesma época (ANDERSON, 1995).

Não foi o caso do Brasil, que adotou um modelo baseado na redemocratização, após o regime militar com a constituição de 1988 que possuía garantias importantes na seguridade social e na saúde. Contudo, no primeiro decênio do século XXI, o regime neoliberal chileno vem inspirando a reforma do modelo brasileiro, principalmente na reformulação da previdência, no governo Bolsonaro, com as proposições do economista Paulo Guedes (OLIVEIRA; MACHADO; HEIN, 2019). Vale ressaltar que Guedes manteve laços estreitos com economistas chilenos, participando inclusive do centro de estudos da Faculdade de Economia e Negócios da Universidade do Chile e desenvolveu seus estudos na famosa escola de economia de Chicago de Milton Friedman, conhecidos internacionalmente por Chicago Boys (MONTES, 2018).

Paralelamente as mudanças ocorridas no Chile, a Europa vivencia a implantação do modelo neoliberal pela primeira vez em 1979 na Inglaterra, sendo o primeiro país capitalista avançado a implantar esse modelo político e econômico. Sob o governo de Margareth Thatcher, além da desregulação financeira do mercado, o governo

¹² Essas ações não foram surpresas, haja vista a vasta propaganda de medidas neoliberais de austeridade que circularam durante a campanha eleitoral para a Presidência da República do Brasil em 2018, sobretudo, pelo representante que se reconhece como conservador, que após as eleições, deu continuidade as propostas, fortalecendo os Ministérios da Economia e da Justiça e Segurança Pública, sendo chamado pela mídia na época de “super ministérios” (GAZETA DO POVO, 2019).

promoveu o aumento de taxa de juros, redução da emissão da moeda, e como Chile, também houve muita repressão sindical (ANDERSON, 1995).

Na década de 1980, os Estados Unidos vivenciavam uma corrida armamentícia com a antiga União Soviética. Preocupados em vencer esta disputa e derrotar o regime comunista, o presidente Ronald Reagan, iniciou uma série de medidas econômicas internas, para a implantação do modelo neoliberal. Ao contrário dos Chilenos e ingleses, não sofreram fortes resistências dos sindicatos, devido já existirem medidas liberais de redução de políticas de bem-estar, influenciadas pela Escola de Economia de Chicago (ANDERSON, 1995).

As demais experiências com o neoliberalismo na América Latina iniciaram-se no final da década de 1980 e sua adesão, diferente do modelo estadunidense, se deu pelo aumento da dívida externa e da hiperinflação. É por isso que não podemos esquecer do peso político exercido pelas empresas transnacionais que estavam se fixando na América Latina naquela época. Como práticas, foram adotadas altas taxas de juros, sobrevalorização cambial e aberturas comerciais. Como consequência, se intensificou o grau de pobreza (CANDIOTTO, 2012).

Foucault (2008a), afirma que no modelo neoliberal estadunidense, as empresas e os indivíduos se submetem às dinâmicas concorrenciais, ao direito da propriedade privada e a tributação pela sua própria produção. Enfim, o antigo sujeito histórico caracterizado inicialmente pelo trabalho e depois pelo consumo passa a dar lugar ao homem-empresa, que opera a partir de uma busca constante por ganhos e vantagens decorrentes de sua interação enquanto *homo oeconomicus*.

Ibarra¹³ (2011), afirma que a expansão global do neoliberalismo, trouxe promessas e esperanças aos países em desenvolvimento na América Latina, fazendo-os acreditar que através da abertura aos investimentos transnacionais, o fortalecimento do comércio exportador e da transparências das relações comerciais, conseguiriam reduzir a pobreza, melhorar o desenvolvimento tecnológicos e acabando com setores oligárquicos, diminuindo assim os privilégios e combatendo a corrupção (DAMIÃO; FELIX, 2013).

Na verdade, os autores explicam que a abertura das fronteiras comerciais, e a exposição dos países em desenvolvimento a concorrências internacionais, trouxeram significativas alterações na ordem política, social e econômica. Nestes países,

buscou-se priorizar as metas econômicas em detrimento às metas de geração de emprego. Em consequência, as taxas de crescimento per capita mundial, caíram e polarizaram ainda mais as zonas ricas e pobres¹³ (IBARRA, 2011; DAMIÃO; FELIX, 2013).

Os países desenvolvidos, influenciados também pela forte concorrência, gerada pelo modelo neoliberal e pela globalização, promoveram a transferência de grande parte de sua produção para os países em desenvolvimento, que possuem uma mão-de-obra mais barata, decorrente das graves crises sociais e econômicas que vivenciam (IBARRA, 2011; DAMIÃO; FELIX, 2013).

Tentando sair deste círculo de crises, o governo destes países emergentes, acreditando no modelo de livre mercado, promovem enfaticamente ações de estímulos econômicos-comerciais e intervém minimamente em medidas de proteção social, ocasionando concorrência individual entre os trabalhadores, aumento da precarização do trabalho, enfraquecimento dos sindicatos e trazendo mais desordens sociais como o aumento do desemprego, terceirizações, trabalhos informais e o aumento da criminalidade (IBARRA, 2011; DAMIÃO; FELIX, 2013; COUTINHO, 2007).

1.4 *Homo Oeconomicus* evidenciado por Foucault no século XX

Foucault (2005), afirma que nos séculos XVII e XVIII, as tecnologias do poder eram centradas nos corpos individuais dos sujeitos, visando treiná-los e condicioná-los, no intuito de maximizar suas aptidões físicas. O poder disciplinar, caracterizado pela socialização dos corpos e sua conversão em sujeitos potencialmente produtivos, através dos seus sistemas de vigilância e racionalização, estabelecem o que é permitido e o que é proibido, sendo aos que estiverem fora da normalidade, estarem sujeitos a punição.

¹³ Segundo Ibarra (2011), desde 1975 a 2003, os países que compõem a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico – OCDE, cresceram em uma média anual próxima a 2%, enquanto aos países da América Latina cresceram em média 0,6 % por ano e o continente africano subsaariano -0,7%. Damião e Félix (2013), também afirmam que os países considerados como pobres pelo Banco Mundial – BM representam mais da metade da população mundial e ficam com somente 7% do produto mundial, enquanto os considerados ricos, que compõem somente com 8% da população mundial, retém 85% dos produtos e 80% de todo o comércio do globo, sendo que ⅔ deste comércio é realizado entre eles.

Ora, nos séculos XVII e XVIII ocorreu um fenômeno importante: o aparecimento - deveríamos dizer a invenção de uma nova mecânica do poder, que tem procedimentos bem particulares, instrumentos totalmente novos, uma aparelhagem muito diferente e que, acho eu, e absolutamente incompatível com as relações de soberania. Essa nova mecânica de poder incide primeiro sobre os corpos e sobre o que eles fazem, mais do que sobre a terra e sobre o seu produto. É um mecanismo de poder que permite extrair dos corpos tempo e trabalho, mais do que bens e riqueza. É um tipo de poder que se exerce continuamente por vigilância e não de forma descontínua por sistemas de tributos e de obrigações crônicas. É um tipo de poder que pressupõe muito mais uma trama cerrada de coerções materiais do que a existência física de um soberano, e define uma nova economia de poder cujo princípio e o de que se deve ao mesmo tempo fazer que cresçam as forças sujeitadas e a força e a eficácia daquilo que as sujeita (FOUCAULT, 2005, p.44).

No entanto, Foucault (2005) acrescenta que a partir do século XVIII, surge uma nova tecnologia de poder, que não exclui o poder disciplinar. Ao contrário, se fortalece e simbioticamente o agrega e o complementa ao que chamou de biopolítica. Assim, verifica-se a incidência de uma dimensão de poderes que se coadunam na medida em que articulam uma anátomo política do corpo que incide sobre o indivíduo, encontrado no poder disciplinar, e uma biopolítica que age sobre as populações, visando um “fazer viver” decorrente das políticas de bem-estar social que conferem direitos ao mesmo tempo que exercem controles minuciosos acerca das comportamentos desses grupos circunscritos a um determinado território.

Citando Veiga-Neto (2005), Guareschi, Lara e Adegas (2010), explicam que as políticas públicas, enquanto ações do governo, são construídas como direcionadores da conduta do sujeito e dos grupos sociais, ou seja, o Estado moderno não governa sobre a vida e a morte do indivíduo como na soberania clássica¹⁴ e sim através de suas diversas ações governamentais, que constroem novas subjetividades baseadas na disciplina e nas biopolíticas.

Temos, pois, nas sociedades modernas, a partir do século XIX até os nossos dias, de um lado uma legislação, um discurso, uma organização, do direito público articulados em torno do princípio da soberania do corpo social e da delegação, por cada qual, de sua soberania ao Estado; e depois temos, ao mesmo tempo, uma trama cerrada de coerções disciplinares que garante, de fato, a coesão desse mesmo corpo social. Ora, essa trama não pode de modo algum ser transcrita nesse direito, que é, porém, seu acompanhamento necessário. Um direito da soberania e uma mecânica da disciplina: é entre esses dois limites, creio eu, que se pratica o exercício do poder. Mas esses dois limites são de tal forma, e são tão heterogêneos, que nunca se pode fazer que um coincida com o outro. O poder se exerce, nas sociedades

¹⁴ Soberania clássica: Foucault, fala a respeito da teoria clássica da soberania, que vigorou até o século XIX, no qual o soberano detinha o poder de vida e morte de seus súditos, exercendo assim, o poder sobre a vida.

modernas, através, a partir do e no próprio jogo dessa heterogeneidade entre um direito público da soberania e uma mecânica polimorfa da disciplina (FOUCAUT, 2005. p. 44-45).

Diferente das tecnologias disciplinares, a biopolítica ou biopoder, agora atua no “homem vivo”, enquanto “homem espécie” e não mais no homem indivíduo. O biopoder atua na multiplicidade dos homens, na medida em que eles formam uma massa global, com interferência sobre suas próprias vidas, como nos processos de “nascimento, a morte, a produção, a doença etc.” (FOUCAULT, 2005, p. 289).

São esses processos de natalidade, de mortalidade, de longevidade que, justamente na segunda metade do século XVIII, juntamente com uma poção de problemas econômicos e políticos (os quais não retorno agora), constituíram, acho eu, os primeiros objetos de saber e os primeiros alvos de controle dessa biopolítica (FOUCAUT, 2005. p. 290).

O biopoder busca agora, gerir e regular a população através de um saber circunscrito, sobretudo, à economia política e sustentado por dispositivos de segurança. Assim, as instituições de saúde legitimam as ações governamentais do Estado. Estas ações, agora, um pouco mais sutis do que no poder disciplinar, visam responder às necessidades do mercado econômico, tão importante para o próprio fortalecimento do Estado (FOUCAULT, 2008a).

Neste cenário, vemos o Estado implantar políticas públicas para promover o crescimento da população e de suas capacidades laborais, para exercer as funções de controle na sociedade e na produção. No campo do saber, a medicina, a psicologia, a pedagogia e as demais disciplinas de ciências humanas e naturais, produzem as legitimações e normatizações desta nova governamentalidade (GUARESSCHI; LARA; ADEGAS, 2010).

O biopoder também é capaz de classificar segmentos populacionais, diagnosticar níveis de suposta normalidade, promover modelos educacionais, métodos de prevenção, saneamento básico e tratamento de uma população. Estas políticas públicas, surgem com a suposta preocupação do Estado tanto para com o indivíduo em todo o seu ciclo vital e laboral, bem como suas relações com a família e com o trabalho, situados, portanto, enquanto população (GUARESSCHI; LARA; ADEGAS, 2010).

Com isto, tem-se a importância dos estudos e intervenções na lógica das famílias de suas relações: a manutenção familiar, o investimento dos filhos para o estudo e mercado de trabalho, enfim, a família como microempresa. Conseqüentemente, há preocupação com a qualidade de vida do trabalhador,

as horas de trabalho, os benefícios, as garantias por tempo de exercício [...] (GUARESSCHI; LARA; ADEGAS, 2010, p.335).

A construção do Estado moderno que na perspectiva foucaultiana é engendrada e determinada pelas práticas, saberes e técnicas governamentais ao longo do tempo e espaço da história, produz também as experiências subjetivas, que em conflito com os direitos de liberdade do indivíduo, com o mercado livre e competitivo foram responsáveis pelo surgimento de um sujeito histórico caracterizado pelo empreendedorismo de si (GUARESSCHI; LARA; ADEGAS, 2010).

Guareschi, Lara e Adegas (2010) em um estudo que discute as políticas públicas na constituição do sujeito contemporâneo através dos pensamentos de Foucault, afirmam que a partir do século XIX a governamentalidade¹⁵ foi progressivamente norteando os valores de poder como por exemplo as relações entre pais e filhos, professores e alunos, chefes e subordinados etc.

É neste cenário do modelo econômico neoliberal que começa a surgir um sujeito de interesses, subjetivado pelos pensamentos do mercado econômico, que Foucault (2008a) chama de *homo oeconomicus*. Vive como homem empresa e se submete as normatizações do sistema financeiro, inclusive às dinâmicas concorrenciais, no lugar das dinâmicas de troca, conforme se caracterizava o sujeito histórico precedente. Este sujeito, também é conhecido por empreendedor de si. Este novo sujeito de interesses, também é influenciado pelas biopolíticas e pela governamentalidade do Estado moderno.

Além do *homo oeconomicus* agindo como sujeito de interesses no neoliberalismo estadunidense, Foucault (2008a), relata a coexistência de um outro autor que atua não pelas regras econômicas, e sim pelo modelo jurídico regido por contratos sociais. A este sujeito o autor o identifica como sujeito de direito. Portanto o *homo oeconomicus* e o sujeito de direito coexistem, porém não obedecem à mesma lógica. Isto não impede o *homo oeconomicus* de se converter em sujeito de direitos, seguindo a lógica jurídica e vice-versa, uma vez que o sujeito de direitos se converte em um sujeito de interesses seguindo a lógica do mercado financeiro (FOUCAULT, 2008a).

¹⁵ Governamentalidade: É um conceito desenvolvido por Foucault para analisar genealógicamente como ocorreram os processos históricos que transformaram a questão política da soberania real em governo estatal na modernidade. Foucault fala em três diferentes tipos de governamentalidades: A governamentalidade de justiça (Soberania), a governamentalidade administrativa (disciplina) e a governamentalidade de governo (Segurança).

Temos, portanto, um modelo neoliberal que no mesmo ambiente constrói um espaço populacional com atores que são regidos pelas mecânicas do mercado financeiro e um espaço com uma população que não se ajustou as regras mercadológicas ou que não consegue ser inserida nesse processo de racionalização. O sujeito de direitos também necessita de intervenção do Estado, contudo, as intervenções acontecem através de políticas públicas (e não mediados nas regras comerciais) de forma compensatória para garantir os mínimos direitos individuais (GUARESSCHI; LARA; ADEGAS, 2010).

A coexistência do sujeito de direito e do *homo oeconomicus*, pode promover o desequilíbrio do modelo neoliberal na medida em que para assegurar juridicamente a emancipação do sujeito de direito, o Estado deve interferir muito além de suas funções mínimas nas regras do mercado, dificultando a auto regulamentação, bem como fragilizando as relações concorrenciais e gerando riscos para a existência do *homo oeconomicus* (GUARESSCHI; LARA; ADEGAS, 2010).

As subjetividades construídas pelo modelo neoliberal levam o *homo oeconomicus* a acreditar que a própria expansão econômica do mercado financeiro manterá a garantia de seus direitos, minimamente mediados pelo Estado, como a única forma de alcançar sua emancipação financeira e suas liberdades. Este sujeito de interesses acredita que desta forma e com a adesão de todos neste processo de racionalização, irá se construir coletivamente um círculo lucrativo e de estabilidade econômica. Mas, na verdade, são sutilmente domesticados pelo Estado que age a partir dos interesses estabelecidos pelo mercado financeiro em seus mais distintos desdobramentos e serviços (FOUCAULT, 2008a).

No modelo neoliberal estadunidense, o *homo oeconomicus* é o sujeito que tem sua vida social organizada pelas relações econômicas. Desta maneira as formas econômicas agem como princípios de inteligibilidade ou racionalização nos processos de relação e comportamentos sociais. Podemos entender que as relações econômicas definem a cultura organizacional desses sujeitos de interesse econômico (FOUCAULT, 2008a).

podemos pensar no exemplo da mãe que ao cuidar dos filhos, projeta o esforço realizado nos ganhos que terá no futuro quando a criança se tornar um adulto. Falamos de uma inversão mensurada do tempo – a criança que, se bem investida se tornará um adulto produtivo. As relações familiares tornam-se espaços de mediação entre o privado do lar e o mercado

econômico. Esse processo mensurado de racionalização faz do investimento nas pessoas um tipo de investimento no capital humano – portanto, que toda reação à conduta dos indivíduos não seja aleatória mais racional (GUARESSCHI; LARA; ADEGAS, 2010, p.337).

Rosa e Púzio (2013a), em um estudo sobre a atuação das psico-ciências na construção do *homo oeconomicus*, explicam que a racionalidade neoliberal quando se utiliza das tecnologias chamadas de psico-ciências no campo da administração empresarial, acabam governamentalizando os indivíduos ou grupos sociais, através de investimentos nos selfies, sem portanto, criar maiores coerções. A cultura administrativa através dos dispositivos psi, condiciona estes indivíduos à novas legitimações de um saber normativo, utilizando-se de discursos que supostamente potencializam seus ganhos pessoais, melhorando a sua condição enquanto capital humano.

É neste sentido que a linguagem das teorias administrativas vai incorporando discursos e práticas situadas no campo das “psico-ciências” que resultam na governamentalização da racionalidade neoliberal estadunidense, ocasionando certos alinhamentos permeados por técnicas e programas que buscam, através de jargões como: “seja um líder nato”, “tenha ousadia”, “obtenha sucesso”, “seja pró-ativo” entre outros, constituir uma prática de ação de estímulos sobre os indivíduos, responsáveis pela constituição de um sujeito empreendedor, que se utiliza do marketing pessoal para alcançar ganhos (ROSA; PÚZIO, 2013a, p.225).

Guattari e Rolnik (1999, p. 16), afirmam que enquanto a racionalidade neoliberal é responsável pela sujeição econômica, a cultura também produz sua sujeição subjetiva, que atinge ao indivíduo, como também a sociedade, sendo encontrada em todos os níveis de produção e do consumo. A esta complementaridade entre economia e cultura, os autores chamam de “cultura de equivalência”. A sujeição acontece em todos os sentidos de cultura, seja na cultura-valor, na cultura civilizatória ou na cultura de massas.

Além do discurso normativo jurídico do direito que foi citado por Foucault (2005), os discursos normativos do saber também constroem novas subjetivações no sujeito, constituindo também uma das mecânicas do poder disciplinar. Este poder disciplinar, por exemplo, levou também a medicalização¹⁶ não só de doenças, como também de condutas, dos comportamentos e dos discursos.

É importante esclarecer que para Foucault (2010), a medicina assume de fato seu papel na intervenção de doenças e de mortes por eles provocados a partir do século XX, graças a descobertas de novas tecnologias como tratamento com antibióticos,

procedimentos assépticos e de cirurgias com uso de anestésico. Porém, o autor analisa que apesar da medicina dos séculos anteriores não tratarem de fato das doenças ou evitarem as mortes seja pela ignorância do médico ou do saber médico, atualmente, ainda há divergências da cientificidade médica, das positivities de suas ações e da própria eficácia dos tratamentos.

Foucault (2010) afirma que no século XX o processo saúde-doença e o cuidado com o corpo começam a ser incorporado na governamentalidade dos governos, principalmente após a Segunda Grande Guerra Mundial. Como exemplo, cita plano Beveridge¹⁷, que no decênio de 1940-1950 formulou o primeiro modelo macroeconômico voltado a saúde dos ingleses. Neste cenário, o autor chama este modelo com finalidade de intervenção do governo no cuidado da saúde e do corpo de somatocracia.

A medicina, que cada vez mais é dotada de poder autoritário e com funções normalizadoras sobre o indivíduo e sua coletividade, segundo Foucault (2010) começa a ir além da existência de doenças e de seus tratamentos. O campo de saber médico passa a alcançar esferas com meio ambiente, ambiente de trabalho, construções etc. Assim, a medicina alcança no século XX, o poder de autoridade social (FOUCAULT, 2010).

Rosa e Puzio (2013b) em seu trabalho sobre a nova economia política neoliberal e sua governamentalidade sobre o corpo e o cuidado com a saúde, baseando-se no trabalho de Siqueira (2010), revelam a indefinição desde 1990 da atual medicina psiquiátrica quanto a classificação e de suas formas de tratamento sobre a compulsão. Os autores questionam, portanto, a governamentalidade sobre as normatizações impostas pelos saberes médicos, que ainda na atualidade, demonstram-se imprecisas, e mesmo assim, exercem forte poder disciplinar interferindo nas relações sociais e de trabalho, rotulando os indivíduos como normais ou doentes.

¹⁶ O processo de medicalização é entendido como prática desenvolvida a partir do discurso médico. Este saber médico, busca regular não somente o biológico como também o social, normatizando-o com padrões de preestabelecidos para o comportamento e condutas. Os sujeitos que não se adequarem ou não se adaptarem, serão diagnosticados como doentes e por consequência, serão levados ao tratamento médico, que pode ser pelo uso de psicofármacos ou até por reclusão em instituições de psiquiátricas (BIRMAN, 2007; ROSSITO; FERRAZZA, 2013).

¹⁷ O plano foi elaborado inicialmente em 1942. Somente após Segunda Grande Guerra Mundial, por iniciativa principal do Partido Trabalhista, nas eleições gerais na Inglaterra de 1945, foram implementada um modelo Políticas de Saúde, na qual, através de contribuições semanais dos trabalhadores, seriam oferecidos serviços de assistência médicas aos seus cidadãos.

[...] O não saber deixou de ser perigoso e o perigo radica no próprio saber. O saber é perigoso não somente por suas consequências imediatas no nível do indivíduo ou de grupos de indivíduos mais no da própria história. Esta é uma das características fundamentais da crise atual (FOUCAULT, 2010, p.179).

Mas foi com a medicalização que a medicina clínica ganhou o impulso, adquirindo dimensões totalmente novas. Além de buscar o tratamento com a medicalização nos ambientes dos doentes físicos, nos últimos decênios, a medicina já ultrapassava estes limites e buscava-os agora a medicamentar “outras coisas que continuavam a ser não médicas- e pareciam não ‘medicalizáveis’”. Foucault (2010, p. 183) afirma que as práticas médicas começam a normatizar os comportamentos e as práticas sociais.

Ainda no campo disciplinar, a proposta de práticas médicas governamentalizadas pelo Estado, possuíam o intuito de proporcionar à sociedade, indivíduos fortes, capazes de trabalhar, aumentando assim o processo produtivo. Se a medicina já havia sido agenciada pela forte indústria farmacêutica no processo da medicalização, agora se torna também instrumento de manutenção e reprodução da força de trabalho conforme as necessidades do mercado econômico (FOUCAULT, 2010).

Como propostas analíticas que vão além daquelas encontradas no pensamento de Foucault (2008a) principalmente sobre o modelo neoliberal dos últimos anos, Han (2014), afirma que o poder disciplinar não está mais sendo dominado pela negatividade, pela inibição ou pela proibição. O modelo neoliberal atual adquiriu uma forma mais sutil, com novas racionalidades de caráter positivo, que potencializa ao sujeito os direitos de suas liberdades.

Este novo poder, inteligente e amável, não opera mais contra a vontade do sujeito subjetivado. Agora utiliza as vontades a seu favor, sendo muito mais atrativo que o poder disciplinar, que é mais repressor. Por não atuar através de proibições e subtração, e sim pela amabilidade, flexibilidade e liberdade, promove ao *homo oeconomicus* a busca de sua eficiência não mais pela submissão, agora pela dependência (HAN, 2014).

Han (2014) contrapõem as biopolíticas com as psicopolíticas¹⁸, na qual afirma que o modelo neoliberal atual, se esforça em gerar emoções positivas, seduzir o sujeito e lhe oferecer facilidades. O poder inteligente¹⁸ se ajusta com a psiquê. Permite ao *homo oeconomicus* ser comunicativo, não impondo mais nenhum silêncio. O poder inteligente avalia os pensamentos do sujeito e os auxiliam para se tornarem melhores

e mais organizados, sempre por vontade própria (de forma voluntária) e assim, agem no sujeito com suas dominações, sem sofrer resistência.

O modelo neoliberal no qual Foucault (2008a) discursa sobre a competitividade do *homo oeconomicus*, Han (2014), complementa que, atualmente, essa concorrência provoca e motiva estes sujeitos a também buscarem melhorias pelas novas técnicas da psicopolítica. O *homo oeconomicus* que já se ocupava em melhorar seu corpo biológico (somatocracia), descobre-se agora melhorando sua psique para aumentar o ganho na força produtiva.

Han (2014, p. 42) informa que além do desenvolvimento de produtos e serviços, há também, na atualidade, um grande desenvolvimento da produção “imaterial ou incorpóreo”, objetos que o autor chama de não físicos, como informações, programas, aplicativos digitais e dados informatizados. O autor explica que a necessidade de melhorias no corpo, começou a render-se ao melhoramento da mente. O melhoramento cognitivo¹⁹, vem se distinguindo das técnicas disciplinares da medicina psiquiátrica dando origem a um novo sujeito, o sujeito do desempenho.

1.5 Do empreendedor de si ao *Sujeito de Desempenho* em Han

Naquele momento, as perspectivas mudaram radicalmente. Quando as torres de Manhattan foram destruídas por homens transformados em bombas, a classe virtual que realizou seu trabalho entrincheirado nessas torres saiu de sua condição de puro espírito e descobriram que têm um corpo físico e carnal que pode ser espancado, ferido e morto. E ele também descobriu que tem um corpo social, que pode ficar empobrecido, demitido, sujeito a sofrimento, a marginalização e a miséria; e um corpo erótico, que pode entrar em uma fase de depressão e pânico. Em outras palavras, a classe virtual descobriu que também é cognitiva, ou seja: trabalho cognitivo dotado de um corpo social e carnal, consciente ou não submetido ao processo de produção de valor e mercadoria semiótica, que pode ser submetido a exploração e ao estresse, que podem sofrer privações emocionais, que podem levar ao pânico, que pode até ser violento e morto. A classe virtual descobriu um corpo e uma condição social. Então, ele parou de se sentir em classe virtual e começou a se sentir cognitivo (BERARDI, 2011, p.11 tradução nossa).

¹⁸ ao contrário do poder disciplinar, o poder inteligente, que é a prática da psicopolítica de Han (2014), demonstra ser permissível, amável, positivo e oferece ao sujeito suas próprias liberdades, é uma subjetivação, sem que o sujeito perceba e o induz a fazer a vontade do mercado.

¹⁹ também conhecido como aprimoramento cognitivo, ou por cognitive enhancement, é definido como aumento e extensão de capacidades cognitivas e de outras habilidades da mente. Este processo se dá através de tecnologias cognitivas. As áreas da mente que se buscam pelo aperfeiçoamento, são geralmente a percepção, atenção, compreensão e memória.

O *homo oeconomicus* convertido no século XXI em sujeito do desempenho (HAN, 2017), ainda continua com suas heranças nas técnicas disciplinares e sua capacidade produtiva ainda está relacionada a ela. É por meio desta governamentalidade neoliberal versada em pleno século XXI que encontramos a condição do trabalhador em seu duplo papel: tanto como empresário quanto como empregado. Inclusive, Han (2017) chama esta responsabilidade da gestão, que é ao mesmo tempo responsabilidade da produção e da hiperatenção.

Professor de Filosofia e Estudos Culturais da Universidade de Berlim, Byung-Chul Han (2017) nomeia o indivíduo ocidental contemporâneo pós-disciplinar de sujeito do desempenho. Ao contrário do sujeito disciplinar coercitivo que vive da negatividade do externo, o sujeito do desempenho vive do excesso de positividade e, portanto, de uma dimensão subjetiva interna. Antes, o sujeito disciplinar recebia de fora (dimensão subjetiva externa) o enunciado “tu deves”, enquanto hoje diz para si (dimensão subjetiva interno) “nós podemos”.

Para Corbanezi (2018), o excesso de positividade fica evidente no sujeito de desempenho, uma vez que ele necessita ser extremamente produtivo, ativo e muito acelerado, tendo em vista que a sua vida profissional é cheia de palavras-chave como “projeto”, “motivação”, “iniciativa”, “eficiência”, “flexibilidade”. O autor reforça ainda que a hiperatividade que significa a sua impossibilidade de dizer “não” também se configura como uma das psicopatologias modernas em crescimento, uma vez que esse excesso de positividade e aceleração o leva a esgotamentos psíquicos, algo característico da nossa época histórica.

A coação de desempenho força-o a produzir cada vez mais. Assim, jamais alcança um ponto de repouso da gratificação. Vive constantemente num sentimento de carência e de culpa. E visto que, em última instância, está concorrendo consigo mesmo, procura superar a si mesmo até sucumbir. Sofre um colapso psíquico, que se chama de burnout (esgotamento). O sujeito de desempenho se realiza na morte. Realizar-se e autodestruir-se, aqui, coincidem (HAN, 2017 p. 85-86).

Ao descrever o cansaço do sujeito do desempenho, Han (2017, p.34) o compara ao animal laborans de Arendt²⁰ (2013). No exemplo mencionado, o autor descreve que para sobreviver, os animais precisam exercer diversas tarefas ao longo do dia, como caçar, comer, copular, vigiar a prole e o parceiro etc. Mas, para exercê-lo o animal cumpre todas as tarefas de maneira superficial. Em sua correlação, a dinâmica social do sujeito do desempenho também é de multitarefas, uma vez que as atividades são

executadas sem aprofundamento ou dedicação a uma vida contemplativa. Com suas próprias palavras, “não gera nada de novo. Reproduz e acelera o já existente”.

Segundo Han (2017) cada época possui suas enfermidades fundamentais. Desse modo, o autor evidencia que tivemos a era bacteriológica que foi controlada pelos antibióticos e vivemos ainda em uma época de virologia no qual os estudos imunológicos já estão abandonando-a. No século XXI, o autor enfatiza que será a era neuronal, no qual doenças como a depressão, Transtorno de Déficit de Atenção e Síndrome da Hiperatividade – TDAH, transtorno da personalidade limítrofe e até a síndrome de burnout²¹ são alguns exemplos das patologias emergentes desencadeadas pelo processo de hiperatividade e positividade da sociedade.

A superprodução e o superdesempenho em uma sociedade que também vive em superexposição e na supercomunicação, também geram relações de poder e de violência. Contudo, agora agem com viés positivo de forma imanente e sutil, deixando o sujeito saturado, excludente e exaustivo. Quando percebe, já se encontra esgotado e doente. Para o autor esta é a era neuronal (HAN, 2017).

Han (2017, p. 21) resume que o excesso de positividade, por vontade própria do sujeito já subjetivado pelo poder inteligente (nova racionalidade) da sociedade do desempenho, leva-o ao esgotamento físico e mental desencadeando doenças neuronais emergentes como a síndrome de burnout, Transtorno de Déficit de Atenção e Síndrome da Hiperatividade – TDAH, depressão e transtorno da personalidade. O autor chama atenção que no século XXI já iniciou a massificação do excesso de positividade.

Enquanto a sociedade disciplinar encontra-se caracterizada pela inibição e proibição, a sociedade do desempenho reforça o seu poder plural coletivo: do “nós podemos”, verbo de caráter positivo que transmite ao sujeito à sensação de liberdade e poder ilimitado. O que na sociedade disciplinar dominada pela negatividade gerou “loucos e

²⁰ é um termo usado pela Hannah Arendt (2013) no livro *origens do totalitarismo*. Para ela o homem isolado seja pelo totalitarismo ou suas heranças que levam ao desamparo faz um indivíduo buscar pela subsistência se mantendo em um ciclo entre o trabalho e o consumo. Mais tarde, Arendt (2007), em seu livro *condição humana* ela amplia o conceito do animal laborans como pela busca incessante pela felicidade persistindo no processo de trabalho e consumo, agora em uma subjetividade de consumo, de devora, de ter e de possuir.

²¹ Para a Classificação Internacional de Doenças – CID em sua 11ª revisão, Burnout é uma doença sindrômica resultante do estresse prolongado, ocorrido no local de trabalho. Seus principais sintomas são exaustão ou esgotamento, sentimentos com humor negativos e redução da eficácia no trabalho.

delinquentes” (outsiders), na sociedade do desempenho, do cansaço e de esgotamento neuronal produz sujeitos “fracassados e depressivos” (HAN, 2017, p.25).

[...] O sujeito do desempenho encontra-se em guerra consigo mesmo. O depressivo é o inválido dessa guerra internalizada. A depressão é o adoecimento de uma sociedade que sofre sobre o excesso de positividade. Reflete aquela humanidade que está em guerra consigo mesmo (HAN, 2017 p. 29).

Han (2017) aponta para características comuns entre a disciplina e o desempenho, principalmente por serem um processo contínuo, haja vista que habitam o mesmo inconsciente social. Como exemplo, o empreendedorismo de si, a preocupação com o dever e suas individualidades. Neste processo contínuo o autor afirma que há algum conflito de transição entre eles. Porém, este paradigma logo é vencido pelo desempenho na qual as suas novas racionalidades prometem não somente ganhos financeiros, mas também satisfação, emoção e felicidade, enfim, tudo o que for positivo. Segundo Han (2017), ser positivo é bem mais atrativo e eficiente. Além do *homo oeconomicus* manter suas características disciplinares na busca na melhoria da sua performance, localizadas nessa anátomo política do corpo, agora, acrescenta a melhoria cognitiva.

Na busca pelo rendimento e pelo desempenho, mais uma vez o sujeito conta com o saber médico que continua firme e impositivo na governamentalidade. Na sociedade disciplinar o que era chamado de doping cerebral (fator negativo), agora os cientistas da neurociência o chamam de *neuro-enhancement*, ou seja, melhoramento cognitivo de caráter positivo (HAN,2017). Na literatura atual há uma enorme divergência pela ciência sobre os efeitos deste melhoramento cognitivo. Muitos estudos são focados nos indivíduos com déficit de atenção, de memória e de aprendizado. O autor também afirma que há o crescimento da produção científica sobre a psicofarmacologia usada por indivíduos sadios.

Segundo Magalhães (2014), a educação convencional e os exercícios físicos são atualmente as formas estabelecidas para a busca da melhora da concentração e do aprendizado. Porém, nas últimas décadas tem se colocado em evidência outras tecnologias cognitivas: como substâncias que promovem a melhoria do desempenho cognitivo, as chamadas *smart drugs*²²; técnicas invasivas para estimulação cerebral através de eletrodos com o intuito de recuperar a função motora ou mover próteses robóticas; e até mesmo exoesqueletos controlados por sinais neuronais.

Farah et al (2014), completa que as práticas desportivas aeróbicas²³, estimulação cerebral e até as práticas de meditação chamadas de *mindfulness*²⁴ podem ser utilizados para o aprimoramento cognitivo. Contudo, o termo aprimoramento cognitivo leva sempre ao pensamento de intervenções por psicofármacos ou outros estimulantes cerebrais.

Das neurotecnologias, a psicofarmacologia encontra em estágio de melhor desenvolvimento tecnológico. Iniciada na década de 1950, com a aprovação do uso da clorpromazina para o tratamento da esquizofrenia, ela cresce novamente a partir da década de 1980, com os novos estudos de psicofármacos mais seletivos em suas ações e com menores efeitos colaterais (TEIXEIRA, 2007).

Segundo Farah et al (2014), as três classes de medicamentos que possuem na atualidade potencial para melhora cognitiva de indivíduos que apresentam distúrbios nessa área são: os estimulantes tradicionais como o metilfenidato conhecido pelo nome de ritalina® ou conserta® e as anfetaminas, utilizados para o tratamento de Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade – TDAH; os inibidores de acetilcolinesterase, como os donepizil, rivastigmina e galantamina utilizados para distúrbios da memória, declínio cognitivo e doença de Alzheimer; e a terceira classe encontra-se o modafinil comercializado com o nome de provigil® que originalmente era usado para tratamento de sonolência diurna para os sofrem de narcolepsia e agora, também é usado para apneia do sono. O autor informa que essas drogas também são utilizadas por indivíduos saudáveis em tentativas de alcançar um aumento da performance cognitiva.

Discussões recentes nos campos de psicofarmacologia experimental com essas três classes de medicamentos, quanto ao uso em indivíduos saudáveis, não têm demonstrado até agora, relevância no ganho de performance, haja vista, as diferentes respostas de aprimoramento entre os pesquisados. Farah et al (2014), afirma que

²² conhecida também como nootrópicos, são substâncias naturais ou sintéticas que buscam a melhora cognitiva seja na concentração, memória ou no aprendizado. pertencem aos diversos grupos como vitaminas e minerais essenciais, aminoácidos estimulantes e até os medicamentos utilizados na neurociência os psicofármacos.

²³ Farah et al (2014), cita em seu trabalho um estudo de Smith et al (2010), sobre um ensaio clínico randomizado, com jovens em média de 18 anos, que através de exercícios aeróbicos apresentaram melhoras modestas da atenção e memória.

²⁴ Farah et al (2014), cita o trabalho de revisão de Chiesa, Calati e Serrati (2011) que analisaram evidências de melhoras cognitivas durante o uso da meditação *mindfulness*, conhecida como prática de atenção plena. Após analisarem 05 bases de dados e 23 estudos, perceberam que a prática de atenção plena em suas distintas fases trouxe ganhos no aprimoramento cognitivo. Contudo, muitos destes trabalhos, segundo os autores, estavam limitados devido as metodologias empregadas.

ainda há a necessidade de aprofundamento dos estudos sobre o ganho em indivíduos saudáveis e inclusive de novos debates sobre questões ética-legais deste uso.

Um estudo realizado por Batistela et al (2016), do Departamento de Psicologia da Universidade de São Paulo, com 36 jovens universitários e graduados, no qual foram submetidos ao uso em diversas dosagens de metilfenidato (Ritalina®), 90 minutos antes de testes de função cognitiva, os autores não encontraram nenhum efeito importante de melhoria cognitiva. Somente foi apresentado no estudo, relatos de sensação de bem-estar de acordo com a escala SSS²⁵. Batistela et al (2016), acreditam que não justifica o uso de metilfenidato em indivíduos que não apresentam Distúrbio de Déficit de Atenção.

Farah et al (2004) afirma que apesar de não haver evidências científicas de melhora cognitiva com o uso destes psicofármacos em indivíduos que não apresentam Distúrbio de Déficit de Atenção, o seu consumo por pessoas saudáveis já é realidade. A autora cita que em alguns distritos escolares dos Estados Unidos a proporção de crianças usando o metilfenidato, excede a prevalência de Transtorno de déficit de Atenção e Hiperatividade - TDAH na mesma faixa etária²⁶. Não diferente de outro estudo evidenciado por ela, no qual o uso de estimulantes como coadjuvante da melhora cognitiva em estudantes do ensino médio, ultrapassam a prevalência em 16% de jovens diagnosticados com TDAH da região²⁷.

Em um estudo transversal realizado por Silveira et al (2014), acerca da prevalência sobre o uso não médico de metilfenidato (ritalina) em 152 estudantes de medicina do 5º e do 6º ano no Brasil, verificou-se que 34,2% (n=52) já usaram a droga, sendo que 23,02% (n=23) relataram uso sem indicação médica. Além de preocupante a prevalência alta do uso de substâncias psicoativas, os pesquisadores também encontraram associações destas drogas com o consumo de álcool. Entre os usuários, o consumo foi motivado por: concentração nos estudos (24%), evitar o sono (17,14%), melhorar a concentração (31,42%); experimentação (31,4%). Contudo, 71,4% dos usuários relataram ter acesso à substância por meio de seus amigos.

²⁵ A escala SSS - scale of somatic symptoms, Escala de sintomas somáticos, consiste em uma escala com 18 sintomas corporais. Nesta escala, os pesquisados marcam no campo apropriado, o que estão sentindo no momento.

²⁶ Farah et al (2004), cita o trabalho de Diller (1996).

²⁷ Farah et al (2004) cita o trabalho de Babcock e Birne (2000).

Não obstante, em um estudo exploratório e descritivo aplicado em 148 alunos de graduação em Farmácia no Espírito Santo através da utilização de um questionário adaptado que foi apresentado pela Organização Mundial de Saúde - OMS, Portugal et al (2008) verificaram uma alta prevalência de usos de álcool e outras drogas, dentre elas estimulantes neuronais. Devido à proximidade ao acesso e manipulação destas drogas por estes profissionais, esta situação torna-se uma questão preocupante e os autores sugerem inclusive a revisão dos currículos acadêmicos, na busca da abordagem do tema.

Para Roche e David (2015) em uma pesquisa descritiva e exploratória realizada com 111 alunos de curso de pós-graduação lato sensu de uma faculdade pública, com o objetivo de descrever a prevalência e o padrão de consumo de álcool e outras drogas entre os estudantes pesquisados, afirmam que as mudanças do ambiente de trabalho decorrente aos processos concorrenciais do modelo econômico neoliberal, levam-nos a vivenciarem longas e múltiplas jornadas de trabalho, que além de gerar uma sobrecarga, os forçam a viver de forma positiva e frenética, trazendo prejuízos ao gerenciamento do tempo pessoal, familiar e do trabalho.

Para os autores, a busca da redução do estresse provocado pelo trabalho exaustivo, leva-os ao uso de álcool e de substâncias psicoativas. Não há dúvidas, que o sujeito do desempenho está propenso à exaustão emocional e insatisfação profissional, características típicas do que sofrem da síndrome de *Burnout* (ROCHE; DAVID, 2015).

O sujeito de desempenho evidenciado por Han (2014), que já é dócil e disciplinado, agora, busca a eficiência de si ao grau máximo, racionalizado com a positividade, onde a *boa vida* não mais lhe pertence, e sim os rendimentos financeiros, como *landmarks* na construção do sujeito, que adocece, não somente do soma, agora também do psico. Suas consequências, vão além da fadiga, agora, depressão e *Burnout*.

El neoliberalismo como una nueva forma de evolución, incluso como una forma de mutación del capitalismo, no se ocupa primeramente de lo «biológico, somático, corporal». Por el contrario, descubre la psique como fuerza productiva. Este giro a la psique, y con ello a la psicopolítica, está relacionado con la forma de producción del capitalismo actual, puesto que este último está determinado por formas de producción inmateriales e incorpóreas. No se producen objetos físicos, sino objetos no-físicos como informaciones y programas. El cuerpo como fuerza productiva ya no es tan central como en la sociedad disciplinaria biopolítica. Para incrementar la productividad, no se superan resistencias corporales, sino que se optimizan procesos psíquicos y mentales. El disciplinamiento corporal cede ante la

optimización mental. Así, el neuro-enhancement* se distingue fundamentalmente de las técnicas disciplinarias psiquiátricas (HAN, 2014, p.41-42).

Em suma, a atividade cognitiva sempre esteve na base de toda a produção humana, mesmo nas atividades mais mecânicas. Não há atividade humana que não exija exercício de inteligência. O que estamos vivenciando atualmente é o uso das atividades cognitivas como principal recurso produtivo. No trabalho industrial, por exemplo a mente foi posta em movimento como automatismo repetitivo, tão importante quanto o movimento repetitivo muscular era no início do desenvolvimento industrial (BERARDI, 2003).

Estamos vivenciando uma evolução do uso da mente, para o aumento da produção em todos os setores da sociedade, inclusive no próprio sujeito, seja nos processos chamados de inovação, seja na linguagem ou nos processos comunicativos como fatores determinantes no ganho de capital. A mente humana, consciente e sensível é submetida a uma intensificação de troca de informações impostas por uma sociedade conectada à rede digital, sofrendo a novas pressões competitivas, recheadas de estímulos estressores exigindo do organismo, um estado de constante alerta, em alto nível de atenção (BERARDI, 2003).

Segundo Berardi, (2003) a combinação das exigências do uso progressivo das atividades intelectuais nas atividades econômicas e as estimulações informacionais aceleradas e intensas das redes digitais estão levando cada vez mais os sujeitos a desenvolverem patologias ligadas ao esgotamento físico e mental, como transtorno do pânico, depressão e os transtornos relacionadas com a atenção. O autor adverte que precisamos atualmente intensificar os estudos para entendermos estes novos desafios frente ao esgotamento cognitivo e a psicoquímica contemporânea defendida por muitos como forma de potencialização e melhoramento cognitivo (BERARDI, 2003).

CAPÍTULO 2 – MINHA ENTRADA NO CAMPO

Se alguém parte numa expedição decidido a provar certas hipóteses e é incapaz de mudar seus pontos de vista constantemente, abandonando-os sem hesitar ante a pressão da evidência, sem dúvida, seu trabalho é inútil (MALINOWSKI, 2018 p.840).

2.1 Apresentando o pesquisador

Estudar as bases das ciências sociais e da filosofia aqui discutidas, me possibilitou certa ampliação da percepção acerca da natureza dos conhecimentos, desenvolvendo em mim, um espírito de liberdade de pensamento e ousadia, que me impulsionou em uma audaciosa jornada rumo à mudança da minha *práxis*, ou seja, um convite para a criação, para liberdade do pensamento, da produção e, claro, da subjetividade! Posso afirmar, portanto, a partir de uma perspectiva pós-estruturalista, que nunca bebi de tanta fonte, nunca enxerguei com tanta lucidez e com certeza, fui transformado neste mestrado, desterritorializando e reterritorializado a minha condição assim como as minhas práticas e discursos! (DELEUZE; GUATTARI, 1992).

Posso citar como exemplo, os atendimentos individuais e coletivos que realizo aos usuários dos serviços em saúde mental. Durante as consultas de enfermagem, a analítica semiológica por mim utilizada era pautada na teoria das relações interpessoais de Peplau (1988), haja vista a alta demanda por respostas psicossociais destes clientes/usuários. Agora, posso optar em usar diversas abordagens, a partir da intersecção com autores como como Han, Foucault, ou mesmo Goffman, que neste caso em particular, também permeia pelo relacionamento interpessoal (*face a face*), cabendo-me somente em garantir as condições ideais de interação, no que Goffman (2002, p.81) chama de “definição de situação” enriquecendo assim a qualidade na assistência.

Mas, nem tudo foram flores, dispensei muita energia e muitas horas de estudo e dedicação, sempre buscando compensar as minhas frágeis bases na formação em ciências sociais e filosofia e à medida que ia adquirindo novas habilidades e competências, minhas capacidades de concentração e atenção estavam sendo testadas além dos meus limites. Esgotei.

Nos últimos anos acompanhamos ativamente na Unidade de Urgência em Saúde Mental o aumento dos atendimentos por uso de substâncias psicoativas e de casos de suicídio e tentativas de suicídio. O que chamou bastante a minha atenção foram as situações de urgência e emergência psiquiátrica que estavam associados às condições de trabalho, sejam elas causadas por desgastes físicos e mentais ou por sentimentos de depressão/fracassos. Não estamos imunes as situações descritas acima, na verdade, fazemos parte delas.

Agora, apresentando as minhas representações – em termos goffmanianos – ou práticas discursivas – em termos foucaultianos – como pesquisador, encontrei-me novamente no mesmo dilema: assim como os interlocutores desta pesquisa construíram aquilo que uma abordagem goffmaniana chama de fachada cínica ao responder sobre o uso de *smarts drugs*, eu não posso construir este trabalho seguindo a mesma premissa. Desse modo, preciso relatar aqui que também precisei fazer uso de estimulantes para conseguir dar conta de minhas atribuições, sobretudo, em relação à pesquisa de mestrado.

[...] o conceito de etnografia como prática academicamente legitimável apareceu originalmente vinculado à perspectiva de uma apreensão integradora do universo nativo em termos de leis, atitudes e pensamentos. Ocorre que a própria figura do etnógrafo não ficou alheia a este processo. Afinal, com a utilização da observação participante, também ele (ou seja, o etnógrafo e as suas vivências, sentimentos e interpretações) passou a funcionar não apenas como instrumento de pesquisa, mas também como valiosa fonte de dados. Por conseguinte – e é aqui que se estabelece a curiosa dialética à qual nos referimos há pouco –, ao incluir o pesquisador como objeto de estudos, a pretensão funcionalista de cunho totalizante curiosamente terminou por favorecer a presença da subjetividade em meio ao seu ideal de objetividade científica, plantando assim a semente da crítica a este mesmo ideal (SOUZA, 2014).

Buscando me precaver acerca dos perigos das considerações sobre índole/moral gerados pelo que Becker (2008) chama de *empreendedores morais*, me coloquei na pesquisa isentando-me de quaisquer valorações morais, tendo em vista que também fiz uso de substâncias estimulantes. Faz-se necessário também trilhar por um caminho da desconstrução do que Goffman (2020) chama de fachada cínica para a construção de uma fachada mais sincera possível enquanto pesquisador, situando-me na pesquisa como pesquisador observador e me afastando ao máximo possível dos conceitos e dos comportamentos rotuladores como certo ou errado, heróis ou vilões, normais ou patológicos e dos fatores que me motivaram na busca por tratamento.

Hoje é amplamente aceito que nenhuma área do conhecimento pode escapar das dificuldades produzidas pela subjetividade do investigador, pois este, ao escolher o objeto de sua investigação, já traz consigo a influência do seu contexto de inserção, de seus grupos de referência, de suas preferências intelectuais do momento e de suas idiossincrasias (SANT'ANA, 2010).

Não buscamos nesta abordagem etnográfica uma classificação dos pesquisados pelo uso das *smart drugs* e muito menos desenvolver juízos de valores sobre o seu consumo. Ao contrário, procuramos compreender as motivações que levam os concurseiros ao uso, suas dinâmicas, interrelações, fachadas e cenários vivenciados em uma instituição construída para ser o local ideal daqueles que procuram o sucesso profissional e financeiro.

Por isso, é imprescindível o uso de uma abordagem interacionista do ponto de vista metodológico como forma de coletar todas as formas de significações que permeiam o processo de interação social. Desta maneira, o pesquisador deve ter uma escuta vigilante e subtrair ao máximo as significações do campo e de seus interlocutores, e ter a consciência de que muitas das vezes os fenômenos não se apresentam de forma linear, exigindo do pesquisador estar preparado para não se prender em camadas superficiais. Este é o motivo pelo qual este estudo adotou a ferramenta da etnografia e seus inúmeros instrumentos de coleta (WOODS, 1989).

Por possuir um sólido conhecimento nas teorias das relações interpessoais e de sua *práxis*, atuando em dois decênios de acolhimento, escuta qualificada, interação social e docência, sinto muita segurança em atuar no papel de pesquisador observador, tomando o cuidado na coleta de dados com os símbolos, significados e subjetivações dos atores e dos cenários.

Los maestros cuentan con una notable experiencia como observadores participantes y como entrevistadores sobre esta base (véase POLLARD, 1985a). Un cierto conocimiento de las posibilidades y limitaciones, controles y balances _en otras palabras, la ciencia de la empresa—, junto con cierto tiempo adicional y una actitud reflexiva para lograr, llegado el caso, un distanciamiento social respecto del papel de maestro, pondría a muchos maestros en condiciones de realizar un trabajo etnográfico fructífero (WOODS, 1989, p.21).

Woods (1989), enfatiza que o etnógrafo deve possuir uma visão holística para captar as sutilezas dos sentidos atribuídos aos comportamentos dos sujeitos e produzir uma descrição rigorosa de toda as relações de interação, sejam elas verbais e não verbais, face a face ou descrição de bastidores, de forma a prevenir qualquer distorção do real representado pelos interlocutores.

Tanto na prática profissional, quanto na docência venho acompanhando de perto a concorrida vida dos estudantes, que já no início de seus estudos, se preocupam com suas inserções no mercado de trabalho. Assim, dentro deste microcosmo, não é incomum a prática de usos e de métodos para o aperfeiçoamento cognitivo, sejam eles comportamentais como técnicas/métodos de estudo e até mesmo do *doping* físico e/ou mental.

Para o pesquisador, este trabalho não representa somente mais uma análise de práticas discursivas ou representações dos concurseiros acerca dos sentidos que dão as suas condutas, mas evidencia uma ruptura de fronteiras e resgate epistemológico. Rocha e Eckert (2008), reconheceram que o engajamento proporciona uma experiência de percepção de contrastes sociais, culturais e históricos. Portanto, é imprescindível uma observação atenta ao contexto e a tudo que acontece no espaço observado. É neste ambiente que surgem indagações sobre como a realidade social é construída por esses atores.

Para ser introduzido no campo e assumir o papel de observador participante, foi necessário a elaboração prévia de um projeto de inserção do pesquisador e da construção das ferramentas de coleta de dados necessárias para as diversas dimensões de escuta e observação. Após a aprovação do orientador, aplicamos as ferramentas construídas previamente no campus com forma de validação. Para sustentação e validade destas ferramentas, faz-se necessário além das questões teórico-conceituais, as orientações sobre observação participante e direta, a escuta silenciosa, bem como as entrevistas por parte do orientador (ROCHA; ECKERT, 2008).

Com o diário de campo em mãos, questionário semiestruturado, gravador digital para as entrevistas, consentimento institucional das partes envolvidas no estudo para acessar o campo, construímos um cronograma que garantisse a regularidade, para vivenciar as rotinas do objeto pesquisado, e partimos para entrada em campo.

2.2 A busca pelo objeto da pesquisa.

Sob a orientação do professor Pablo Ornelas Rosa, escolhemos como ponto central de nossos estudos, os concurseiros, por retratar os sujeitos que vivenciam as subjetividades neoliberais cotidianas em um processo peculiar daquilo que a analítica foucaultiana chamou de *empreendedorismo de si*, para vencer os desafios da inserção do mercado de trabalho e alcançar a coroa de louros do tão sonhado sucesso: a estabilidade no emprego e a alta remuneração. A partir de então, iniciamos nossa busca pelo entendimento das racionalizações adotadas pelos concurseiros.

Como se dá esta relação paradoxal entre a racionalidade econômica neoliberal com enxugamento do setor público e o desejo de ingressar na máquina estatal? Como são as relações de poder e a produção de subjetividades para os concurseiros? Como dão sentidos aos seus comportamentos e desejos? Podem ser motivados/subjetivados pela cultura da positividade típica do empreendedorismo neoliberal através de profissionais influenciadores, com notório reconhecimento social capitalizados pelo próprio sucesso? Como afirma a literatura? Como são produzidos os discursos motivacionais e como influenciam e orientam estes jovens ao *empreendedorismo de si*? Estes sujeitos agora chamados de concurseiros, se utilizam de nootrópicos para melhoria da performance cognitiva na busca do sucesso? Como esta racionalidade é produzida?

Foram dois anos de intenso estudo bibliográfico e construção de um projeto de pesquisa. Tenho que reconhecer que foi um desafio em duas dimensões, tanto para mim, por estar “adentrando” em outro campo de saber, quanto para o orientador, que teve que dedicar uma maior atenção ao estudo. Inúmeras foram as vezes que necessitei solicitar pausas em suas orientações para realizar anotações e bibliografias. Mas, após adotar a gravação como modelo padrão de registro das orientações, acredito que tenha aliviado um pouco o fardo de meu orientador.

A imersão aos conteúdos sociológicos, antropológicos e filosóficos auxiliados pelas orientações e pelas disciplinas do mestrado, proporcionaram uma melhor visualização do objeto e dos aspectos metodológicos. Desta maneira, realizamos as escolhas dos autores para fundamentação teórica, para abordagem metodológica e abordagem analítica, permitindo a construção das ferramentas de coletas de dados.

Durante o processo de fundamentação teórica, encontramos diversos estudos sobre a produção de racionalidades, como este, no qual os autores afirmam que os docentes, por estarem nos altos cargos públicos, se tornam pontos de referência para o sucesso, nos quais, qualquer “fala” ou “dica” produz verdades orientadas geralmente por métodos e técnicas de reprodução de informações que são seguidos como caminhos para alcançar uma prosperidade profissional, a verdadeira receita do sucesso (ALBRECHT; KRAWULSKI, 2011).

Outro fator influenciador nos discursos e atitudes dos concurseiros, fazendo-os agirem como sujeitos de desempenho, são as tecnologias do Estado, decorrentes dos processos de produção das subjetividades (governamentalidade) que resultam de discursos e verdades legitimadas pelos saberes e pelas normas jurídicas ou pela subjetivação promovida pela cultura de massas ou cultura-mercadoria conforme explica Guattari e Rolnik (1999) em seu livro intitulado *Micropolítica: Cartografia do desejo*. Podemos aferir então, que estas subjetividades levam os concurseiros a uma positividade excessiva, por acreditarem na hipervalorização do capital humano e do *empreendedorismo de si*, preparando-se exaustivamente para o competitivo mercado de trabalho.

Para MORGAN et al, (2017) a sociedade está cada vez mais competitiva e acelerada pelas inovações tecnológicas e muitas pessoas, na busca por minimizar a exaustão, reduzir o sono ou mesmo maximizar suas capacidades intelectuais e físicas, estão procurando nas drogas uma alternativa para soluções de seus problemas e elas estão ficando cada vez mais acessíveis e consumidas de forma normatizadora.

Esher e Coutinho (2017) alertam para isto e afirmam que devido a estas racionalidades estarem acontecendo contemporaneamente, não há evidências efetivas sobre o impacto deste consumo por parte destes sujeitos, quanto ao uso de psicofármacos para o desenvolvimento do aprimoramento cognitivo, principalmente em indivíduos saudáveis, ou seja, ainda não há estudos suficientemente conclusivos, nem psicossociais e nem sobre os riscos à saúde que estes jovens estão sendo expostos. Outros pontos importantes levantados pelos autores estão localizados no fato das inadequações sobre a comercialização, publicidade, hábitos e a formação cultural da população. Esta dissertação, converge com o pensamento dos autores, no qual devemos ponderar sobre quais alternativas seriam as mais adequadas para promovermos a consciência e a discussão sobre o aprimoramento cognitivo.

Como é um estudo de caráter explicativo e exploratório, sobretudo sobre fenômenos urbanos, com a busca em compreender como se dão as relações intersubjetivas e sociopsicológicas dos concurseiros em um cenário estudado pela microssociologia das relações humanas cotidianas, faz-se necessário um esforço intelectual, como o próprio Geertz (1989, p.15) explica, uma “descrição densa” para melhor compreender as particularidades do ambiente social estudado.

Magnani (2003, p.85) compartilha conosco que a etnografia possibilita ao pesquisador mergulhar no universo dos pesquisados e numa relação de troca, compartilhar seus horizontes, compreender suas racionalidades e apresentar ao mundo o que mais importa: seus pares, os lugares que interagem e as próprias interações. Portanto, por mais que o conteúdo sócio-político-cultural sobre os concurseiros já tenha sido estudado por outros autores ou que a amostragem não configura uma parcela significativa comparada a estudos quantitativos, em nenhum momento diminui ou invalida nossas aspirações, pois “[...] não é o conteúdo da cultura popular, do entretenimento ou do lazer o que importa, mas os lugares onde são desfrutados, as relações que instauram, os contatos que propiciam [...]” (MAGNANI, 2003, p.85).

Levantamos como hipótese, que as influências sociais e tecnológicas decorrentes da racionalidade neoliberal que incidem diretamente nas relações econômicas e no campo do trabalho tem sido cada vez mais transparentes nos últimos anos, na medida em que produzem novas condutas motivando muitos jovens, mesmo já preparados para o mercado de trabalho formal superior, a retardarem o início de suas atividades laborais e a reduzir o tempo dedicado às suas relações socioafetivas, para maximizarem os seus estudos com objetivo da aprovação em concursos públicos de alto valor remunerativo e com estabilidade no emprego. Nesse sentido, esses sujeitos adotariam uma vida utilitária instrumentalizada por meio daquilo que a analítica foucaultiana chamou de *empreendedorismo de si*, característico do *homo oeconomicus* que emerge da racionalidade neoliberal. Desse modo, os concurseiros recorreriam ao aperfeiçoamento cognitivo, inclusive ao uso de nootrópicos (*smart drugs*), para o alcance do sucesso desejado.

2.3 Construindo as questões metodológicas.

Durante a vida acadêmica no mestrado, meu orientador, o professor Pablo Ornelas Rosa, me introduziu no ramo da sociologia chamada de microssociologia das relações humanas cotidianas, me apresentando sua obra: *Rock Underground: uma etnografia do Rock Alternativo* (ROSA, 2007), um estudo etnográfico do microcosmo das bandas e tribos urbanas que fazem parte do universo da cidade de Florianópolis. Foi o primeiro passo nesta jornada.

Desde então, suas influências me levaram a conhecer os trabalhos do sociólogo Otávio Guilherme Velho que também me levou a conhecer a teoria sociopsicológica da obra de Georg Simmel, a partir da obra intitulada: *A metrópole e a vida mental* (SIMMEL, 1967), que depois ficou conhecido por *As grandes cidades e a vida do espírito*. Só para termos uma ideia desta influência, adquiri em bom estado de conservação o livro original (primeira edição de 1967), que foi publicada pela primeira vez no Brasil com o título: *O Fenômeno Urbano* (VELHO, 1967), organizado por Otávio Guilherme Velho e traduzido por Sérgio Marques dos Reis. Além do estudo de Simmel, o livro apresenta outros trabalhos ímpares de R. Park, M. Weber e Chombart de Lauwe.

Já em outra obra do meu orientador, *Drogas e a governamentalidade neoliberal: uma genealogia da redução de danos* (Rosa, 2014), fui introduzido aos estudos de Foucault (1998) sobre governamentalidade e a produção dos sujeitos inseridos a partir da racionalidade neoliberal. Desde então, a leitura dos livros de Michel Foucault como *Microfísica do Poder*, *Nascimento da Biopolítica* dentre outros, tornaram-se leituras constantes durante o mestrado.

Rosa (2007) e Velho (1967), despertaram o meu interesse na microssociologia e na antropologia que estuda os fenômenos urbanos, que organicamente, me levaram para a leitura das obras de autores como Erving Goffman e Howard Becker (conhecidos como tributários da Escola sociológica de Chicago), haja vista que Goffman (1974) desenvolveu estudos não apenas sobre os moradores das ilhas Shetland, como também investigou um hospital psiquiátrico, dentre outros objetos, enquanto que Becker (2008) realizou trabalhos sobre drogas e desvios. Ambos assuntos relacionados com a minha experiência profissional.

Para a parte da pesquisa de campo, portanto, utilizaremos somente as bases metodológicas desenvolvidas por Erving Goffman em seu estudo intitulado *A representação do eu na vida cotidiana*, no qual o autor buscou analisar as fachadas e as interações dos interlocutores sob um contexto vivido e suas relações de acordo com cenários encontrados no cotidiano analisado (GOFFMAN, 2002).

Tanto Simmel (1967), Velho (1967; 2002) e Rosa (2007), tornaram-se influenciadores e leitura obrigatória quanto aos meus estudos sociológicos norteando as minhas análises e reflexões sobre o sujeito, sempre por uma abordagem representativa e interacionista da sociedade.

Apresentamos também neste estudo, a analítica foucaultiana sobre o percurso histórico do *homo oeconomicus* que surge na racionalidade neoliberal americana ou estadunidense (FOUCAULT, 2008a) e em suas relações de poder, paulatinamente transformado, em *sujeito de desempenho*, conforme evidenciou Han (2017). Desse modo, partimos da premissa de que o sujeito que surge no neoliberalismo está migrando de uma sociedade caracterizada pela junção e uma espécie de hibridização dos poderes pastorais, soberanos, disciplinares e biopoder para uma sociedade de desempenho (FOUCAULT, 2008a; HAN, 2017).

Estas mudanças no contexto social, político e econômico ocorridas nas sociedades modernas do século XXI, geradas pelas subjetividades neoliberais analisadas por Foucault (2008a), agora encontram eco em novas formas de coerções que os sujeitos se impõe devido as descobertas significativas das tecnologias de comunicação e controle do trabalho, fazendo-se necessário acrescentarmos neste estudo as análises desenvolvidas pelo filósofo Byung-Chul Han (2017) acerca dos condicionamentos à autoexploração, tendo em vista que Foucault não chegou a vivenciar plenamente o contexto ciberespacial, da atualidade.

Para analisar o objeto apresentado, busca-se associar este possível *empreendedorismo de si*, presente na racionalidade dos concurseiros, aos estudos foucaultianos acerca do biopoder, assim como o sujeito do desempenho analisando por Han (2017), bem como as dinâmicas da arte de governar do modelo neoliberal que se iniciaram na América Latina ainda nos anos de 1980 e que foram marcantes na valoração acerca da importância do investimento no capital humano como fórmula para obter o sucesso profissional.

Para o desenvolvimento deste estudo, realizamos uma pesquisa explicativa, qualitativa e de campo denominada etnografia, que foi realizada através de observação participante desenvolvida em um curso privado e presencial preparatório para concursos públicos localizado em Vitória, no Estado do Espírito Santo. Este estudo foi realizado entre o período de junho de 2018 a fevereiro de 2020.

Nesse sentido, é importante enfatizar que Malinowski (2018) acreditava que através do estudo etnográfico seria possível conhecer a realidade social do grupo estudado através da observação direta dos relatos por meio da língua nativa dos investigados, ou seja, da análise acerca de todos os eventuais fenômenos experimentados por determinado grupo social.

Descreve ainda que “a ciência em que o relato honesto de todos os dados é talvez ainda mais necessário que em outras ciências” (MALINOWSKI, 2018 p.724). Para o autor, o valor científico está atrelado a capacidade de distinguir com clareza os dados levantados durante a observação direta, assim como por meio das declarações e interpretações nativas, tendo o cuidado para não se contaminar com as inferências do próprio autor.

Geertz (1989, p.15) converge com o mesmo pensamento, afirmando que um dos preceitos dos estudos etnográficos é manter as descrições de campo e outras formas de coletas de dados o mais completo possível, o que o autor chama de “descrição densa”, que vem definir a qualidade da pesquisa e diminuir os riscos para o erro. Outro fator preponderante é a qualidade da observação e o conhecimento sobre o contexto estudado.

Geertz (1989) também faz este mesmo alerta, no qual afirma que o etnógrafo deve tomar o cuidado quanto a coleta de dados. É imprescindível antes de tudo, que o pesquisador busque conhecer os significados, as práticas e/ou representações do grupo estudado, para poder captar suas percepções e experiências da forma mais real possível. Assim, é somente após o levantamento de dados primários, relatório de campo e demais informações colhidas direta e indiretamente, que a pesquisa etnográfica permitirá a realização efetiva de uma análise documental.

Mattos (2011), explica que a etnografia é uma ótima ferramenta metodológica trazendo grandes contribuições para o campo das pesquisas qualitativas, principalmente para os estudos da microssociologia, na observação de interlocutores

com participação ativa. Traduz como mediadores as interações humanas e seus contextos sociais.

Portanto, a etnografia confere as pesquisas qualitativas, um caráter expressivo, dinâmico e participante, ao mesmo tempo em que preserva suas individualidades, permitindo o fazer ouvir. Desse modo, busca-se compreender o sentido da participação ativa dos interlocutores, garantindo assim que o sujeito possa ser de fato o objeto do estudo antropológico. Em seu máximo espectro, a partir do que chamamos de visão holística, permite a análise de discurso do grupo social e suas inter-relações com outras dimensões da epistemologia (MATTOS, 2011).

É através de suas características qualitativas, que o pesquisador consegue captar os padrões, percepções, rotinas, usos e costumes e todas as gamas de variáveis comportamentais e sociais, previsíveis ou não, que permeiam e fazem parte das vidas dos sujeitos ou grupos sociais.

A pesquisa qualitativa, se apresenta de forma holística e permite uma abordagem mais dinâmica e interpretativa tanto acerca das informações dos interlocutores, como sobre os demais espaços sociais e cenários. Por ter um caráter explicativo, esta pesquisa busca relacionar as ideias e os discursos coletados, tentando compreender suas causas ou fenômenos para poder, através de um referencial teórico-metodológico, explicá-los. (DENZIN; LINCOLN, 2006).

As pesquisas de cunho qualitativo, buscam responder a natureza dos fenômenos e as interações entre os sujeitos, verificando como dão sentido aos processos de interação, ou seja, buscando compreender como os fenômenos ocorrem especificamente e como são as relações estabelecidas entre esses sujeitos e fenômenos. Diferem-se, portanto, das pesquisas quantitativas, dando foco ao objeto pesquisado, sem construir generalizações, cumprindo o seu papel em explicar os fenômenos estudados (TURATO, 2003).

2.3.1 Interlocutores e local da pesquisa

Ainda em junho de 2018, realizamos um levantamento sobre os principais cursos preparatórios para concursos públicos localizados em Vitória/ES, com o intuito de

delimitar nossa pesquisa. Desse modo, fizemos uma busca através de endereços eletrônicos sobre os concursos públicos e as escolas preparatórias destinadas a aprovar os seus respectivos candidatos. Encontramos 10 empresas que ofereciam esse tipo de serviço. Após contato telefônico, somente 01 empresa - localizada no bairro de Jardim da Penha, na capital Vitória/ES - possuía cursos regulares presenciais, sendo que os demais estavam funcionando sazonalmente com algumas turmas presenciais e/ou intercalando com aulas online.

Em junho de 2018, construímos um documento de autorização para a execução da pesquisa (APÊNDICE A), explicando sobre os objetivos e a relevância dessa investigação, que foi aceita pela instituição. Desde então, passamos a visitar o local escolhido como campo de estudos até ser aprovado o termo de anuência da pesquisa. No mês de dezembro de 2018, passamos a frequentar o curso preparatório de forma casuística, com o intuito de ambientação e adaptação ao local e paulatinamente fomos sendo inseridos de forma diária a partir de janeiro de 2019. Nesse período, a observação direta e a escuta silenciosa foram utilizadas metodologicamente e todas as informações colhidas registradas no diário de campo.

Durante o período de ambientação e adaptação que durou 02 semanas, fui visitando e acompanhando de forma lenta e silenciosa, as turmas presenciais, interagindo com todos sempre que podia, principalmente no intervalo. No curso preparatório, havia turmas presenciais para as carreiras: tribunais, policiais, fiscais e uma turma chamada de Projeto Passar.

Este período foi de suma importância, pois fez com que muitos concurseiros se familiarizassem com a presença deste pesquisador, melhorando a cada dia o vínculo e despertando cada vez menos a atenção de minha presença. Esta aproximação também permitiu uma percepção mais próxima do real acerca dos papéis, fachadas e dos espaços do palco e dos bastidores e suas interrelações construídas naquele cenário. Houve vezes, que participei de conversas informais sobre porque optar para estudar para concursos ou para mestrado. Estas conversas, foram também responsáveis para o aumento do vínculo e acontecerem sem maiores profundidades devido ao tempo mínimo de intervalo ou para não comprometer a própria pesquisa.

Durante este período, o que mais chamou a minha atenção foi um grupo de concurseiros que frequentavam o curso preparatório de forma peculiar. Este grupo,

apesar de em algum momento já terem estudado de forma convencional neste curso preparatório, não o fazem mais, ou seja, não frequentam o curso preparatório para assistir as aulas presenciais convencionais e não pagam mensalidades. Mesmo assim, quase sempre são os primeiros a chegar e não há hora estipulada para irem embora, incluindo os finais de semana.

Este grupo segue uma lógica de troca, pois solicitam autorização para utilização do espaço físico, espaço este comum e com certeza com menor conforto do que seus lares, permitindo a eles e elas o consumo de café oferecido pela instituição, além de receberem *coaching educacional*, quando solicitam. No entanto, caso sejam aprovados, passam os créditos da aprovação para o curso preparatório.

Com anuência do orientador, nossa pesquisa concentrou neste grupo de concurseiros, que chamamos também nesta pesquisa de *egressos*. A escolha por coletar os dados neste grupo se deu em função das características peculiares de ingresso e do tempo de convívio entre eles.

Seguindo os critérios de amostra e participação, foram selecionados de forma voluntária, uma amostragem não probabilística de 14 concurseiros de um total de 16 que fazem parte do grupo de egressos, todos acima de 18 anos. O critério de exclusão se deu por não concordar em participar da pesquisa ou não assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE (APÊNDICE B).

Como este estudo parte de uma abordagem etnográfica em uma Instituição de cursos preparatórios privado que possui suas atividades educacionais no município de Vitória e Vila Velha, ambos no Estado do Espírito Santo – ES, é importante destacar que somente a Unidade de Vitória manteve suas portas abertas, contando com turmas presenciais durante o ano em que a pesquisa foi realizada.

Contudo, é importante evidenciar que, além de uma área administrativa/pedagógica, o local possui sala para os professores, salas de aula presenciais, biblioteca, salas para estudos individuais, tanto para os alunos matriculados, quanto para os egressos que desejam continuar estudando de forma proativa, banheiros e estacionamento, água potável e café em quantidade satisfatória e contínua. Além disso, também oferecem serviço de *coaching educacional*.

2.3.2 Ferramentas para coleta de dados

As ferramentas utilizadas para coleta de dados foram aplicadas após o estabelecimento de uma “instância mais profunda, uma comunhão”, (MAGNANI, 2002, p. 17), ou seja, após a concretização de vínculos com os interlocutores. A primeira ferramenta aplicada foi questionário semiaberto (APÊNDICE C), contendo 12 questões que versavam sobre os dados socioeconômicos e políticos, elaborado a partir das visitas prévias ao campo e dos objetivos da pesquisa. Enquanto os campos de registros das variáveis: gênero, faixa etária, estado civil, cor, escolaridade e renda média familiar, seguiram as premissas utilizadas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, os campos de registros das variáveis de espectro político, seguiram a literatura abordada por Feijó (2008).

Após a aplicação dos questionários de forma agendada, foram realizadas as entrevistas individuais e semiestruturadas, orientadas por um questionário contendo 12 questões abertas sobre a análise do discurso do sujeito, os hábitos, rotinas e percepções dos entrevistados. A entrevista foi gravada em dispositivo digital e posteriormente transcrita. Após a transcrição, as gravações foram apagadas (APÊNDICE D). Durante toda a pesquisa, desde as primeiras visitas até o último dia, foi utilizado o diário de campo.

Geertz (1989) afirma que na antropologia social, o pesquisador está praticando a etnografia. A etnografia traduz, portanto, uma dimensão que ultrapassa a ideia de coleta de dados, de seleção de informantes-chaves, do diário de campo, de uma transcrição de textos ou qualquer outro procedimento técnico-metodológico. É um processo dinâmico, que tem que ser vivenciado, sempre pensando e refletindo.

A aplicação do questionário antecedendo às entrevistas visava fragmentar o tempo na abordagem direta, haja vista a alta valorização dada ao “tempo” pelos interlocutores, diminuindo assim o risco de abandono da pesquisa.

Segundo Gil (2008, p. 109), a entrevista é uma técnica em que o investigador se apresenta ao investigado e lhe aplica perguntas, com o objetivo de obtenção dos dados que interessam à investigação. A entrevista é considerada pelo autor como uma técnica por excelência na investigação social e uma importante forma de interação

social. É considerado também um “diálogo assimétrico”, haja vista que somente uma das partes busca coletar dados e a outra se apresenta como fonte de informação.

A entrevista é uma das técnicas de coleta de dados mais utilizada no âmbito das ciências sociais. Psicólogos, sociólogos, antropólogos, pedagogos, assistentes sociais e praticamente todos os demais profissionais que tratam de problemas humanos se valem dessa técnica não apenas para coleta de dados, mas também com objetivos voltados para diagnóstico e orientação (GIL, 2008).

Com o intuito de verificar se os questionamentos do roteiro da entrevista eram pertinentes, aplicamos em forma de teste, três entrevistas pilotos no próprio campus da UVV. Após o feedback destes entrevistados/alunos, sobre clareza, compreensão e até posicionamento ético, realizamos as alterações sugeridas para solucionar eventuais problemas que poderiam ocorrer com as entrevistas posteriores. Contudo, é importante esclarecer que estas entrevistas testadas não fazem parte da pesquisa e muito menos foram mencionadas no texto apresentado.

2.3.3 Coletando os dados

A aplicação dos questionários e entrevistas foram realizados na área de entrada do prédio (dentro da Instituição de ensino), já as observações e escutas, que também geraram dados no diário de campo foram realizados tanto na área interna, quanto na área externa do curso preparatório, em um espaço na calçada externa costumeiramente utilizado como *fumódromo*²⁸.

As coletas dos dados, sejam dos questionários ou entrevistas, ocorriam na maioria das vezes no intervalo ou em um horário pré-determinado pelo entrevistado. O maior desafio nesta etapa era a abordagem, pois mesmo tendo estabelecido um vínculo de qualidade com os entrevistados, a sensação ao fazer o convite era a mesma de estar atrapalhando alguém concentrado. No início do dia, não dava para abordá-los mais profundamente porque não queria atrapalhar a dinâmica do grupo, haja vista que este

²⁸ à esquerda do prédio principal onde funciona o curso preparatório, há uma marquise de lojas comerciais, que no período da pesquisa encontravam-se fechadas. Este local foi escolhido pelos egressos nos momentos de intervalo dos estudos para reencontro informal e utilizado para fumar. Um importante bastidor para as representações goffmanianas.

era um dos raros momentos de interação de todos os concurreiros. A melhor solução que encontrei para realizar a abordagem, foi anteceder a saída da sala de estudos e aguardar o intervalo no lado de fora. Assim, consegui ou realizar os registros ou as entrevistas. Para alguns, necessitei exercitar estratégias que permitiriam uma maior integração até construir um vínculo suficiente para que eles aceitassem *perder tempo em dar entrevistas*.

Aqui vale uma observação. O entrevistado que desenvolveu o maior vínculo e foi responsável inúmeras vezes em me apresentar aos demais concurreiros, recusou-se no primeiro momento em participar da pesquisa. Por surpresa, no último dia no campo me procurou e se apresentou para ser entrevistado. Este foi o único caso que realizei a aplicação do questionário e a entrevista no mesmo momento.

Em todas as regiões de representação, no qual o pesquisador-ator interagiu, foram gerados dados e registrados de forma apropriada em cada ato representativo, sempre preocupado com o inter-relacionamento das estruturas, evitando assim, uma descrição superficial dos dados, conforme alertou Geertz (1989, p.15-16):

“Mas não são essas coisas, as técnicas e os processos determinados, que definem o empreendimento. O que o define é o tipo de esforço intelectual que ele representa: um risco elaborado para uma ‘descrição densa’, tomando emprestada uma noção de Gilbert Ryle.” (GEERTZ, 1989, p.15-16).

Anotações em diário de campo após observação silenciosa, interação individual ou em grupo, registros de dados encontrados em materiais de estudo, materiais didáticos, mensagens em murais e portas *in loco* ou no ciberespaço utilizado pelo curso preparatório, questionário e entrevista, foram as principais ferramentas usadas na pesquisa. No caso específico das entrevistas, foram individuais, na escolha voluntária do interlocutor e ocorreram de acordo com as premissas de Goffman (2002), em um processo chamado de *interação face a face*.

Mattos (2011) complementa acerca da necessidade da associação do esforço intelectual do pesquisador durante os registros no processo de interação/comunicação verbal ou não verbal, como escusas, cortesias, deferências, discrição, vocabulário, tom de voz, gestos, expressões faciais e corporais e até os aspectos textuais da linguagem.

Para aplicação do questionário, foi necessário um tempo médio de 5 minutos para ser respondido, tempo muito bem aceito pelos participantes. Já a entrevista, tínhamos

alguns fatores dificultadores: a) devido a necessidade de um ambiente silencioso, não pôde ser realizado no corredor ou nas salas de estudo; b) quando sugeri a alguns entrevistados sobre o uso de uma sala vazia, demonstravam-se insatisfeitos, seja por não querer dispensar tempo ou por se sentirem pressionados/desconfiados. A estratégia encontrada para diminuir a sensação de formalização e não atrapalhar os estudos dos demais foi ir para área de entrada do curso, local onde eles aguardam no início do dia para adentrarem no prédio. Neste lugar há bancos de cimento que proporcionam um ambiente casual e as grades que limitam a área externa, através de uma suposta proteção.

As entrevistas variaram conforme o engajamento de cada interlocutor. Não obstante, o tempo médio dispendido para a sua realização se dava por volta de 30 minutos, com exceção dos Interlocutores Carmesim e Índigo que responderam em 16 minutos e o interlocutor Escarlata que respondeu por pouco mais de 59 minutos.

2.3.4 Procedimentos de análise dos dados.

Após o estudo em campo, chegou o momento de organizar os dados para aplicar os métodos de interpretação e análise. Para o questionário, os dados foram compilados em uma tabela do programa Excel, no qual foram criadas planilhas para tabulá-los. As questões abertas, foram agrupadas e colocadas também na planilha de programa Excel, devido suas variáveis serem muito simples de interpretar. Após o tratamento dos dados foi realizada uma análise através de uma abordagem qualitativa que permitiu estabelecer o perfil dos concurseiros entrevistados atingindo um dos objetivos desta pesquisa: “Caracterizar os concurseiros através dos aspectos sociais, políticos e econômicos”.

As 14 entrevistas foram transcritas e analisadas através da técnica de análise circunscrita a uma perspectiva goffmaniana, que analisa as interações utilizando a metáfora teatral, tendo como base o livro *A representação do Eu na vida cotidiana*. Segundo Rodrigues (2005), a análise ocorre através da verificação das capacidades de expressão social dos sujeitos por intermédio de suas intenções expressadas verbalmente ou não, surgidas nos processos de interação. Segundo o autor, cada

sujeito quando interage com o outro imbuí a si mesmo valores positivos (aprovados socialmente), no qual Goffman (2002) chama de face ou fachadas.

Os dados obtidos através das entrevistas e do diário de campo foram analisados por meio do entrelaçamento da fala dos atores investigados, dispostas em categorias, com as dimensões teóricas apresentadas por Goffman (2002) sobre os processos de interação no comportamento humano, fazendo analogias à representação de uma peça de teatro. Encontram-se presentes nas representações dos sujeitos durante suas interações, os elementos teatrais como atores, palco, bastidores, cenários e plateia. Substituímos os nomes verdadeiros dos interlocutores por nomes fictícios relacionados por cores.

A produção de uma imagem de si nas interações começou a receber mais atenção a começar pelos trabalhos do sociólogo Erving Goffman, cujas pesquisas sobre a apresentação de si e os ritos de interação exerceram profunda influência na análise das conversações. Goffman mostra que toda interação social, definida como “a influência recíproca que os parceiros exercem sobre suas ações respectivas quando estão em presença física uns dos outros”¹⁰, exige que os atores forneçam, por seu comportamento voluntário ou involuntário, certa impressão de si mesmos que contribui para influenciar seus parceiros do modo desejado. Adotando a metáfora teatral [...] (AMOussy, 2005, p. 12).

Seguindo por esta analítica, apresentamos primeiramente a região de fachada de atuação, o curso preparatório e suas fachadas, seguido dos atores (concurseiros) e suas representações cotidianas. Durante a análise dos dados, houve o entrelaçamento da fundamentação teórica tratada a partir das perspectivas de Goffman (2002) e os dados da entrevista, sendo fundamentada por meio da chave da “*definição da situação*” como forma proporcionar a interpretação mais próxima do real (GOFFMAN, 2002, p. 120).

CAPÍTULO 3 – O CURSO PREPARATÓRIO:

3.1 – Estrutura física

O curso preparatório para concursos funciona em um edifício de médio porte de 3 pavimentos em uma estrutura arquitetônica comum e atual. Sua entrada principal possui um cercamento feito de estrutura metálica em barras que além de proporcionar segurança na área externa do edifício, mantém boa visibilidade da fachada arquitetônica e da rua. No espaço externo da propriedade, apesar de parecer pequeno em relação as dimensões do edifício, conta com alguns bancos coletivos de concreto para uso dos concurreseiros enquanto aguardam o início das aulas ou para uso nos intervalos. Há também uma pequena cantina desativada.

A região frontal é delimitada por uma rua de pouco tráfego de veículos, perpendicular a uma avenida que proporciona fácil acesso, mantendo um ambiente de tranquilidade, ideal para uma Instituição educacional. À sua esquerda é delimitada por pequenos comércios, que durante este estudo encontravam-se inativos e à direita delimitado por um amplo estacionamento exclusivo da própria Instituição.

A portaria principal que dá acesso ao edifício é ampla, proporcionando o trânsito livre e seguro de pessoas e uma boa iluminação natural no corredor do primeiro pavimento, no qual em sua primeira porção se forma o hall que é composto à esquerda por uma meia parede superior de vidro correspondendo o local de atendimento público da secretaria administrativa e acesso a direção da Instituição e à direita, a escada que leva aos demais pavimentos.

No primeiro pavimento também se encontram salas de aula²⁹, banheiro e sala dos professores. Tanto o hall quanto o corredor, apresentam-se sempre limpos e sem acessórios cênicos, com exceção de 04 quadros médios de aviso, colocados estrategicamente próximos a secretaria e escada e uma mesa encostada na parede

da direita entre a portaria principal e a escada contendo 2 garrafas térmicas para café³⁰ de 2,5 litros cada além da oferta de copos descartáveis.

O espaço físico do segundo pavimento é composto de salas de aula, 02 salas de estudo e banheiros. No corredor há armários com livros que possuem a função de biblioteca e quatro estações de estudo modular encostadas na parede. Somente a copa do terceiro pavimento estava sendo utilizada durante o período de observação deste estudo.

As salas de aula dos cursos presenciais são amplas, de variados tamanhos e formatos, limpas e equipadas com recursos audiovisuais modernos. As cadeiras de estudo são individualizadas e presas paralelamente entre si formando longarinas de até seis lugares e dispersas lado a lado em duas colunas formando um corredor central. Algumas salas possuem capacidade superior a 70 lugares.

As 02 salas de estudo e as 4 estações de estudo modulares do segundo pavimento estão disponíveis para todos os concurreseiros para serem utilizadas nos estudos individualizados. As salas de estudo possuem dimensão aproximadas de 15 m² e possuem organizações distintas: A sala de estudos I (ANEXO 3) é composta por 8 estações de estudos de madeira modular ocupando todos os espaços próximos as paredes, deixando um espaço no centro da sala para circulação de pessoas. A sala de estudos II (ANEXO 4) demonstra-se um pouco maior e assemelha a uma sala de aula convencional, possuindo um pequeno quadro branco em uma das paredes e duas fileiras de cadeiras de estudos individuais, em pares, com capacidade para 12 lugares formando um pequeno corredor central.

3.2 Região de fachada.

Os atores das equipes de representação dos concurreseiros dos cursos presenciais, sob a influência de *especialistas em treinamento* (professores) atuam de forma

²⁹ durante todo o funcionamento do curso preparatório, as suas salas são mantidas climatizadas e com acesso livre a internet via Wifi, também é disponibilizado nos corredores, bebedouros elétricos e café por livre demanda (DIARIO DE CAMPO, p.48).

³⁰ durante o período de observação e escuta, ao perguntar a alguns funcionários sobre número de concurreseiros, me informaram que circulam diariamente pelo curso preparatório para concursos, aproximadamente 250 concurreseiros (incluindo os 16 concurreseiros egressos). Também foi informado o consumo médio matutino entre 10 a 16 litros de café (DIARIO DE CAMPO, p.73-74).

coletiva na região de fachada das salas de aulas presenciais, cujo cenário foi concebido para representar o palco principal do curso preparatório para concursos. Os atores *desta equipe de representação*, também podem atuar em outra região de fachada para os seus ensaios individuais cujo cenário foi originalmente construído para este propósito. Esta *região de fachada* é conhecida como sala de estudos.

Os atores da equipe de representação dos concurseiros egressos, objeto deste estudo, por acreditarem possuir performance dramática superior aos atores das equipes de cursos presenciais, porém em condições *infra dignataten* (GOFFMAN, 2002, p.35) aos colegas de sucesso (*coach*), atuam de forma individualizada na região de fachada das salas de estudo, com o objetivo de manterem a definição de situação de concurseiros de elite sob a dominância dramática de seus colegas vitoriosos nos concursos públicos, representados no curso preparatório pelos *coach*

Vale ressaltar que segundo Goffman (2020, p.32) é de se esperar uma coerência entre ambiente de interação, a aparência e a maneira, ou seja, um concurseiro egresso cuja aparência denota profissionalismo, superioridade e experiência em dedicação de estudos não pode, por coerência atuar no mesmo cenário dos concurseiros considerados por eles como iniciantes e amadores.

Para legitimar seus papéis sociais e apresentar um bom espetáculo a outras equipes de representação que compõe a sua plateia (GOFFMAN, 2002, p.13), os concurseiros egressos acreditam que é importante a existência de vínculo ao curso preparatório. Durante o período da pesquisa, confirmada pelas entrevistas, os pesquisados demonstraram a necessidade da construção de um discurso que legitimasse suas atividades como concurseiros, buscando assim, a diminuição da pressão familiar ou da sociedade frente a sua escolha de estudar para o concurso público ao invés de buscar um emprego no mercado de trabalho como profissional de nível superior já qualificado. É presumível que seja de interesse dos concurseiros egressos regular a conduta da maneira como são tratados.

3.3 Região de fundo.

Durante a pesquisa, percebemos a presença de 02 regiões consideradas como bastidores. Segundo Goffman (2002, p.106), bastidor é uma região de interação, fechada para a plateia, no qual os atores podem até abandonar suas fachadas. A primeira, é a *região de bastidor* que permite a circulação de toda a equipe de representação. Ela ocorre nos intervalos, em uma região externa ao edifício, na área chamada nesta pesquisa de *fumódromo*. A segunda, mais de fundo também considera os demais atores da *equipe de representação* como plateia, ocorre quando um dos atores interage individualmente com o *coach* em sua sala de atendimento.

A região de bastidor chamada de fumódromo é localizada fora dos limites do curso preparatório, à esquerda, embaixo da marquise das lojas comerciais desativadas. Esta localização permite que os concurreseiros egressos possuam um maior controle de bastidor, mantendo-se distante das demais equipes de concurreseiros (GOFFMAN, 2002, p.114).

Nesse sentido, podemos presumir, a partir de Goffman (2002, p. 121), que os concurreseiros egressos podiam atuar livremente adotando práticas de “caráter regressivo” e uma linguagem típica de bastidores. Assim, abandonavam por alguns momentos, durante os intervalos, o papel de concurreseiros experientes, polidos e decorosos, o que lhes permitia que interagissem nesse local proferindo discursos rasos, críticas políticas, compartilhamento de senhas de conteúdos licenciados, além de fumar sem se preocupar com as pontas jogadas no chão.

Mas, a característica mais marcante desta região de bastidor dos concurreseiros egressos é sem dúvida a quebra do silêncio, das individualidades e dos decoros. Se na sala de estudos predominava o silêncio e as regras de decoro, no fumódromo o silêncio nunca existia e nem mesmo aquelas regras de conduta compartilhadas e representadas por eles no cenário de atuação.

Na região de bastidor das salas de atendimento dos *coach*, ocorria um processo de dominância dramática com a finalidade de orientação do ator em manter uma coerência expressiva através do uso do autocontrole pelo próprio ator e das *coações de interação* produzidas pelo *coach*. Vale ressaltar que os *coach* também fazem parte

da equipe enquanto atores mesmo que de forma temporária, tendo em vista que é justamente desse modo que exercem sua liderança (GOFFMAN, 2002, p.65).

Segundo Gastaldo (2008), as relações de poder produzidas pelo *coach* são advindas e aceitas pelos concurreiros egressos justamente porque acreditam que a definição de situação estabelecida através seu evidente sucesso produz a crença de que seguindo a receita apresentada por eles, os seus objetivos serão alcançados mais cedo ou mais tarde. Isso se dá pelo simples fato de que os *coach* experimentaram a condição de concurreiros que lograram êxitos na aprovação em concursos anteriores, permitindo, portanto, certa capitalização e instrumentalização desse capital simbólico como um potencializador capital econômico, caso sejam seguidas suas prescrições que prometem o sucesso.

Contudo, é importante destacar que, segundo Goffman (2002, p. 65-66), durante as interações, os atores se utilizam do autocontrole de forma a manter um consenso constante em suas atuações. Desse modo, estas coações de interação, levam toda a equipe a manter uma *impressão idealizada*, necessitando às vezes acentuar algumas práticas de aceitação da plateia e ocultar outras.

3.4 Sítio digital e redes sociais digitais.

O curso preparatório para concursos também possui endereço eletrônico na rede mundial de computadores. No mundo digital, o curso preparatório é bastante conhecido e atuante, fatores estes que podem ser evidenciados pelas diárias inserções de conteúdo digital, pelos números de visualizações, comentários e seguidores.

Na rede mundial digital, o curso preparatório possui 02 regiões de fachada com as equipes de representação atuando de formas distintas. 01 sítio oficial utilizado para apresentar a toda a comunidade digital a empresa e seus serviços, além de 01 página na rede social digital *Facebook* com 60.795 seguidores, onde interage com os concurreiros seguidores diariamente, de forma ampla e diversificada.

Na região de fachada do sítio oficial apresenta seus serviços através de uma empresa com aparência forte, capitalizada pelos diversos prêmios de reconhecimento de sua

marca e possuidora de um corpo técnico altamente qualificado. Neste espaço, não são inseridos conteúdo ou promovidas quaisquer interações, de forma a preservar a credibilidade da empresa (GOFFMAN, 2002, p.12).

Na região de fachada da rede social digital a empresa atua na interação com seus seguidores concurreiros através de diversos formatos de comunicação digital, como posts motivacionais, vídeos e entrevistas com o objetivo de mantê-los atualizados sobre os editais e concursos, além de divulgar turmas de cursos presenciais, promovendo subjetivações associadas a racionalidade neoliberal através dos posts motivacionais. Nesta região de fachada a empresa permite divulgar conteúdos motivacionais e de alto valor de subjetivação, no qual afirmam que as renúncias da dedicação do tempo para realizações socioafetivas são justificadas em detrimento a ganhos financeiros (ANEXO 5-9).

Na região de fachada do sítio oficial digital do curso preparatório para concursos, a equipe de representação atua para uma plateia geral buscando manter uma definição de situação coerente representada por uma equipe de alto nível de performance, na qual seus atores priorizam as práticas de comunicação e mantêm seus segredos longe da plateia (GOFFMAN, 2002, p. 65). Enquanto isso, na região de fachada das redes sociais, a equipe de representação atua para uma *plateia selecionada* de concurreiros que já conhecem os segredos dos bastidores.

Não obstante, a partir das análises de Goffman (2002, p.52) é possível compreender que a *segregação de auditório*, neste caso, possibilita que os atores priorizem os desempenhos de seus papéis, exigindo menor rigor das *práticas preventivas* e *protetoras* para a manutenção da definição da situação da equipe.

Segundo Goffman (2020, p.40) para manter uma fachada, há necessidade de “algumas exigências abstratas em relação a audiência, que provavelmente lhe são apresentados durante a execução de outras práticas”. Portanto, para o autor, constitui-se como maneira de representação que podem se moldar e ajustar à compreensão e às expectativas para uma determinada plateia. Desse modo, para o público geral a página oficial, para o público selecionado de concurreiros, a página das redes sociais digitais.

Assim, quando o indivíduo se apresenta diante dos outros, seu desempenho tenderá a incorporar e exemplificar os valores oficialmente reconhecidos pela

sociedade e até realmente mais do que o comportamento do indivíduo como um todo (GOFFMAN, 2002, p. 41).

3.5 – Rotina do curso preparatório para concursos

As rotinas do curso preparatório para concursos ocorrem de modo geral, de acordo como as equipes de representação dos concurreseiros presenciais, haja vista que atuam na região de fachada das salas de aula presenciais, o palco principal. É presumível, portanto, que as demais equipes de representação, inclusive os concurreseiros egressos se orientem deste padrão para adequar as suas práticas.

O ambiente de estudos decorre em duas dimensões espaciais: 1) na Instituição, através das aulas presenciais realizadas nas salas de aulas físicas, nos estudos individualizados, nas salas de estudo e nas estações de estudo modulares no corredor do segundo pavimento e através do *coaching* educacional individual; e 2) através das redes sociais digitais em diversos formatos de comunicação digital, como posts, entrevistas ou *videocast/streaming*.

A comunicação interna é realizada em sala de aula pelos professores e pelos coach, além de ocorrer por meio de informativos afixados nos quadros de aviso ou em espaço próprio nas portas das salas de aula. Já a comunicação externa é realizada através de publicidade paga ou de reportagens realizadas sobre a temática dos concursos públicos pelos principais jornais impressos capixabas, bem como pelo próprio sítio virtual do curso preparatório para concursos e pelas redes sociais digitais, nas quais são muito atuantes.

No curso preparatório há quatro quadros de avisos. O primeiro encontra-se próximo a portaria principal e a secretaria administrativa. Nele encontram-se uma lista de aprovados em concursos que passaram pelo curso preparatório entre 2015 e 2018. O segundo, um pouco mais afastado, é preenchido com diversos recortes de jornal impresso dos últimos dois anos, em que evidencia a participação de professores ou de coach da Instituição em notícias, dicas para concurso ou abertura de editais.

Os últimos 02 quadros, localizados próximo as escadas, contêm fotos de eventos sociais promovidos por duas principais redes de comunicação sobre o recall de marcas entre os anos de 2017 e 2018. Os troféus encontram-se em exposição na

secretaria administrativa. O uso dos troféus de reconhecimento de marca e o corpo de professores altamente qualificados são as principais formas de gestão da qualidade utilizados pelo curso preparatório como capital simbólico, evidenciando o sucesso da instituição. Segundo Kotler e Keller (2012, p.398) dentre os 10 serviços mais importantes que os clientes desejam que as empresas entreguem, estão: ter funcionários experientes, como os professores e os coach; e uma marca na qual possa confiar como as premiações sobre recall destas empresas.

A partir de Goffman (1974, p. 147-148) é possível compreender que para desenvolver vínculos entre o curso preparatório e o concurseiro egresso faz-se necessário tanto o empenho quanto participação ativa deste, no qual o autor chama de “*compromisso e adesão*”. Portanto, o engajamento do concurseiro irá acontecer à medida que os limites de confiança para as atividades que desejam forem estabelecidos com o curso preparatório.

Um exemplo de vínculo de confiança em nosso estudo é a valorização dos concurseiros pelos sucessos alcançados pelos coach e pelo curso preparatório, evidenciado pelos troféus em exposição na secretaria administrativa. Estes vínculos de confiança são forjados devido os concurseiros e o curso preparatório possuírem “valores comuns” de interesses pelo sucesso e desta maneira se “confundem tanto intrínseca quanto estrategicamente” (GOFFMAN, 1974, p.151).

Este é o papel importante prestado pelo curso preparatório como um cenário ideal para lidar com a interface social que permite o carreamento das relações da disciplina com as definições de situação de cada ator e cada equipe com sua plateia, alimentando e retroalimentando as racionalidades neoliberais (FOUCAULT, 1987, p.143).

As análises de Goffman (2020, p.148) permitiram a compreensão de que os concurseiros e o curso preparatório, apesar de possuírem características distintas, desenvolvem suas práticas de forma semelhante, haja vista a grande proximidade de seus objetivos e a necessidade de se complementarem para alcançá-los. Estas interações levam diariamente a produção das relações do poder-saber durante as práticas sociais institucionalizadas em uma região de fachada construída para potencializar ao máximo a atuação do poder disciplinar, docilizando esses corpos e

os disciplinando para que respondam adequadamente as questões (FOUCAULT, 1987, p.143), na busca pelo sucesso na carreira pública.

Segundo Goffman (1974, p. 153), as instituições não se limitam ao desenvolvimento de cooperação de atividades ou de vínculos com os seus participantes. Na verdade, desenvolvem subjetivações através de suas relações de poder legitimados pelo reconhecimento e sucesso, delineando quais devem ser os “*padrões adequados*” de “*bem-estar*”, “*valores conjuntos*”, “*incentivos e castigos*”.

Ao explicar as relações de poder decorrentes das interações dos sujeitos e Instituições e suas implicações no que chama de “*incentivos*” e “*castigos*” a partir de seu livro *Manicômios, prisões e conventos*, Goffman (1974, p.153) expressa: “Ao dizer-lhe o que devo fazer e porque devo desejar poder fazer isso, a organização presumidamente lhe diz tudo o que ele pode ser”.

Quanto a organização do tempo, o curso preparatório para concursos não segue um calendário acadêmicos de dias letivos padrão, encontrado nas escolas de formação. Ao contrário, mantém o seu funcionamento em sala de aula e nas salas de estudo durante todos os dias da semana, nos finais de semana e feriados (ANEXO 10), principalmente se houver turmas presenciais em decorrência de editais abertos e próximos da data das provas dos concursos.

Os cronogramas de aulas presenciais são colocados nas portas das salas de aula presenciais duas vezes por semana: nas segundas-feiras são afixados os cronogramas de aula da semana e nas sextas-feiras a partir das 11:00hs são afixados os cronogramas do final de semana. Se houver turmas presenciais com provas já definidas ou agendadas, as aulas ocorrerão inclusive nos feriados.

Os atores da equipe de representação dos concurreiros dos cursos presenciais seguem de forma coletiva estes cronogramas de horários e conteúdos pré-estabelecidos³¹, incluindo o início e a finalização de suas representações.

Os atores da equipe de representação dos concurreiros egressos não são sujeitados aos cronogramas pré-estabelecidos pelo curso preparatório. Contudo, para atuarem

³¹ Todos os cursos presenciais possuem material apostilado com exercícios por disciplina oferecida e os professores cumprem à risca todo os pontos abordados nos conteúdos (DIÁRIO DE CAMPO, p. 72).

na região de fachada das salas de estudo, se sujeitam as demais rotinas diárias do curso preparatório, no qual devem respeitar quando forem programar suas próprias atividades (GOFFMAN, 1974, p158).

Descrevo abaixo um registro do dia 07/02/2019 no diário de campo, no qual detalho a rotina diária do curso preparatório. Percebam que o seu funcionamento é contínuo e intenso, iniciando as 7:00h e encerrando as 22:00h, funcionando a maior parte do tempo também durante os finais de semana e feriados:

Por volta das 7:00h da manhã o portão de grade metálico abre dando acesso a área externa do edifício. Neste momento que começa a chegar os primeiros concurseiros. Por volta das 7:15h a maioria dos concurseiros egressos já chegaram. As 7:30h a portaria do edifício é aberta e os concurseiros presentes, organizados por ordem de chegada se direcionam para suas devidas salas e marcam seus lugares. [...] Os concurseiros egressos quase sempre chegam todos antes dos portões se abrir e se direcionam preferencialmente as estações de estudos da sala de estudos I e na medida que fica lotada, buscam os espaços livres na sala de estudos II e com raras exceções, escolhem as estações de estudo modular do corredor.

[...] Após marcarem seus lugares, alguns decidem ir até o hall em posse de suas canecas estilizadas para tomar café, outros se sentam nos bancos de concreto com seus colegas de sala na área externa e alguns preferem aguardar na sala de estudo ou sala de aula. Há sempre um grupo dos concurseiros egressos que se direcionam para a calçada das salas comerciais fechadas à esquerda, fora do ambiente do edifício para fumar e conversar livremente com seus pares.

[...] O maior fluxo de chegada de concurseiros dos cursos presenciais pela manhã, ocorre entre as 7:45h e 7:55h. raros são os concurseiros que se atrasam. As 8:00h iniciam as aulas presenciais e os estudos individualizados nas salas de estudo. Neste momento o estacionamento está lotado. As 9:30h ocorre o intervalo das turmas presenciais e as 10:00h dos concurseiros egressos. As 11:00h terminam as aulas presenciais e por volta das 11:30h os concurseiros egressos vão terminando suas atividades e realizando seu intervalo para almoço, haja vista que a maioria retorna para o turno de estudos da tarde. [...] As 14:00h muitos concurseiros egressos já retornaram aos estudos parando de acordo com seus cronogramas individuais próximo das 17:00h.

[...] das 19:00h às 22:00h as aulas noturnas presenciais acontecem e ainda é possível encontrar alguns concurseiros egressos estudando nas salas de estudo (DIÁRIO DE CAMPO, p.13-14).

Segundo Goffman (1974, p.148), as organizações sociais exigem dos participantes o seu engajamento e compromisso para que juntos alcancem seus objetivos previamente negociados e contratualizados. Nesse sentido, estes engajamentos e compromissos firmados são encontrados nos concurseiros através do tempo de dedicação aos estudos, identificado nesta pesquisa por diversas ferramentas de coleta de dados, seja na fala dos professores, seja nas orientações dos coach, em comunicações internas, nas redes sociais ou nos aforismos encontrados nos materiais

apostilados (ANEXO 11), assim como nas cobranças de dedicação aos estudos que é uma das exigências do curso preparatório.

Os concurreiros egressos além de respeitarem as rotinas institucionais de funcionamentos, também seguem regras de conduta institucionalizadas pela própria equipe de representação. Um exemplo é a organização na hora da chegada pela manhã, no qual cada membro da equipe respeita a ordem de chegada na hora de escolher os lugares da sala de estudo. Outro exemplo é o total silencio durante os momentos de estudo.

Os 02 registros do diário de campo do dia 11/02/2019 e do dia 25/02/2019 exemplificam as regras institucionalizadas pela equipe:

11/02/2019 - 8:00h toca a sirene e muitos já subiram minutos antes, como rotina os poucos que se encontravam na entrada, sobem silenciosamente, TUDO SILENCIOSAMENTE. [...] quando escrevo “silencio total”, quero dizer, sem falas ou sons de equipamentos de áudio ou vídeo. Somente barulhos mínimos de teclado, mouse, folhas de papel virando, caneta posta na mesa e rangido de cadeiras. (DIARIO DE CAMPO, p.23).

25/02/2019 - 7:17h cheguei cedo e já havia mais de 20 pessoas esperando a portaria abrir. Destes, 12 pessoas eram concurreiros egressos. Me juntei ao grupo. [...] 7:30h e a portaria é aberta, percebo todos descontraídos, mas como estou convivendo com este grupo há várias semanas, me veio a mente: se há 08 vagas na sala 1, como será a escolha dos lugares? Se há 14 concurreiros egressos? E como não demonstram esta preocupação? [...] todos chegam as salas de estudo com calma e percebo que alguns se antecipam [...] de imediato 8 sentam e os demais colocam seus pertences na sala 2, também em ordem. [...] perguntei a um concurreiro egresso que sempre prefere a estação de estudos do corredor sobre a ordem de escolhas de lugares, ela me informou que há uma regra informal [...]. (DIARIO DE CAMPO, p.51-52).

Estas práticas são classificadas por Goffman (1974, p.159) como *ajustamentos primários* dos participantes que alcançam o nível ideal de engajamento com a organização social, no qual atuam de forma sinérgica com os demais participantes, respeitando a normas institucionalizadas, seja elas regimentais ou de consenso coletivo.

Este poder permissivo é muito eficiente, pois age de forma sutil e flexível fazendo os concurreiros, por vontade própria, a abandonar suas vidas socioafetivas e se submetem a rigorosas rotinas de estudo e dedicação em busca de promessas subjetivadas pelos cursos preparatórios acerca do concurso público, no qual não possuem o trabalho de esconder que as vagas oferecidas são sempre insuficientes para os participantes. Han (2014, p.26) chama estas coerções de poder inteligente.

Segundo Han (2014, p.28), o poder inteligente analisa nossos pensamentos e aspirações para daí nos influenciar a agirmos de forma voluntária e positiva em nossas vidas. A autogestão é a marca deste poder. Por isso não produz resistência, facilitando o caminho da dominação sobre o concurseiro, fazendo-o a acreditar nos seus sonhos e transformando-o em um empreendedor de si, potencializando ao máximo o seu desempenho, ao máximo as suas renúncias e ao máximo o seu cansaço, cujo lema é: “por trás dos sonhos há sacrifícios que as pessoas não veem” (ANEXO 12).

CAPÍTULO 4 – OS ATORES E EQUIPE DE PALCO:

Os concurseiros egressos

Foi a partir da busca pela compreensão desse microcosmo social constituído principalmente por sujeitos empreendedores de si, acelerados, com discursos positivos e com metas e objetivos condicionados por si próprios e aprisionados pelo tempo tratado utilitariamente - no qual ser um sujeito disciplinado é um *conditio sine qua non*, tal como é para um soldado em campo de batalha - que investigamos os concurseiros. Apresentamos abaixo uma análise do discurso e interpretação na ótica de Goffman (2002) acerca dos *atores*, objeto deste estudo, que são os concurseiros egressos, que frequentam diariamente uma instituição educacional preparatória para concursos públicos, sem portanto, ter um compromisso em se matricularem ou estudarem em turmas regulares, e que no momento deste estudo, optaram por utilizar os *cenários* das salas de estudos, individualizados, aceitando a consultoria dos *coach* deste curso preparatório. Portanto, conforme destacou Greenwood (1965, p. 314), trata-se de uma “investigação empírica”, sociológica, com participante observador *In loco* em um curso preparatório para concursos presencial.

Não obstante, se faz necessário elucidar que embora tenhamos utilizado como referências teóricas, metodológicas e analíticas autores com perspectivas bastante distintas, o nosso intuito foi evidenciar desdobramentos decorrentes da analítica foucaultiana a partir das ponderações de Byung-Chul Han, de um ponto de vista teórico, e de outro, nos baseamos no método goffmaniano da *interação face a face* para tratar da construção metodológica utilizada na observação participante realizada com os concurseiros. Desse modo, embora a analítica foucaultiana apresente críticas veemente acerca da noção de representações presente na abordagem goffmaniana, optando em seu lugar pelas práticas discursivas, o método de pesquisa construído por Erving Goffman foi utilizado na observação participante para garantir uma maior qualidade na investigação sociológica, embora apresente evidentes distinções em relação as abordagens filosóficas construídas tanto por Michel Foucault quanto por Byung-Chul Han.

4.1 - Conceito de concurseiro.

O dicionário Aurélio nos apresenta o conceito de concurseiro da seguinte forma: “(de concurso + eiro) Substantivo masculino. Aquele que tem como prioridade em passar no vestibular. Aquele que se inscreve em vários concursos públicos” (FERREIRA, 1999, p.299). Mas, concurseiro é muito mais do que um substantivo masculino ou qualquer simplificação da forma textual. Em um estudo etnográfico, como este, faz-se necessário permitir-se verificarmos as práticas discursivas - se tratarmos da analítica foucaultiana - ou as *representações, cenários e equipes de palco* em suas diversas *interações* e formas de *expressividade* entre os *atores e observadores*, conforme faremos a partir da utilização do método goffmaniano³² de *interação face a face*³³ nesta etapa da pesquisa, conhecendo suas inter-relações atores-sujeitos e a gênese de suas *fachadas*³⁴, sem para isto, sair do rigor científico.

Do período que permaneci como *observador* da pesquisa e das *interações face a face*, fui registrando e caracterizando estes sujeitos multifacetados, paradigmáticos e disciplinados que constroem as suas estratégias seguindo modelos metodológicos de aprendizado, metas, objetivos e até crenças distintas. Mesmo com tantas diferenças, são unidos pelo *empreendedorismo de si* em relação aos seus estudos desenvolvidos de forma utilitária, algo típico daquilo que Foucault (2008a) chamou de racionalidade neoliberal americana, caracterizado por subjetivações alicerçadas pelos *consensos operacionais* inerentes a própria *fachada social* e sob a sujeição rigorosa do tempo, orientadas legitimamente e empiricamente capitaneada pelos atores/atrizes de

³² Goffman em seu livro *A representação do Eu na vida cotidiana*, apresenta uma análise microsociológica do sujeito e suas inúmeras relações e contextos da vida social através da perspectiva analítica da representação teatral. Para o autor as relações interpessoais são constituídas das interações entre pessoas que podem ser representados por *plateia* ou *atores* em determinadas situações ou locais que correspondem aos *cenários*.

³³ quando os sujeitos atuam de forma recíproca buscando influenciar uns aos outros durante suas presenças físicas.

³⁴ fachada é o equipamento expressivo empregado pelo indivíduo durante sua representação. Podem ser fixos como idade, raça e sexo ou transitórios como roupas ou até expressões faciais. Os estímulos da fachada pessoal podem revelar sua *aparência* ou suas *maneiras*. As palavras *aparência* e *maneiras* são denominações que Goffman utiliza didaticamente para dividir os estímulos característicos que cada sujeito apresenta ao outro durante o processo de interação social. As particularidades pessoais que levam cada sujeito, chamado por Goffman por ator, a se apresentar socialmente de uma maneira para cada grupo social é chamado de *fachada pessoal*. É na *fachada pessoal* que os estímulos *aparência* e *maneira* aparecem como características individuais de cada ator. É através da *aparência* que ator demonstra o seu status social e pela *maneira* é que percebemos como desempenha seu papel durante a sua uma interação social.

sucesso, já capitalizados no mercado e que agora também brilham nos palcos das mídias e do *marketing* pessoal.

Para construirmos o conceito de concurseiro, chamaremos os próprios atores para apresentarem as suas representações, ou como diriam alguns pesquisadores que investigam identidades, para tratar do seu *lugar de fala*, cabendo somente a mim uma pequena participação no ordenamento de suas palavras, narrativas, performatividades e pensamentos. Dos 14 entrevistados (n=100%), encontramos diversas formas de conceituar, descrever, pensar e exemplificar o que seria para eles, de fato, o concurseiro. Os resultados mais importantes encontrados neste questionamento acerca do conceito de concurseiro não foram as distintas narrativas conceituais ou as diversas exemplificações, mas sim as variadas formas com que os interlocutores descreveram o seu *self*. Os interlocutores conceituaram *concurseiro* como forma de expressão de seus objetivos pessoais, em uma narrativa construída e fundamentada por seus esforços e renúncias individuais, tirando daí a suas racionalidades, justificativas e afirmações:

Os interlocutores Amarelo, Carmesim, Esmeralda e Grená, por exemplo, a partir da construção de uma fachada mais sincera possível, caracterizaram o *concurseiro* a partir daquilo que Michel Foucault (2008a) tratou como sujeito-concorrência caracterizado pelo *homo oeconomicus* encontrado na racionalidade neoliberal americana e seu comportamento que visa a busca por ganhos, afirmando diretamente que: “São pessoas que querem buscar um padrão de vida melhor, uma estabilidade” (Amarelo); “uma pessoa que tem vontade de entrar na vida pública para alcançar estabilidade” (Carmesim); “[...] procurar estabilidade. A iniciativa privada não é boa não, é ruim e tem pressão, não tem estabilidade nenhuma.” (Esmeralda); “É o indivíduo que quer ter o Estado como patrão, fugindo do mercado privado, é estar trabalhando para o Estado.” (Grená).

Vejamos o Interlocutor **Carmesim**:

Entrevistador: Qual é a sua definição para “concurseiro”?

Carmesim: “A pessoa que se dedica ao estudo para concurso público.”

Entrevistador: Você se considera um concurseiro?

Carmesim: Nessa linha, me considero sim.

Segundo Foucault (2008a), as subjetividades presentes na racionalidade neoliberal levam os sujeitos ao *empreendedorismo de si*, como única forma de alcançar sua

emancipação financeira. Mesmo demonstrando suas aversões ao mercado privado, devido a racionalidade da concorrência e acreditando que nos serviços públicos estarão protegidos pela estabilidade financeira e longe das regras e da pressão do mercado neoliberal, caem em suas próprias armadilhas, pois, para empreenderem-se e para alcançar seus laboriosos objetivos, buscam nas tecnologias disciplinares ponderadas pela analítica foucaultiana suas formas de condicionamento para vivenciarem a lógica concorrencial neoliberal dos concursos públicos.

Percebam que os Interlocutores Dourado e Laranja também apresentam seus discursos sustentados a partir da racionalidade neoliberal decorrente do entendimento do autor acerca do *homo oeconomicus* (Foucault, 2008a):

Interlocutor **Dourado**:

Entrevistador: Qual é a sua definição para “concurseiro”?

Dourado: Concurseiro é uma pessoa obstinada em busca para alcançar seus objetivos.

Entrevistador: Você se considera um concurseiro?

Dourado: Hoje sim!

Interlocutor **Laranja**:

Entrevistador: E qual é a sua definição para o termo “concurseiro”?

Laranja: Concurseiro é aquele que busca passar em um concurso que estudar e se empenha para isso, essa é minha visão bem sincera.

Entrevistador: Você se considera um concurseiro?

Laranja: Hoje sim!

Entrevistador: Por que você se considera hoje concurseiro?

Laranja: Porque justamente eu busco passar em um concurso, e tento ao máximo me empenhar para isso.

De todas as respostas sobre o conceito de concurseiro, os interlocutores Bege e Azul, são os únicos pesquisados com atividade laboral fixa. Além de demonstrarem a importância da dedicação do tempo para os estudos para o conceito de *concurseiro*, fazem uma autocrítica rigorosa e se excluem de suas próprias conceituações.

O interlocutor Azul, quando expressou durante a entrevista sua condição de exclusão diante de sua construção conceitual de concurseiro, demonstrou também seu descontentamento através de feições faciais de reprovação, enquanto o entrevistado Bege sorriu em um primeiro momento, e voltou ao semblante sério depois:

Interlocutor **Bege**:

Entrevistador: Qual é a sua definição para “concurseiro”?

Bege: Persistência para estudar até passar.

Entrevistador: Você se considera um concurseiro?

Bege: Digamos que sou um concursado meia boca, não sou muito persistente não (risos) eu tenho a tendência de desistir fácil. (sério) Se eu sentir que não estou preparado a tendência é que eu desista do concurso.

Interlocutor **Azul:**

Entrevistador: Qual é a sua definição para “concurseiro”?

Azul: Concurseiro mesmo no meu entendimento, é aquela pessoa que dedica toda sua hora livre praticamente para o concurso, de repente não está trabalhando mais e estuda o dia inteiro, apesar de quem trabalha também pode ser concurseiro.

Entrevistador: Você se considera um concurseiro?

Azul: Olha hoje por eu já estar trabalhando e tenho menos tempo, de repente nem considero concurseiro, tipo, tenho meu tempo livre eu estudo, mais não me considero um concurseiro, eu nem estou fazendo igual antigamente viajava para algumas regiões, hoje já não faço mais esse tipo de coisa.

As racionalidades que levaram os interlocutores Bege e Azul a procurar emprego em suas *equipes de representação*³⁵ familiar, também exercem influência nas equipes de representação dos concursados, sendo que nestas são produzidas novas subjetividades que os levam a estudar para passar no concurso.

Este conflito de fachadas, leva os interlocutores Bege e Azul, a não se sentirem capazes de reclamarem para si a *aparência* em seu contexto pleno de definição de concursados perante os seus pares, forçando-os a buscarem a legitimação permanecendo no *palco* e *desempenhando*³⁶ *seus papéis* enquanto concursados de *maneira intensa* e *coerente*, colocando de lado outras equipes de representação em seus distintos papéis como por exemplo de líder ou mantenedor financeiro de um lar. Este é o desapontamento apresentado por ambos nesta equipe de representação.

Os interlocutores Bege e Azul, encontram-se em um dilema ao responder que na equipe de representação de concursados não são merecedores do papel por acreditar que lhe faltam atributos para a *realização dramática*³⁷. Goffman (2002, p.34) acredita que as fachadas tendem a serem selecionadas e não criadas. É de se esperar que os atores apresentem dificuldades em compreender as mudanças de suas definições de situação quando selecionam para si a fachada mais adequada para o cenário de representação dentre os muitos existentes.

³⁵ ou simplesmente equipe, significa qualquer grupo de atores que cooperem na encenação de uma rotina particular.

³⁶ qualquer ação de um ator, em um determinado momento de sua representação, que tenha o objetivo de influenciar os demais atores participantes.

³⁷ durante suas representações, os atores buscam em todo o momento acentuar os principais fatos que julgam serem importantes com o objetivo de não deixarem de ser percebidos pela plateia.

Segundo a analítica de Goffman (2002, p. 39), os interlocutores Bege e Azul, encontram-se em um dilema chamado de *expressão versus ação*, haja vista que para atuar como líder ou mantenedor financeiro de um lar seria exigido o dispêndio de talento e tempo para realização dramática e, nesse sentido, acabariam por serem prejudicados em desempenhar bem seus papéis de concurseiro.

Poderíamos aqui fazer uma conjectura sobre as *expressões* dos interlocutores Bege e Azul de desapontamento por trabalharem e com isto não se sentirem imersos profundamente nos anseios dos concurseiros no qual também fazem parte. E se alterássemos o nosso ponto de referência? Fizéssemos os mesmos questionamentos no palco de representação familiar? Os interlocutores expressariam o mesmo desapontamento? Goffman (2002, p. 39) explica que quando se examina um grupo de representação, percebe que seus membros tendem a desempenhar certas práticas prioritariamente em detrimento de outras consideradas menos importantes. Ou seja, um ator pode sim, desempenhar um papel modesto em sua região de fachada no lar e quando transitar para a região de fachada dos concurseiros, mostrar preocupação em demonstrar maior eficiência em suas práticas.

Continuando a versar sobre o conceito de concurseiros, também é importante evidenciar que houve divergências no reconhecimento de *definição de situação*³⁸ por parte dos interlocutores. Para alguns, estudar para o concurso é investimento ou profissão e para outros é uma forma temporária de procurar emprego, com receio de “ficar nisso toda a vida”:

Interlocutor **Esmeralda**: – *não acredita que concurseiro seja profissão*:

Entrevistador: Qual é a sua definição para “concurseiro”?

Esmeralda: Primeiro para mim não é profissão não, é algo temporário, se você usar isso como profissão você vai ficar nisso toda a vida.

Entrevistador: Tem gente que fala que isso é profissão?

Esmeralda: Sim, tem gente que fala.

Esmeralda: Eu não gosto dessa definição não.

Entrevistador: Então qual seria a definição para você de “concurseiro”?

Esmeralda: Ah, pode ser desempregado que está estudando com objetivo que é passar em um concurso.

³⁸ os atores durante suas performances definem uma situação e partir desta situação buscam se orientar ao ponto de manterem a coerência de suas atuações.

Interlocutor **Índigo**: – *acredita que concurseiro seja profissão:*

Entrevistador: Qual é a sua definição para “concurseiro”?

Índigo: Abandonar sua vida e trabalhar em concurso, como se o concurso fosse uma profissão.

Entrevistador: Você se considera um concurseiro?

Índigo: Bom, eu criei a habitualidade e a sequência para me tornar um concurseiro, porém, a gente nunca sabe que e, mas me esforço ao máximo.

A definição de situação apresentada por Goffman (2002) a partir da frase de William Thomas, que presume que “se um sujeito define uma situação como real, ela se torna real em suas consequências”, levou os concurseiros a expressarem de forma divergente entre uma forma de trabalho ou uma condição de capitalização por um determinado tempo com intuito de conseguir passar em um concurso, servindo desse modo como forma de construção da fachada pessoal de cada ator, não interferindo no *consenso operacional* e suas atuações em suas equipes de representação. Desse modo, verificou-se que foi por meio da definição do que seria de fato o concurseiro que suas respostas passaram serem alvo da construção de um determinado sentido e, portanto, terem um efeito na construção de suas representações operadas distintamente, de acordo com cada ator e o sentido atribuído a ele para tal condição.

Nesse sentido, um ponto importante e convergente a todos os entrevistados, é o fato de que o conceito de concurseiro está baseado na própria definição de tempo de dedicação. Alguns interlocutores (n =2) chegaram classificar os concurseiros com rótulos sociais de acordo com o tempo de dedicação diária, classificando os sujeitos com ampla dedicação aos estudos de concurseiros *raiz* e os que estudam nos períodos que frequentam os cursos preparatórios por concurseiros *Nutella*.

Interlocutor **Escarlate**:

Escarlate: Esse eu vou até te mostrar, eu tenho um cronograma mesmo de planejamento, saindo da fase nutella indo para fase raiz [...]

Interlocutor **Magenta**:

Entrevistador: Qual é a sua definição para “concurseiro”?

Magenta: O concurseiro seria aquela pessoa que dedica o seu tempo realmente aos estudos.

Entrevistador Existe diferença entre concurseiros?

Magenta: O concurseiro na verdade é o profissional estudante cara, é algo totalmente diferente de você estudar na faculdade, o concurseiro é um cara que vai ficar naquilo ali o tempo inteiro, pensa naquilo, e quando você não consegue estudar você vai se sentir mal porque não estudou, e acontece esse problema mesmo.

Entrevistador Pois então, existe diferença entre concurseiros ou apenas existe dentro dessa regra que você passou?

Magenta: Eu acho que vai existir vários tipos de concurseiros, acho que cada um vai ter o seu tipo de definição entendeu, para mim concurseiro é isso aí, é você ter um objetivo, um foco para ser seguido e que você cria metas para alcançar aquilo.

Entrevistador Você se considera um concurseiro?

Magenta: Sim, me considero, eu acho que eu nunca estudei tanto como estou estudando agora!

A dimensão temporal é levada a sério pelos os concurseiros, pois a partir dela, planejam-se as estratégias, definem-se as metas e se organizam os cronogramas de estudo. O concurseiro egresso vê-se conectado a dimensão temporal, sempre em constante busca pela priorização do tempo destinado aos estudos de forma utilitária e instrumental, em detrimento das demais tarefas sociais.

O concurseiro egresso busca, portanto, otimizar o máximo de horas efetivas de estudo por dia dedicados a passar em concurso público, mesmo que leve a manter esta estratégia por anos. Para os concurseiros egressos, um concurseiro deve dedicar em média de 6 a 7 horas efetivas (líquidas) de estudos. Estando abaixo desta média, é visto pelos pares como desviante e, em decorrência disso, presumem o fracasso nas provas a serem realizadas.

No diário de campo do dia 13/02/2019 há um registro de um trecho que demonstra a valorização da dimensão temporal ligada a otimização do tempo de estudos diários e suas relações na construção de rótulos aos que o grupo identificam moralmente como desviantes:

Agora são 9hs, começo a ler os textos da professora Teresa, que deverão ser entregues no início das aulas em março. Neste momento os concurseiros da turma presencial da Polícia Civil – PC estão tendo aula enquanto os egressos estudam aqui na sala de estudos. Sinto falta de uma egressa. Ela, desde os dias que frequento, faltou praticamente 40% dos dias de minha participação no campo. Os colegas brincam de uma forma mais para carinhosa, chamando-a de “turista” (DIÁRIO DE CAMPO, p.30).

Já no diário do dia 26/02/2019 registrei um trecho que demonstra a valorização da dimensão temporal ligada aos anos de dedicação:

Há algum tempo também percebi que nos momentos de descontração do grupo, seja na chegada às 7h-7:30hs, seja no intervalo da manhã, aproximadamente às 9hs e algumas vezes após ao almoço, escolhem sempre o mesmo egresso que possui o maior tempo de permanência em anos no curso preparatório para brincadeiras. É fato, é sempre o mesmo egresso que recebe as provocações em diferentes temáticas. Uma delas, a mais utilizada é devido ser o mais velho de casa do grupo, cerca de 4 anos. Dentre os rótulos, presenciei o de preguiçoso, no qual em um determinado dia tiraram uma foto deitado no banco na entrada do curso preparatório e

realizaram uma montagem como bicho preguiça. No momento, o egresso não demonstra se incomodar com a brincadeira (DIÁRIO DE CAMPO, P. 67-68).

O mesmo acontece com o concurseiro egresso que passa muitos anos se dedicando aos estudos e não passa em nenhum concurso público. Estes sofrem críticas e são considerados desviantes. Muitos concurseiros relataram que este é um dos motivos que os levam a fazer concursos em diversas áreas ou em concursos de menor valor remunerativo, haja vista que, passar em qualquer concurso traz prestígio e respeito pelos demais colegas.

Becker (2008) aponta que todo ator pertencente a um grupo social poderá sofrer com rotulações, mesmo nunca infringindo regras. Basta que seus comportamentos sejam considerados como desviantes para os demais componentes do grupo social. Desse modo, para a maioria dos entrevistados (n= 12, n= 86%), somente os mais dedicados merecem ser considerados *concurseiros*.

4.2 – Equipes de palco: *Professores e coach para concursos*.

Durante as interações face a face com os 14 (n=100%) concurseiros egressos, em uma atuação sincera sobre os demais atores de sua equipe de representação, quando perguntado como enxergavam o seu colega na sala de estudos, 13 (n=93%) responderam enxergar amigavelmente e, portanto, como colega, enquanto que somente 01 (n=7%), o interlocutor Laranja, afirmou entender todos como concorrentes:

Interlocutor **Amarelo**:

Entrevistador: Como você enxerga o seu colega em sala de aula?

Amarelo: Eu enxergo como um amigo e não como um concorrente, sempre estão ali ajudando, querendo fazer um rateio de algum curso, passa algum material.

Interlocutor **Bege**:

Entrevistador: Como você enxerga o seu colega em sala de aula?

Bege: Somos parceiros de batalha praticamente, todo mundo está indo atrás do mesmo objetivo.

Interlocutor Escarlata:

Entrevistador: Como você enxerga o seu colega em sala de aula?

Escarlate: Eu acho assim a prova avalia a gente com a gente mesmo, pode ser tantos concorrentes, mais o nível das provas estão aumentando mais o nível, se você não souber a matéria não adianta ter 1, 2, 3 concorrente a prova vai te reprovar do mesmo jeito se você não souber a matéria, ele é meu concorrente, eu sei que ele é ele quer passar sim, ele quer passar, mais o maior concorrente sou eu mesma, então eu não enxergo ele como concorrente, ontem mesmo eu passei esse aplicativo para os meninos.

Interlocutor Esmeralda:

Entrevistador: Como você enxerga o seu colega em sala de aula?

Esmeralda: Eu vejo como um incentivo, eu sei que ele e um concorrente, mas eu não vejo ele como um concorrente, as vezes eu uso ele como um incentivo, como ponto de referência, porque as vezes eu sei que o cara foi bem, eu sei que meu maior concorrente sou eu mesmo.

Agora, apresentamos a resposta divergente do interlocutor Laranja:

Interlocutor Laranja:

Entrevistador: Como você enxerga o seu colega em sala de aula?

Laranja: Olha, os que estão na minha sala, é inevitável dizer que a gente enxerga eles como concorrentes, então quando estou em aula eu fico observando como as pessoas perguntas, qual o nível das perguntas, percebo muito o nível de atenção na aula, por isso para mim preliminarmente eu vejo se a concorrência está alta ou baixa, existem perguntas que obviamente são bem vindas, porém tem perguntas que um estudante formado em direito nunca faria, existem perguntas que pessoas que não são da área do direito fazem, que para mim e uma quebra de concorrência. Eu analiso muito as perguntas que são feitas dentro da sala, verifico o nível de conteúdo no princípio de saber os conteúdos básicos, e se a pessoa está fazendo uma pergunta sobre um conteúdo que eu já sei, só que eu me posiciono sobre ele como uma pessoa que não soubesse nada, dependendo do meu comportamento existem pessoas na sala que podem estar fazendo a mesma análise que eu, tem várias estratégias eu utilizo essa. Existem pessoas aqui que se esforçam de diversas maneiras, tem gente que trabalha o dia inteiro e vem a noite, tem gente que como eu não trabalha porém fica aqui o dia inteiro, e chega a noite com muito cansaço, e depois tem que voltar para casa, pegar um ônibus como eu faço, porque eu moro longe, cada um com sua dificuldade, essa e a análise que eu faço.

Vale destacar que o interlocutor Laranja, possui o menor tempo em anos de dedicação aos estudos para concurso público (7 meses) e iniciou concomitantemente na sala de estudos com os egressos e em uma turma do curso preparatório para concursos presenciais da Instituição pesquisada, sendo o único ator pesquisado a participar de duas equipes de representação de concurseiros de forma distinta.

Segundo Goffman (2002, p.34), quando um ator assume um novo papel na medida que desenvolve sua representação, descobrirá outras fachadas já estabelecidas e na medida que for transitando pelos grupos de representação, deverá fazer escolhas coerentes para cada tipo de papel. Como o interlocutor Laranja encontra-se em representação com maior tempo de palco na equipe de representação do curso preparatório presencial, é evidente a sua escolha na percepção dos demais atores egressos da sala de estudos como concorrentes. Sendo assim, sua atuação além de demonstrar também sincera, a sua contradição também se demonstra coerente.

O interlocutor Laranja, por estar mais tempo no curso preparatório presencial, é mais suscetível a subjetivação de desempenho dos professores que atuam no papel *especialistas em treinamento*, com suas aparências de notório saber que desenvolvem seus papéis se apresentando de maneira dinâmica, agressiva e realista, demonstrando força e liderança (GOFFMAN, 2020, p.148). Assim, estabelecem suas relações de poder-saber disciplinares (FOUCAULT, 1987, p.143), bem distintos dos estabelecidos pelo *coach* e consultores para concurso público.

Os *coach* e consultores para concursos atuam com suas *fachadas pessoais* nos *bastidores*, atuando no *papel de colegas* experientes, vitoriosos e de sucesso (GOFFMAN, 2002, P.149), nos quais apresentam suas experiências exitosas como receitas para a aprovação, contribuindo para construção da *representação coletiva* da *fachada social* dos concorrentes e suas subjetivações (GOFFMAN, 2002, P.34).

Há, portanto, uma diferença na representação e no desempenho dos professores e dos *coach*. Os professores se apresentam com suas aparências de detentores de notório saber e da autoridade do discurso, atuando como *especialistas em treinamento no palco principal* (GOFFMAN, 2002, p. 148) a partir das experiências prévias de sucesso que tiveram em decorrência de alguma aprovação em concurso, utilizando-se do modelo tradicional de ensino cartesiano para transmitir a todos os atores da equipe de representação, de forma dinâmica, resumida e repetitiva, através de recursos audiovisuais e materiais didáticos apostilados que versam sobre o conteúdo bibliográfico exigido nos editais de concurso.

Os *coach*, por sua vez, se apresentam aos seus pares, de maneira acolhedora e aconselhadora, demonstrando experiência, domínio de palco e equilíbrio emocional.

Suas consultas são personalizadas/individualizadas na qual apresentam sua sistematização da auto organização de estudos, que podem contar com dicas de saúde, alimentação e práticas desportivas, organização do tempo e das atividades, modelos pedagógicos e técnicas de neurolinguística construídos e sustentados através de aplicações empíricas e utilitárias. São valorizados principalmente pelos concurreiros de maior tempo de estudos em anos, incluindo os egressos da sala de estudos objeto desta pesquisa.

É neste cenário que ocorre o processo de subjetivação. O poder-saber disciplinar é produzido e retroalimentado pelas racionalidades do mercado associadas as semióticas produzidas pelos consultores/*coach* e compartilhadas por professores e concurreiros em suas respectivas fachadas no tempo e no espaço dos *mundos institucionais* dos cursos preparatórios ou nos sítios da internet especializados em concursos (GOFFMAN, 1974; FOUCAULT, 1987).

Especialistas em concursos ou até empresas especializadas em cursos preparatórios oferecem serviços de consultoria para os concurreiros. Chamados de serviços de *coaching* buscam identificar as características emocionais, comportamentais e cognitivas a fim de traçar estratégias que potencializem seus estudos, ou seja, propõem estratégias para auxiliar os indivíduos a gerenciar seus recursos inter e intrapessoais (OLIVEIRA et al, 2018).

Ao analisarmos os discursos dos entrevistados sobre o *coach*, verificamos que eles possuem um papel preponderante na construção da subjetivação da fachada social dos concurreiros. Com uma construção de definição de situação em torno do concurreiro vitorioso, também concurreiro de sucesso, partem da premissa de *coparticipação* e *cooperação*, cujo *desempenho* é medido pelo nível de influência direta ou indireta encontrados de forma *estabilizada e institucionalizada* nos discursos e subjetividades dos concurreiros entrevistados como uma *representação coletiva*³⁹ (GOFFMAN, 2002, p.34).

A partir de Goffman (2002, p. 96), podemos compreender que o *coach* atua sobre uma *dominância dramática*, quando representa temporariamente no palco como *ator*

³⁹ quando se observa que uma determinada fachada social uma determinada prática tende a se tornar institucionalizada.

experiente, assumindo a liderança como figura dominante e é desta maneira que produz as relações de poder sobre os demais atores, considerados inexperientes por ainda não conseguirem ser bem classificados nos concursos públicos.

Temos as falas dos interlocutores Grená e Magenta que ilustram sobre a importância dos *colegas* concurseiros experientes:

Interlocutor **Grená:**

Entrevistador: Você utiliza alguma técnica, rotina, alimentos, bebidas ou medicamentos para aumentar sua capacidade cognitiva? Quais?
[...]

Grená: Então técnica, a gente utiliza sempre algumas técnicas de estudo utilizadas pelos já aprovados, concurseiro consciente já tem como leitura de leis, resoluções de questões, técnica de revisão do assunto.

Interlocutor **Magenta:**

Magenta: Eu fiz o *coaching*, aí ela passa todo o cronograma de 3 meses para poder estudar, para mim, claro que eu tenho autonomia para mudar algumas coisas.

Mais de qualquer coisa forma você precisa pesquisar uma técnica que funcione para você, mesmo que outra pessoa te passe uma técnica, é sempre bom procurar uma que funcione para você, nem todas as técnicas que funciona comigo vai funcionar com outra pessoa. O *coaching* que eu fui, ele me deixa bem à vontade a mudar a minha técnica, ele me escuta, e procura a melhor forma de me orientar. Eu utilizo muito a ciclo de estudo, ela é o seguinte, você criar um planejamento de estudo por um período determinado – que será o seu ciclo de estudo. Pode ser de uma semana ou 15 dias, por exemplo. Quem determina o período é você. Eu também faço o resumo do que eu estudei no dia para depois poder revisar, e vou marcando com marca texto as partes importantes dos textos claros de forma organizada para depois poder me orientar, para não precisar ler o texto todo novamente.

No diário de campo do dia 26/02/19, há uma anotação que retrata sobre uma situação de dominância dramática entre os concurseiros egressos e o coach. O trecho foi escrito a partir da interação do entrevistador e o interlocutor Bordô em sobre o índice elevado de fumantes entre os entrevistados:

15hs. Não posso esquecer de registrar. Hoje conversei como o concurseiro [...] sobre tabagismo, haja vista o número expressivo de fumantes no grupo. Durante a conversa, ele me relatou uma passagem durante uma consultoria do coach. Quando questionou a possibilidade de parar de fumar durante as orientações com o coach, o mesmo o desaconselhou a não parar no momento, devido que a abstinência poderia interferir no seu desempenho (DIÁRIO DE CAMPO, p.81-82).

Goffman (2002, p. 96-98), explica que neste tipo de *interação entre atores*, as relações de poder estão subentendidas, disfarçadas estrategicamente por traz de uma *fachada*

de colega concursseiro líder, que se utiliza da mesma condição de ator experiente que coopera na representação para exercê-las. Mas apesar do *esforço dramático*:

[...] ao revestir-se do papel de um ator, o indivíduo não deixa de devotar parte dos seus esforços a interesses não-dramáticos, isto é, a própria atividade da qual a representação oferece uma dramatização aceitável. Podemos esperar, portanto, que os indivíduos que atuam numa determinada equipe se diferenciarão entre si na maneira pela qual dividem seu tempo entre a simples atividade e a simples representação. Numa extremidade haverá indivíduos que raramente aparecem diante da plateia e estão poucos interessados nas aparências [...] (GOFFMAN, 2002, p. 98).

Todos os entrevistados (n=14, n=100%) citaram como importantes consultores os 02 *coachs* do curso preparatório estudado e um webconsultor chamado Willian Douglas. Todos os 03 consultores foram aprovados em concursos públicos de alto valor remunerativo, sendo que Willian Douglas também enxergou na produção literária especializada para os concursseiros sua outra vocação de sucesso, com dezenas de publicações, algumas das quais alcançaram a lista dos mais vendidos. Dentre estas publicações, muitas apresentam diversas técnicas de estudos e raciocínio, otimização do tempo e até noções sobre funções cerebrais e de memória (DOUGLAS, 2008).

Interlocutor **Escarlate**:

Escarlate: [...] Eu comecei a escutar o audiobook do Willian Douglas não sei se você já ouviu falar.

Escarlate: Todos chamam ele de Guru dos concursos, ele é juiz federal quando ele começou a passar em um concurso, logo depois ele começou a passar em vários concursos em primeiro lugar, então o pessoal começou a falar o que esse cara tem de diferente, então ele fala para você realmente criar uma agenda né.

4.3 - Perfil sócio-político e econômico.

Os resultados sobre o perfil sócio-político e econômico foram analisados a partir do questionário (APÊNDICE C). Algumas tabelas permitiram a utilização de percentuais (com a própria amostra) para facilitar as análises e interpretações. As variáveis levantadas no questionário, estavam relacionadas às questões de gênero, faixa etária, estado civil, cor, local de moradia, ocupação, escolaridade, renda média familiar e religião. Também foram coletados dados sobre o tempo dedicado aos estudos, escolhas de carreiras e o espectro político.

A composição do grupo de concurreiros egressos, no período da pesquisa chegou a 16 participantes, sendo 12 homens e 4 mulheres. Os que aceitaram participar do estudo, são em sua maioria homens (n=10) que correspondem a 71,5% de toda a amostra, 28,5% mulheres (n=04), totalizando 14 participantes conforme tabela 1. A faixa etária do grupo estudado é composta principalmente por adultos jovens, sendo 64% (n=9) entre os 23 aos 34 anos conforme gráfico 1. Estes fatos corroboram com as investigações de Albrecht e Krawulski (2011), que abordaram os motivos que levaram 93 os sujeitos a prestar concurso público a partir de pesquisa realizada com 93 alunos de dois concursos preparatórios, evidenciando que, em sua maioria, são formados por adultos jovens, em início de suas carreiras profissionais.

Castelar et al (2010), aponta que os candidatos a concursos pertencentes a faixa etária de 18 a 22 anos possuem melhores chances de aprovação. Segundo os autores, os jovens possuem uma excelente capacidade de manter o ritmo de estudos, por ainda frequentarem salas de aula ou por terem parado de estudar recentemente. Outro fator positivo que aumenta as chances de aprovação está no fato de disponibilizarem um tempo maior para os estudos, principalmente aqueles que ainda não entraram no mercado de trabalho ou que atuam em empregos que demandam menor tempo disponível as atividades laborais, como estagiários.

Tabela 1 – Entrevistados por gênero.

	F(a)	F(r)
Masculino	10	71,5%
Feminino	4	28,5%
Total	14	100%

Legenda: F(a) = frequência absoluta F(r) = frequência relativa

Tabela 2 – Entrevistados por estado civil.

	Solteiro	Casado/união consensual	Viúvo	Separado
Masculino	8	2	0	0
Feminino	3	1	0	0
F(a)	11	3	0	0
F(r)	78,50%	21,50%	0%	0%

Legenda: F(a) = frequência absoluta F(r) = frequência relativa

Gráfico 1- Entrevistados por faixa etária

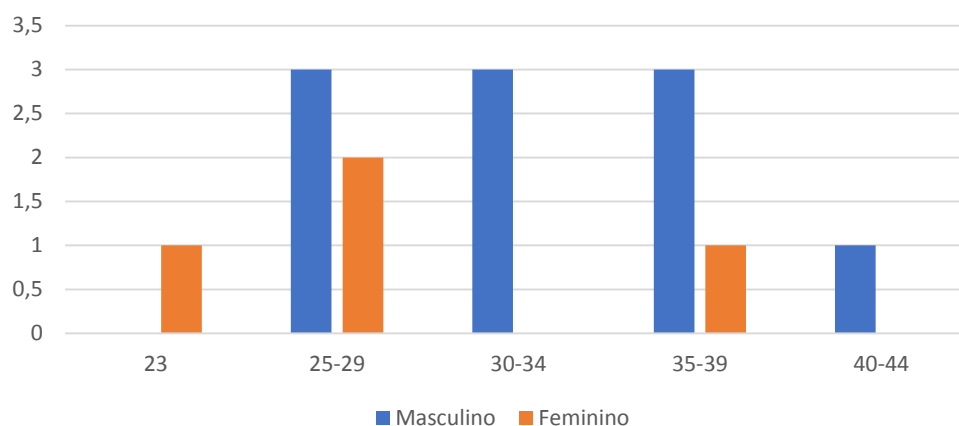


Tabela 3 – Entrevistados por formação profissional e ano de conclusão da graduação.

	Ensino médio incompleto	Ensino médio completo	Educação superior incompleta	Educação superior completa Curso	Ano de formação
Amarelo				Direito	2011
Azul				Direito	2005
Bege				Farmácia/Arquivologia	2014
Bordô				Jornalismo	2006
Carmesim				Odontologia	2004
Ciano				Farmácia/administração	2016
Dourado				Jornalismo	2011
Escarlate				Administração	2010
Esmeralda				Gestão de Petróleo	2012
Grená				Direito	2009
Índigo				Direito	2013
Jade				Direito	2015
Laranja				Direito	2018
Magenta				Administração	2016

Conforme demonstrado na tabela 2, dos 14 participantes, 78,50% (n=11) são solteiros e somente 2 homens e uma mulher são casados (n=21,5%). Albrecht e Krawulski (2011) também encontraram em seu estudo uma prevalência de solteiros (61%) em comparação com casados.

Em um estudo com o objetivo de examinar o papel dos fatores determinantes da aprovação em um concurso público, Castelar et al (2010) relataram que o efeito

marginal do estado civil se comporta de forma ambígua. Os solteiros não possuem o tempo limitado às demandas geradas para as obrigações domésticas que ocorrem nos sujeitos casados, podendo se dedicar mais aos estudos. Contudo, o autor afirma que as responsabilidades do casamento podem motivar o sujeito a pleitear um emprego público com finalidade de melhorar a sua situação familiar.

Nos estudos de Melo e Borges (2007) sobre a vivência de jovens na transição da universidade para o mercado de trabalho, os autores explicam que alguns deles se frustram em suas expectativas após a graduação e como consequência, retardam a constituição familiar, priorizando novos aperfeiçoamentos ou até mesmo iniciando outra graduação.

Conforme podemos encontrar na tabela 3, verificamos também que estes adultos jovens possuem um tempo de formação recente, sendo que 71,25% (n= 10) formaram nos últimos 5 anos e inclusive alguns chegaram a cursar mais de uma graduação, como no caso do pesquisado Ciano que terminou 02 destes cursos.

Em uma situação análoga, Albrecht e Krawulski (2011) mostram que no início de seus estudos sobre concurseiros conjecturavam três possibilidades: a) estes jovens não conseguem se estabelecer no mercado de trabalho; b) estariam indo ao encontro de suas naturezas vocacionais ao serviço público ou c) estariam decepcionados com suas carreiras, já no início de suas formações. Mas, o que os autores concluíram é que na verdade estes jovens foram atraídos pela proposta da estabilidade do emprego e pelos altos salários em um cenário econômico marcado pela concorrência e desemprego.

É oportuno citar abaixo um trecho da entrevista do Interlocutor Ciano, quando perguntado sobre o conceito de concurseiro:

[...] se eu falar que não quero estabilidade, eu estarei mentindo. Ainda mais que vivemos em um país que a gente tem ondas de idas e vindas na economia. Quando eu me formei, eu fiz farmácia. O mercado estava horrível. A Emescan fechou tudo no ano que me formei. Quando eu me formei em administração eu tinha conseguindo um trabalho, não era carteira assinada, pois ainda estava na faculdade ainda, mas eu tinha conseguido um estágio na VALE, acabou que quando eu me formei em administração, o país estava em crise e Dilma tinha explodido o país, eu só fui mandado embora e ninguém contratando. Eu acabei ficando desempregado e foi aí que eu resolvi estudar para concurso.

Andrade (2019), explica que diante das altas taxas de desemprego e das dívidas, a racionalidade concorrencial induz o surgimento do sujeito *empreendedor de si* e sua

capitalização, buscando alternativas em relação ao trabalho. Nesse sentido, procuram se tornar mais eficazes e competitivos. Esta nova racionalidade do trabalho passa a ser segundo Costa (2009) um comportamento econômico, no qual Foucault (2008a) constatou que na racionalidade neoliberal americana ou estadunidense, o sujeito se empreende como capital humano, conforme evidencia ao tratar do *homo oeconomicus*.

Ao analisarmos o gráfico 2 sobre a autodenominação de cor, encontramos uma predominância de pardos, seguidos de brancos, no qual 07 participantes se declararam pardos (n= 50%) e 05 participantes brancos (n=36 %). Somente um participante se declarou da cor preta (n=7,1 %) e um participante se declarou de cor amarelo (n= 7,1 %) e nenhum dos participantes se declararam indígenas (n= 0%).

No nosso estudo em particular, verificamos que a maior prevalência de autodenominação de cor foi para a parda, alcançando 50% de todos os participantes. Durante a minha participação no campo, observei e registrei por algumas vezes o assunto sobre as políticas públicas de ação afirmativa em discussão por parte dos concurreseiros egressos.

O registro abaixo é uma transcrição das anotações do diário de campo do dia 20 de fevereiro de 2019. Como as anotações são extensas, transcrevo somente os trechos a partir das 12 horas, no intervalo do almoço, no qual haviam 04 concurreseiros agrupados em pé, do lado de fora do curso preparatório, sob uma marquise à direita das instalações do curso, em uma área em que o grupo se encontra nos momentos de intervalo, principalmente para fumar e conversar.

“Hoje em particular, presenciei uma discussão profunda sobre sistemas de cotas. Uma das interlocutoras declarou com tranquilidade que pela condição de “parda” ela se inscreve sempre para as cotas. Ela reforçou inclusive que atualmente a nota de corte para passar está altíssima, similar a nota de corte das vagas de ampla concorrência. [...] Então começou a discussão sobre a subjetividade da autodeclaração da cor. Um dos egressos, que se apresentou como advogado, afirmou que os editais deveriam elaborar critérios eletivos. Outro informou que há jurisprudência para diversas ações. Um dos egressos que é nítido o seu fenótipo para cor branca, explicou que sua mãe é negra e que devido não possuir fenótipo da etnia da mãe, foi excluído das cotas (ou seja também já havia inscrito nas cotas), continuando até brincou que da próxima vez vai ficar exposto a radiação solar para ficar mais “bronzeadinho” [...] (DIÁRIO DE CAMPO, 2019).

Percebemos que durante a interação com o grupo, a discussão da temática das políticas públicas de ação afirmativa, giravam em torno dos critérios não definidos para classificação ou em interesse em manter uma *representação falsa*, pelo menos nos

bastidores. Em ambos os casos, os concurreiros egressos não demonstraram interesse nos reais objetivos destas políticas enxergando nelas como mais uma estratégia de passar nos concursos públicos.

Ser considerado não branco pode exigir uma análise individualizada de cada caso. De fato, segundo o censo 2010 do IBGE, 43,1% da população brasileira se declararam negros⁸. Embora ações afirmativas como essa objetivem justamente igualar oportunidades que a sociedade, em sua dinâmica habitual, não permite com agilidade suficiente, em virtude do passivo histórico que a escravidão gerou em relação à população negra do Brasil⁹, não se pode olvidar que haja pessoas que buscarão se utilizar de seus benefícios sem exatamente atender à condição legal. Um complicador será qual critério deve ser utilizado para melhor identificação dos beneficiários (FARIA e FIGUEIREDO, 2016, p.211-212).

Em análise da Lei 12.990/2014, que reserva para negros e pardos vinte por cento das vagas oferecidas em concursos públicos da Administração Pública Federal direta e indireta, Figueiredo e Faria (2016) manifestaram preocupação quanto a garantia das igualdades, haja vista que segundo os autores, 63% dos pobres no Brasil em 2001 eram de origem negra e que vários teóricos afirmam que a chave para passar nos concursos públicos está nas mãos dos que possuem acesso aos melhores processos educativos, ou seja, circunscreve-se aqueles que possuem melhores condições acerca da qualidade de vida. O que os autores afirmam é que as condições necessárias para atingir os valores mínimos de pontuação para aprovação estão associadas diretamente as boas condições socioeconômicas, como por exemplo: acesso a boa alimentação, garantias para continuidade dos estudos, transporte e boas condições de saúde. São estas condições que promoveriam o processo de igualdade.

Gráfico 2- Entrevistados por cor da pele segundo parâmetros do IBGE

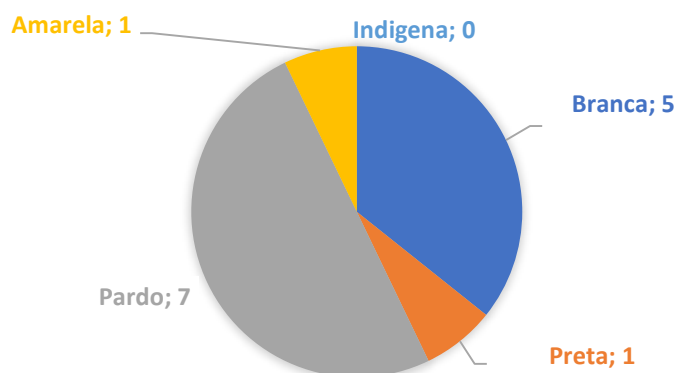


Tabela 4 – Entrevistados por local de moradia.

	Masculino	Feminino	F(a)	F(r)
Jardim da Penha	5	1	6	43 %
Mata da Praia	2	1	3	21,5 %
Jardim Cambuí	1	0	1	7,1 %
Bento Ferreira	0	1	1	7,1 %
Bairro República	1	0	1	7,1 %
Aribiri	1	0	1	7,1 %
Boa sorte	0	1	1	7,1 %

Legenda: F(a) = frequência absoluta F(r) = frequência relativa

Conforme a tabela 4, dos 7 bairros citados como local de residência, somente 02 bairros não fazem parte do município de Vitória. O bairro Aribiri encontra-se no município de Vila Velha e o bairro Boa Sorte no município de Cariacica, mesmo assim fazem parte da Região Metropolitana da Grande Vitória/ES. Os bairros de maior concentração de pesquisados foram Jardim da Penha com 43% dos entrevistados (n= 6) e Mata da Praia com 21,50% (n= 3). Estas regiões se encontram em conurbação e apresentam altos índices de desenvolvimento urbano. Contudo, é importante destacar que o curso preparatório se encontra em uma posição geográfica estratégica entre estes dois bairros nobres da capital Vitória/ES.

De acordo com as tabelas 4 e 5, ao compararmos os dados dos entrevistados, percebemos que 64,5% dos pesquisados (n=9) residentes nos bairros de Jardim da Penha e Mata da Praia relataram possuir renda familiar média acima de 5 salários mínimos. É coerente que os sujeitos que residem nestes bairros nobres, possuam elevado padrão de renda se comparada com a média dos municípios que compõem a região metropolitana do Espírito Santo, convergindo com os dados oficiais da Prefeitura Municipal de Vitória (2013, p. 445; 449) que descreve que os bairros citados possuem 14.911 domicílios permanentes, dos quais 8.272 (n= 55%) apresentam renda familiar média entre 5 a 20 salários mínimos.

Faria e Figueiredo (2016) e Castelar et al (2010), convergem em seus estudos acerca do fato de um sujeito jovem que pertença a uma classe possuidora de renda elevada, residente em regiões metropolitanas, possuidores de acesso à educação e cultura

com qualidade, possuem 41 vezes mais chance de aprovação do que um sujeito sem estes atributos.

Esta análise é de suma importância, haja vista que frente à racionalidade neoliberal, o capital humano se traduz como investimento na educação. Portanto os sujeitos que possuem maiores oportunidades no acesso à educação, certamente sairão na frente (COSTA, 2009). Ao abrir um curso preparatório no bairro de Jardim da Penha, os proprietários demonstraram possuir conhecimento e análise ambiental de mercado, um plano de marketing desenvolvido e conhecimento em segmento geográfico de mercado (KOTLER e KELLER, 2012). Escolheram dois bairros com índices elevados de desenvolvimento e renda, com jovens em plenas condições socioeconômicas e de saúde e já subjetivados pela adesão ao *empreendedorismo de si*. Os concurseiros relataram ser muito bom o curso preparatório estar perto de casa, mas com certeza é melhor para curso preparatório.

Não podemos deixar de evidenciar o papel influenciador da família no momento da escolha das atividades laborais. Segundo os estudos de Soares e Sestrem (2007) e Santos (2005), além de todos os fatores intrínsecos do *self*, de convicções políticas e religiosas, crenças e valores, a situação político-econômica do país e dos sujeitos que compõem seus pares sociais, a família produz subjetividades hegemônicas que interferem no processo de construção dos desejos e anseios profissionais dos seus membros púberes, contribuindo no processo de construção de suas personalidades.

Na analítica de Goffman (2002, p.80) esta influência familiar nas escolhas laborais está no fato dos vínculos de dependência mútua que unem todos os membros de uma família. A todo membro, portanto, é cobrado o dever em manter os importantes laços de relacionamento de conduta, de confiança e de responsabilidade.

Goffman (2002, p. 76) explica que em uma representação, o conteúdo da encenação não representa as características individuais do ator. Na verdade, elas expressam as funções que o ator representa. O ator faz parte de uma equipe de representação, que neste caso é a família, e por serem jovens aprendem a assumir papéis projetados e alimentados pelos demais participantes. Estas situações que o autor chama de *situação projetada*, levam os jovens a manter as representações vividas socialmente, que, neste caso, produzem subjetivações que os impulsionam a manterem os altos

padrões econômicos de seus pais, muito além do sucesso da formação em um curso superior.

Segundo Goffman, (2002, p. 79) os jovens concurreiros aqui estudados estão investindo em seus próprios papéis e interiorizando os padrões sociais de suas famílias que fazem parte da equipe de representação. Para o autor, quando atuam na representação de concurreiros e acreditam que esta realidade seja a única possibilidade em manter os padrões morais e econômicos estabelecidos pela equipe de representação, tornam-se atores e plateia ao mesmo tempo de suas próprias atividades privadas ou representações individuais, levando ao desenvolvimento de um processo de autoilusão como artifício de autopreservação.

Tabela 5 – Entrevistados por renda familiar média em salário mínimo

	Até 1 salário mínimo	2 até 4 salários mínimos	Mais de 5 até 10 salários mínimos	11 até 20 salários mínimos	Mais de 20 salários mínimos	Não souberam/ não sabem
Masculino	0	1	6	2	0	1
Feminino	0	1	1	0	0	2
F (a)	0	2	7	2	0	3
F (r)	0	14,30%	50%	14,30%	0,00%	21,40%

Legenda: F(a) = frequência absoluta F(r) = frequência relativa

Na tabela 6 estão apresentados os entrevistados por escolha de religião. Dos 14 entrevistados, 7 (n= 50%) se apresentaram como evangélicos e 4 como sendo católicos (n= 28,5%). 02 participantes (n= 14,40%) se declararam como não possuindo uma religião definida e 1 se considerou como espiritualista (n- 7,10%). Vale ressaltar que na categoria Evangélicos encontram-se agrupados em 3 pesquisados pertencentes às igrejas evangélicas de origem pentecostais⁴⁰ e 4 entrevistados das igrejas evangélicas de missão⁴¹.

⁴⁰ Nomenclatura do IBGE: Evangélicos pentecostais - Assembleia de Deus, Igreja do Evangelho Quadrangular, Igreja Universal do Reino de Deus, Maranata, Nova Vida, e igrejas evangélicas não determinadas.

⁴¹ Nomenclatura do IBGE: Evangélicos de missão - luteranos, presbiterianos, metodistas, batistas, congregacionais e adventistas.

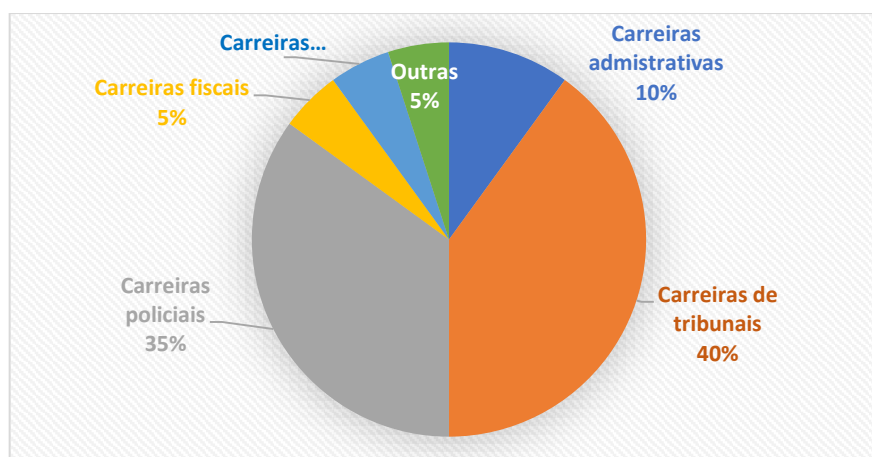
Tabela 6 – Entrevistados por escolha de religião

	Católica	Evangélicas	Espíritas	Sem Religião
Masculino	2	5	1	2
Feminino	2	2	0	0
F (a)	4	7	1	2
F (r)	28,50%	50%	7,10%	14,40%

Legenda: F(a) = frequência absoluta F(r) = frequência relativa

Ao analisarmos o gráfico 3, percebemos uma grande busca pelas carreiras de tribunais com 40% de citação pelos investigados e 35% por carreira policiais. As demais carreiras não apresentam valores expressivos, não ultrapassando os 10% dos interesses. Estes dados devem ser analisados com ressalvas.

Gráfico 3- entrevistados por escolha de carreiras



Primeiramente, a alta procura pelas carreiras de tribunais são congruentes devido ao fato de os interlocutores estudados serem em sua maioria das áreas das ciências sociais aplicadas, ou seja, dos 14 (n= 100%) concourseiros egressos, 12 são pertencentes as áreas de ciências sociais aplicadas, sendo 6 formados em direito, representando 86% de todos os entrevistados. Conseqüentemente, estes 12 profissionais vão optar pelas escolhas de carreiras judiciais, tribunais, fiscais e administrativas.

Albrecht e Krawulski (2011), em um estudo qualitativo sobre os motivos que levam os sujeitos a prestar concursos públicos, entrevistaram 93 alunos de dois cursos

preparatórios, concluindo que 61% dos entrevistados eram das áreas das ciências sociais aplicadas, sendo que a maioria era oriunda da área jurídica. O autor explica que muitas pessoas buscam estas formações haja vista uma maior oferta de editais para as carreiras ligadas as áreas das ciências sociais aplicadas. E continua:

Em algumas regiões do Brasil, estudantes e graduados principalmente nos cursos de direito, mas também nos de administração e de ciências contábeis, associam essas graduações a possibilidades de prestar concursos públicos, uma vez que muitos editais em seus requisitos de escolaridade disponibilizam a oportunidade para essas áreas (ALBRECHT E KRAWULSKI, 2011, p.219).

Outro fator que influencia na escolha das carreiras, decorre da abertura de editais durante o período de estudos. Em dezembro de 2018, por exemplo, foi noticiado a abertura de pelo menos 02 concursos para as carreiras policiais (principalmente para a polícia federal), esta situação levou inclusive o curso preparatório, em poucos dias, a preencher uma turma presencial com aproximadamente 100 alunos, que funcionou sem interrupção até a semana anterior das provas.

Voltando a análise dos nossos investigados (gráfico 3), foi permitido a eles marcarem mais de uma carreira desejada no questionário, no qual 4 pesquisados (n= 28,5%) optaram também pelas carreiras policiais, influenciados pelos editais abertos para essas carreiras. Esta oportunidade de concurso público permitiu que a escolha pelas as carreiras polícias alcançassem 35% das escolhas do grupo de concurseiros egressos.

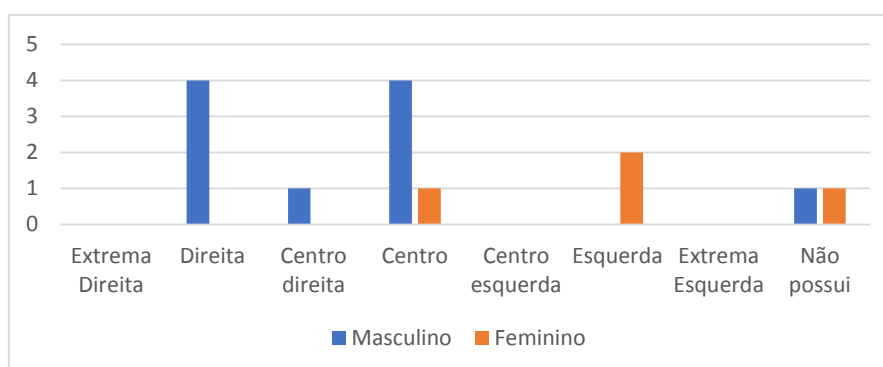
Mais uma vez é demonstrado que a escolha em participar de um concurso público está mais próximo de uma escolha utilitarista, na busca de uma estabilidade financeira e remuneração financeira alta, do que em um desejo de seguir uma profissão por vocação. Abaixo transcrevo um trecho da entrevista do egresso Magenta, quando perguntado sobre qual objetivo após ser aprovado no concurso público:

Entrevistador: Qual o teu objetivo após ser aprovado no concurso?

Magenta: Meu objetivo após o concurso é continuar estudar para concurso até chegar aonde eu quero, quero os dois, financeiramente e o meu sonho, que tenha a ver comigo, lógico. Digamos que eu faça para a prefeitura daqui, até chegar aonde eu quero chegar. Meu objetivo final é chegar em um concurso federal.

Mais depois de passar no concurso que eu quero... eu pretendo fazer um mestrado, mesmo passando no concurso que eu quero.

Gráfico 4- Entrevistados por espectro político



O gráfico 4 apresenta a escolha dos concurreiros egressos sob o espectro político, de acordo com Feijó (2008). Dos 14 egressos investigados, 2 (n= 14,40%) relataram não possuir posicionamento no espectro político proposto. 2 (n= 14,40%) se posicionaram com serem da esquerda, 5 egressos (n=36 %) se posicionaram como centro, 1 investigado (n= 7,10%) como centro-direita e 4 como sendo direita, representando 28,5% da amostra.

Quando perguntado durante a entrevista o que significavam para eles estes posicionamentos políticos, tiveram muita dificuldade em explicar, talvez por estarem receosos em justificar as respostas, ou talvez não tenham refletido sobre a temática até o momento. Mas o que chamou a atenção, que mesmo não demonstrando (por parte de alguns entrevistados) uma clareza de seus posicionamentos, nenhum egresso se manifestou como extrema esquerda ou extrema direita.

4.4 - Tempo dedicado para o concurso em anos.

Tabela 7 – Entrevistado por tempo de estudos para concursos em anos

	Até 1 ano	Até 02 anos	Acima de 3 anos
Masculino	1	3	6
Feminino	2	2	0
F (a)	3	5	6
F (r)	21,00%	36,00%	43,00%

Conforme a tabela 7, dos 14 entrevistados (n=100%), 11 entrevistados (n=79%) já estudam para concursos públicos há pelo menos 1 ano, sendo que destes, 6 (n=43%) ultrapassam os 3 anos. Dos entrevistados que ultrapassam os 3 anos de estudo, ressaltamos o entrevistado Grená que informou estudar efetivamente por um período

entre 4 e 5 anos, seguido de Amarelo e Bege com 4 anos. O entrevistado Laranja é o que apresenta o menor tempo em anos de dedicação aos estudos e além de estudar com o grupo dos egressos, objeto deste estudo, também está matriculado no curso presencial do curso preparatório.

Nos estudos de Albrecht e Krawulski, (2011) também foram encontradas relação entre tempo em anos de estudo com matrícula em cursos preparatórios presenciais para concurso. Em um estudo com o objetivo de compreender os sentidos do trabalho para graduados em preparação para concursos públicos, os autores estudaram 93 concurseiros na cidade de Florianópolis em 2010. Concluíram que é menor os números de concurseiros que permanecem matriculados em cursos preparatórios presenciais por longos períodos de anos. Pois, 73% dos matriculados, possuíam menos de 1 ano de dedicação a estudos para concurso público.

Estes dados vão ao encontro ao nosso estudo, no qual somente o entrevistado Laranja, com 1 ano de formação em nível superior e sete meses se preparando para concursos, encontra-se matriculado no curso preparatório presencial da instituição, lócus da pesquisa. Os demais 13 (n=93%) concurseiros pesquisados optaram em não mais matricular/assistir as aulas presenciais do curso preparatório. Contudo, voluntariamente, ainda mantêm um forte vínculo com o curso preparatório para concursos.

No diário de campo do dia 07/02/19, há uma anotação sobre uma situação pontual entre dois atores que demonstram a relação do tempo de dedicação aos estudos com o uso das salas de estudos do curso preparatório:

Após o intervalo da manhã, eu e alguns egressos que estavam no fumódromo, retornamos para a sala de estudo. Um fato importante aconteceu. Uma das funcionárias chamou um dos egressos pelo seu nome principal demonstrando que ambos se conheciam há muito tempo. Logo depois, ao conversar reservadamente com a funcionária, ela revelou que o conhece pelo nome devido aos longos anos que convivem no curso preparatório, ela como funcionária, ele como concurseiro (DIÁRIO DE CAMPO, p. 13).

Foi observado que os 13 entrevistados (n=93%) que optaram não estudar em turmas presenciais do curso preparatório, tomaram esta decisão por entenderem que já possuem suas estratégias e métodos de estudos definidos e não escondem em as aparências de sua fachada social. Além disso, parecem convictos de que as aulas presenciais não contribuem mais para a melhora de suas performances para

passarem em concurso público. Esta *maneira arrogante e o fato* de possuírem muitos anos de dedicação aos estudos para preparação em concursos públicos, são primordiais para diferenciá-los dos demais concurreseiros, atores iniciantes que iniciam suas representações nos palcos principais: as salas de aula dos cursos preparatórios. Apresentamos a resposta do Interlocutor Amarelo durante a interação face a face, quando perguntado sobre o tempo dedicado aos estudos:

Entrevistador: Há quanto tempo você estuda para concursos?

Amarelo: Há 4 anos.

Entrevistador: Nestes 4 anos, como seu deu seus estudos?

Amarelo: Eu no início fiz alguns cursinhos, hoje em dia eu estudo sozinho mesmo, via biblioteca, eu gosto de estudar sozinho na biblioteca, as vezes dependendo do daí eu fico em casa mesmo estudando.

Entrevistador: Saindo um novo edital, você faria um curso preparatório?

Amarelo: Hoje com a bagagem que eu tenho, eu não vejo necessidade não, talvez apenas de algumas matérias novas ou que eu não tenho facilidade. Agora, fazer um curso completo eu acho que é perda de tempo, assistir vídeo aula, eu gosto mais de estudar já lendo, porque eu consigo pegar mais coisas, absorver mais coisas, geralmente quando abre edital em 3 meses para prova, então se você ficar vendo vídeo aula ou fazendo um curso completo você acaba perdendo muito tempo.

Mas, se os 93% dos entrevistados (n=13) não interessam pelas aulas presenciais, por que frequentar diariamente o curso preparatório? Isso ocorre porque buscam, na verdade, legitimar seus papéis sociais através da manutenção da definição de situação da equipe de concurreseiros egressos e para tanto necessitam de um palco para desenvolver suas performances, que neste caso, não ocorrem no *palco principal*, que são as salas com turmas presenciais, e sim nos palcos para ensaio do curso preparatório, originalmente construídos como cenário secundário dos concurreseiros que frequentam os cursos regulares. Se consideram atores em um nível mais elevado para interpretação, acreditando que a vaga existente já é sua, dependendo somente de si para alcançar o sucesso. Sentem-se preparados para jornada como protagonistas, cabendo então escolher a metodologia/estratégia de seus mestres⁴², que na Instituição pesquisada é encontrada nos *coaching educacionais* (GOFFMAN, 2002, p.106).

Dos 14 entrevistados (n=100%), 12 (n=86%) afirmam não possuírem autonomia financeira, sendo em todos os 12 casos, assistidos financeiramente por familiares ou

⁴² durante as observações e interações face a face, encontramos relatos sobre diversos influenciadores podendo ser autores de best-sellers ou popstar como youtubers famosos como William Douglas. A característica comum entre os influenciadores: são todos vitoriosos e ocupantes dos cargos públicos mais almejados.

cônjuges. Somente 02 concurreiros (n=14%) afirmam possuir renda e custear seus estudos integralmente. Para os entrevistados, a ida diariamente a uma instituição de curso preparatório para concursos, legitima suas interpretações e *sua fachada social*: um concurreiro profissional que acredita que sua dedicação aos estudos maximizados em detrimento às renúncias sociais, muitas das vezes com o apoio financeiro da família ou cônjuge, seria uma forma de investimento na sua condição de capital humano.

Ciano, quando perguntado durante a entrevista sobre como custeava seus estudos, exemplifica muito bem o discurso dos egressos sobre o investimento do tempo e capital financeiro.

Entrevistado: Como você enxerga os custos com os estudos?

Ciano: É um investimento, porém é uma ajuda que gera uma obrigação e acaba gerando uma pressão, eu não quero pesar nada nas mãos da minha família, infelizmente como estou desempregado, e então existe a pressão (Risos). Mais eu acho que eu me cobro mais, infelizmente mesmo quando minha família não me cobra, a sociedade cobra mais do que a família, sempre tem aquela pessoa que chega assim, sempre que você não está trabalhando te olha com aquela cara de como se você tivesse nada na vida para fazer, e como se estudar para concursos mostra que você tem tempo livre”, então eu não tenho tempo livre (risos), as pessoas de fora não entendem a nossa realidade, pensam que digamos assim, popularmente falando, somos vagabundos.

Laranja, durante a interação face a face, quando explica sobre a família, expressa também a pressão familiar:

Laranja: A minha relação com a minha família eu diminui o máximo que eu pude, diminui porque é muita pressão, justamente porque fica perguntando, dizendo que fulano fez e que fulano conseguiu de primeira. A comparação me atrapalha, ela me causa uma pressão muito grande, e quando a gente não consegue responder a altura essa cobrança isso causa um transtorno muito grande para gente, porque só a gente sabe o que passamos aqui, só a gente sabe como é a rotina de um concurreiro, como é a rotina de estudo entendeu? Porque é uma pressão, além de interna ela também vem externa também, no que eu puder me limitar de pressão eu vou limitar, tanto é, que ninguém sabe que eu faço cursinho, eu venho pra cá não entro em contato com ninguém, se me perguntarem onde eu estou, eu digo que estou em Vitória, não fico falando muito. Minha relação com a minha família diminuiu muito, meus amigos também muito mesmo. A minha relação com a minha melhor amiga é do concurso mesmo entendeu? eu mando para ela matérias, o que eu aprendi, a gente discute.

O Interlocutor Laranja, na continuação de sua fala, afirmou inclusive, que está construindo suas relações sociais dentro do curso preparatório, pois acredita que neste cenário, será mais bem compreendido pelos demais atores e com isto, seu tempo de estudos continua otimizado.

Vale ressaltar que a dimensão temporal tem um valor dogmático na vida dos concurseiros, principalmente nos egressos entrevistados, tendo em vista que a maioria (n=79%) estuda diariamente há mais de dois anos. Esta dimensão não é só acompanhada por anos estudados, mas a realidade de tempo de dedicação aos estudos destes concurseiros é dimensionada pelo cálculo temporal diário, que eles chamam de *horas líquidas de estudo*⁴³. Todos os entrevistados (n=14) utilizam metas de estudos diários, que variam de 3 a 7 horas líquidas. Durante as entrevistas e observações no campo, constatamos que para os concurseiros egressos, quanto maior for a dedicação efetiva diária de estudos maior será o sucesso em passar em um concurso público.

64% dos entrevistados (n=9) controlam ou já controlaram o tempo efetivo de estudo com auxílio de um cronômetro. Dourado nos conta em sua entrevista como dedica o seu tempo aos estudos:

Entrevistador: Como você dedica o seu tempo para os estudos?

Dourado: Antes eu não utilizava o cronometro, eu vinha aqui chegava de manhã e à tarde e à tarde eu ia para casa e estudava um pouquinho, a noite também procurava estudar um pouquinho, e agora estou usando o cronômetro, comecei a usar na semana retrasada, ai eu estou vendo que o tempo não está rendendo, porque e eu ficava muito tempo conversando aqui em baixo, eu tento fazer 4 horas e meia aqui de manhã. E eu penso assim, eu gosto de dormir, se eu dispensar o tempo aqui, a noite eu vou ter que ficar mais tempo acordada estudando, então eu tento me dedicar o máximo no intervalo, tento fazer um intervalo menor, tinha época que eu ficava aqui 20 minutos conversando no intervalo, ai a tarde faço duas horas e a noite faço 1 hora e meia por ai, ai agora estou me dedicando mais.

Durante a entrevista, quando perguntado sobre como dedica o seu tempo aos estudos, Magenta relata a importância do controle do tempo para o concurseiro:

Entrevistador: Há quanto tempo você estuda para concursos?

Magenta: 1 ano e 8 meses

Entrevistador: Quanto tempo você dedica ao estudo diariamente?

Magenta: Hoje eu dedico uma média de 6 horas por dia, eu resolvi fazer isso, mais do que isso eu acho que desgasta muito.

Entrevistador: Você utiliza cronômetro para dimensionar o tempo de estudo?

Magenta: Não, eu meio que já sei, pois, estudo na parte da manhã duas horas e meia, a tarde duas horas e a noite estudo também. Aqui, quando eu venho, agora eu estou ficando apenas dia de domingo, eu ficava aqui a tarde até umas 17 horas. O restante do tempo fico em casa, utilizando a internet, pois fico fazendo exercícios.

⁴³ ao iniciar as atividades de estudo, os concurseiros iniciam a contagem do tempo com um cronômetro (geralmente o aparelho celular) e na medida que realizam as atividades da vida diária que não estejam associadas ao estudo para concurso, pausam a contagem, reiniciando-a, assim que retornam a rotina de estudos. *Horas brutas* seriam, portanto, as 24 horas do dia e as *horas líquidas* o tempo efetivamente dedicado aos estudos para o concurso público.

4.5 - Rotina dos concurseiros.

As rotinas dos concurseiros egressos, apesar de distintas entre si, devido às particularidades e individualidades comuns aos sujeitos em suas vidas contemporâneas, apresentam algumas relações semelhantes inerentes ao tempo de dedicação aos estudos para o concurso público. Como já descrevemos anteriormente, a dimensão temporal é muito valorizada pelos concurseiros, no qual, cada um demonstra possuir uma rotina diária e intensa e através de suas singularidades, constroem suas estratégias para passarem no concurso.

Estas estratégias, variam de acordo com as demais fachadas pessoais que são representadas em outras equipes de representação, como família e trabalho. Apesar disto, estas equipes de representação são redimensionadas e alocadas em suas rotinas em razão da equipe de representação dos concurseiros que escolheram como principal representação (GOFFMAN, 2002, p.39).

Conforme evidenciado anteriormente, somente os concurseiros casados ou que possuíam alguma atividade laboral demonstraram dificuldade em definir estratégias para dedicação aos estudos frente às obrigações relacionadas ao trabalho ou a convivência com cônjuge e filhos. Mesmo assim, apresentam relevante engajamento e prioridade em suas representações como concurseiros em detrimento as demais fachadas pessoais.

Interlocutor **Azul:**

Entrevistador: Como você administra seu tempo entre os estudos e as relações interpessoais?

Azul: Olha eu divido meu tempo durante a semana, eu tenho uma escala de trabalho que é a noite, eu trabalho de 8 horas da noite até 1 hora da manhã, eu estou em uma escala especial, eu comecei essa escala a uns dois meses por ai para dar um gás mais forte nos estudos mais meu normal e chegar 3 horas da tarde em casa, faço minha prática esportiva e depois estudo mais ou menos de 6 às 9 horas, agora que estou ficando aqui o dia inteiro.

Azul: com a família continua a mesma relação, porém com menos tempo né cara, como eu trabalho e estudo, só tenho tempo final de semana, durante a semana eu tenho o meu tempo cronometrado certinho.

Azul: Eu chego, no máximo duas horas da manhã eu já estou dormindo, chego tomo um banho, e eu já jantei na rua e chego e vou dormir.

Entrevistador: É qual horário você acorda?

Azul: Eu acordo normalmente 06:30 da manhã, nesse horário que eu estou agora, pois normalmente nesse horário eu já estou trabalhando, nesse horário que poderia dormir um pouquinho até mais tarde, mas eu estou aqui às 07 horas.

Conforme a tabela 2, dos 3 (21,50%) entrevistados que informaram serem casados, 02 (n=14%) demonstraram ter dificuldades em manter uma dedicação maior aos estudos em decorrência das demais representações sociais o único que relatou manter um ritmo semelhantes aos demais entrevistados solteiros foi o Escarlante.

Interlocutor **Amarelo**:

Entrevistador: Como você administra seu tempo entre os estudos e as relações interpessoais?

Amarelo: ...meu relacionamento interpessoal, na verdade eu só vejo minha namorada nos finais de semana, as vezes um dia da semana, aí eu deixo de estudar a noite.

Entrevistador: Você tem algum cronograma?

Amarelo: Tenho sim, tenho disciplina de manhã que quando eu estudo, a tarde eu tenho outra, eu gosto de dividir por turno, pois consigo ver mais matérias.

Amarelo: No lazer, geralmente eu não saio muito, mais é programa familiar.

Interlocutor **Bordô**:

Entrevistador: Como você administra seu tempo entre os estudos e as relações interpessoais?

Bordô: Nossa aqui eu sou outra pessoa que ensina e no tempo de estudo porque assim eu gostei de fazer curso presencial. Eu fiz dois cursos aqui e depois disso eu não fiz ainda espera abrir uma outra turma. Eu gosto do presencial porque eu dividia meu tempo de estudo assim de oito da manhã até o 11 da manhã assistindo à aula almoçava meio dia estava de volta de meio dia até às 18 horas era ouvi na aula fazendo anotações e pegando leituras complementares aí das 19 até às 21 fazendo exercícios daquela matéria daquele dia eu dividia o jeito direitinho. Quando a turma acabou não tinha ainda outra turma de tribunais que carreira eu quero seguir. Tribunal não abriu e eu continuei estudando sozinho. Eu já me baguncei um pouco tempo de estudo. Aí eu já não tinha ciência da divisão de tão tantas horas porque eu fico estudando por materiais online e eles são muito extensos. Eu fico assim o dia inteiro por conta de um PDF.

Entrevistador: Quanto tempo você dedica ao estudo por dia?

Bordô: Digamos assim, o dia inteiro! chego aqui às 8 da manhã e saio daqui às 21 horas, 11 horas por dia em média que eu fico aqui. Aí a gente tava até mediano por líquido da mais ou menos 7 horas líquidas por dia. Geralmente no domingo eu estou morto de cansado e aí eu fico na cama até o horário de ir pela Igreja. Pois é agora eu tenho dois livros para ler que me indicaram isso sabe, no horário de descanso para dar uma distraída e tudo não perdeu o hábito da leitura e ao invés de subst.

Entrevistador: e as relações interpessoais?

Bordô: Não, durante assim até porque por eu ter vindo de Minas pra cá eu tenho um amigo fora daqui que eu conheci aqui eu tenho um amigo de Minas e ele no início ele reclamava nossa você está ausente. amigo não consigo encontrar tempo pra ir porque eu vivo aqui de segunda a sexta no sábado a salinha de estudo abre até às 15 horas e fico até as 15 horas e vou em casa...morto do cansaço da semana, descanso um pouco e depois vou a igreja. Então assim, geralmente pelo WhatsApp mesmo porque geralmente falo em grupos que assim já falo com todo mundo de uma vez e nos horários de intervalo que eu tenho né, paro no almoço e olho o WhatsApp e eu paro

um pouquinho e vejo o WhatsApp às 15 horas mais presencialmente não tenho contato com mais ninguém.

Bordô: Estou dando um time no momento em tudo, uma amiga minha perguntou pra mim esse final de semana: e aí? Casou? eu falei não por enquanto eu quero ficar rico e depois eu compro. E quanto a minha irmã que vive aqui eu não sei até que ponto vai ser complicado porque eu me sinto na posição está de favor na casa dela. Mas eu saí de lá de casa com mais ou menos às 7 horas da manhã volto às 10 (noite) e pouca e ela trabalha de 15h às 23:30h então quando ela chega eu tô dormindo quando eu saio ela tá dormindo, então a gente quase também não tem muito contato... é bom que evita um possível estresse.

Interlocutor **Laranja:**

Entrevistador: Como você administra seu tempo entre os estudos e as relações interpessoais?

Laranja: Então... Eu chego em casa no que se diz respeito ao sono, 23:30 da noite que eu dependo de ônibus e chego 23:30, eu chego janto, tomo banho, vou dormir mais ou menos 01:00 hora da manhã, 00:30 da noite ou 01 hora da manhã e acordo as 06:00 ou 07:00 horas da manhã.

Laranja: Aí eu acordo, venho para cá e fico aqui até dez e meia da noite. Meu foco é vim, e está aqui e conseguir manter minha meta de estudo, que é estudar o máximo que eu puder, enquanto não estou trabalhando.

Laranja: A minha relação com a minha família eu diminui o máximo que eu pude, diminui porque é muita pressão, justamente porque fica perguntando, dizendo que fulano fez e que fulano conseguiu de primeira.

[...] A minha relação com a minha melhor amiga é do concurso mesmo entendeu? eu mando para ela matérias, o que eu aprendi, a gente discute.

[...] só tenho mais contato com ela justamente porque o assunto é justamente concurso, ela tem os problemas dela mais a gente acabou isentando uma e a outra de todos os nossos problemas para poder voltasse só para o estudo do concurso.

Laranja: Eu não vou em nenhum tipo de show, nem um tipo de rock, nem um tipo de divertimento assim, que vai me causar perda de sono ou que possa atrapalhar o meu desempenho ou que me faça sair da rotina.

Porque eu tenho um sono muito pesado, eu tenho muito sono então tudo aquilo me faz perde o sono, me faz dormir a manhã inteira no outro dia isso não tem como porque vou perder muito tempo, então eu tenho que sempre manter esse meu horário.

Laranja: Durante a semana o meu curso mesmo regular e de 19 as 22 da noite, estou concorrendo a vaga de escrivão e investigador da PC. De 19 as 22 da noite eu estou em aula, o restante do tempo eu estou estudando sozinha, revendo a matéria, fazendo exercício. Aos sábados a gente estuda de 8 da manhã as 17 da tarde a gente, tem aula de 8 as 17 horas.

As informações sobre rotinas de alimentação, religião e de práticas desportivas foram as mais divergentes. Percebemos que 11 entrevistados (n=79%) não demonstraram rotinas fixas ou não demonstraram significância ao responder quando perguntados sobre os hábitos sobre religião e alimentação. Dos 5 entrevistados (n=36%) demonstraram manter uma rotina para as práticas desportivas. Contudo, associaram estas práticas como estratégia para melhorar o rendimento dos estudos:

Interlocutor **Bege:**

Entrevistador: E sobre alimentação?

Bege: Eu não tomo café da manhã, como eu trabalho no banco tem dias que consigo almoçar cedo e tem dias que almoço mais tarde, eu gosto de almoçar as duas horas da tarde, já é meu horário todo desregulado. Ai eu também fico me policiando, fico fazendo o mais próximo do ideal lá. Então... de um mês pra cá, como minha esposa está com um problema de saúde, e ela tem que seguir uma dieta regrada, aí por causa da dieta dela eu estou me enquadrando e seguindo os horários dela (Risos)

Entrevistador: Você pratica algum exercício?

Bege: Então não. Já tem um tempinho que parei de jogar bola e de fazer academia.

Entrevistador: Como você administra seu tempo entre os estudos e as práticas religiosas?

Bege: Sou espírita.

Bege: Então eu tenho meus momentos, mais frequentava, porém como minha esposa se afastou para fazer o mestrado, já tem mais de um ano que não frequento.

Interlocutor **Bordô:**

Entrevistador: E sobre alimentação?

Bordô: Então é uma coisa queminha mãe inclusive ela chega hoje, inclusive ela geralmente vem de 15 em 15 dias né. Quando ela está aqui eu consigo (comer em casa) porque ela já deixa tudo pronto para né (risos).

Mas quando ela vem geralmente ela traz alguma coisa de lá sim, mas não é. Aí mas por ela ficar aqui durante mais ou menos uns 15 dias aí ela faz.... preocupação de mãe é tudo. eu trago lanche para toda manhã e lanche da tarde. Quando ela não está aqui, eu faço. Eu tomo café da manhã lá em casa e trago o almoço só aí eu vou comer. Quando eu chego em casa às 10 horas da noite, só assim, dependendo se quando está doendo o estômago mesmo, aí eu compro uma coisa por aqui mesmo.

Entrevistador: Atividade física, você consegue encaixar no seu cronograma?

Bordô: Eliminei tudo, já tive indicações inclusive de voltar a fazer pelo menos uma caminhada porque dizem que é melhor até para fixar um pouco conteúdo falado. Mas eu não fico com a sensação de estar me sabotando sabe quanto mais horas eu tivesse para fazer outras atividades.

E ansiedade mata plano de saúde que eu já demonstrei estresse manchando o corpo e outro tipo de vida.

Entrevistador: Como você administra seu tempo entre os estudos e as práticas religiosas?

Bordô: Eu pratico sábado e domingo, mais de vez em quando eu falto no sábado.

Interlocutor **Ciano:**

Entrevistador: Me fala um pouco da sua alimentação?

Ciano: Eu não como muita bobeira, eu como normal, eu não sou aquela cara fit que come apenas salada, eu não sou radical nem para o fit e nem para o lado da bobeira, eu sou normal.

Ciano: Eu procuro comer bem no café da manhã se não chego aqui cansado, e depois fico até a hora do almoço estudando, e depois vou comer alguma coisa, aí eu sempre como comida caseira, e de meio dia até a noite, eu trago

doce, paçoca, algum doce assim, e que nem quando uma pessoa vai fazer prova e leva um docinho, então eu faço isso, e em casa eu janto.

Entrevistador: Você pratica alguma atividade física?

Ciano: Eu estava praticando atividade física tendo passado a da Polícia Federal. Acabou que eu parei no ano passado esse ano conta muito da prova, eu não estou praticando é matéria muito extensa tem muita coisa para revisar se eu for fazer isso não vou passar na prova aí não chego nem na atividade física é prioridade para estar mais perto a data do TAF não está nem marcada ainda não se sabe. Então pode ser que eles marquem para perto de uma forma ou de outra como eu já estava praticando ano passado e vi edital não vai estar tão puxado. Não vai ser uma coisa que eu vou ter dificuldade para voltar à rotina

Entrevistador: Como você administra seu tempo entre os estudos e as práticas religiosas?

Ciano: Eu frequento a igreja no domingo. Como eu estudo de segunda a sábado no domingo basicamente o dia que eu tiro para não fazer nada para relaxar a minha mente. Não tenho saído muito mais para a igreja, mas fora isso é o dia que eu tinha para descansar minha mente. Porque se eu estudar de domingo a domingo eu não rendo, minha cabeça não aguenta, aí preciso tirar um dia para relaxar.

Interlocutor **Escarlate:**

Escarlate: Esse eu vou até te mostrar, eu tenho um cronograma mesmo de planejamento, saindo da fase nutella indo para fase raiz. Eu comecei a escutar o audiobook do Willian Douglas não sei se você já ouviu falar.

Escarlate: Todos chamam ele de Guru dos concursos, ele é juiz federal quando ele começou a passar em um concurso, logo depois ele começou a passar em vários concursos em primeiro lugar, então o pessoal começou a falar o que esse cara tem de diferente, então ele fala para você realmente criar uma agenda né.

É eu tenho tudo isso né

Tenho tempo espiritual, tenho horário para estudar, tenho horário de fazer questões, que nós não podemos deixar de fazer, tem horário para fazer a revisão, tenho tempo para corrida, tempo para ler a bíblia, tenho tempo para limpar casa, passar roupa (risos).

Escarlate: Então dentro do tempo livre eu faço, janta, estou com meu marido, a gente não tem filhos ainda, então fazemos qualquer coisa que não seja relacionado a estudo.

É no início desse ano eu comecei a incluir a prática de exercícios físicos, e melhorar minha alimentação, antes eu comia em restaurante ou comia alguma besteira isso também atrapalha.

Então eu comecei a trazer comida a fazer exercício, exercício com isso aí eu falo assim a gente acha que é a gente criando uma agenda onde vai se engessar.

Pelo contrário, é como fala no livro você acaba vendo que assim existe o tempo de correr, existe o tempo de estudar, então assim você acaba se organizando e vendo quanto o tempo que a gente tem.

Os concurreiros egressos pesquisados, priorizam as escolhas das rotinas relacionadas com a capitalização dos estudos em detrimento das rotinas relacionadas com as relações interpessoais e de lazer. Apesar de adotarem cronograma e ritmos distintos, dedicam boa parte do tempo diário para os estudos para concurso público, incluindo os finais de semana e feriados. Em todas as entrevistas (n=14; n=100%)

afirmaram que reduziram grande parte de seus relacionamentos sociais e afetivos, bem como a participação em redes sociais digitais, com exceção do uso das redes sociais digitais para estudo e compartilhamento de material didático. Outro ponto convergente foram as informações sobre a rotina sobre o sono, nos quais são unânimes em afirmar a importância do sono regular, contudo poucos relatam conseguir dormir seguindo uma regularidade.

É evidente na equipe de representação dos concurreiros egressos a dedicação exaustiva empenhada na busca de desempenhar bem o seu papel de concurreiro que os levam a prejudicar a qualidade das demais performances dramáticas, principalmente em outros palcos de representação. Goffman (2002, p.39) nos esclarece que a escolha por parte do ator em priorizar e canalizar seu tempo em determinadas tarefas, consomem um tempo precioso, impedindo-o de participar dos ensaios e conseqüentemente de representarem seus papéis com profunda realização dramática: “Aqueles que têm tempo e talento para desempenhar bem uma tarefa não podem, por este motivo, ter tempo para mostrar que estão representando bem”.

Em uma analítica teórica de Han (2014, p.27) os concurreiros egressos se expressam como sujeitos empreendedores de si e são incapazes de se relacionarem de forma livre de qualquer propósito. Suas aptidões laborais são construídas em bases de interesses do capital, que por si, gera a suas necessidades e subjetivações.

Neste modelo neoliberal baseado no desempenho individualizado, os próprios concurreiros se submetem a um contexto de dominação por si mesmos e se submetem a técnicas que busca a ativar, motivar e otimizar, que os conduzem em práticas de auto-organização e na otimização pessoal voluntárias. Não precisam de imposição, fazem porque acreditam que podem tudo (HAN, 2014, p.30).

4.6 - Melhoramento cognitivo.

As racionalidades sobre o melhoramento cognitivo circundam em todo o momento os concurreiros na Instituição educacional estudada em distintos níveis e espectros. Podem estar presentes em discursões sobre programação neurolinguísticas, nas trocas de experiências sobre técnicas de estudo e memorização, nas dicas dos

professores ou orientações dos *coach*, nas conversas dos intervalos e até nas redes sociais da Instituição educacional. Em todo lugar ou momento pode ser desencadeado alguma interação que leva a discutir condutas que auxiliem na melhora da performance dos estudos.

Em escuta dos grupos de conversas, nos corredores ou no fumódromo, nenhum pesquisado comentou ou falou sobre uso de psicofármacos para o aprimoramento cognitivo. O máximo que se permitiram, foram relatar as técnicas de estudo, memorização, o uso do tabaco para controlar a ansiedade, energéticos e café. Necessitei de semanas de convivência no curso preparatório para entender os usos e costumes das *smart drugs* associados as subjetivações do aprimoramento cognitivo. Ele está presente sim, nos *bastidores*, não acessíveis ao alcance da plateia (GOFFMAN, 2002, p.149).

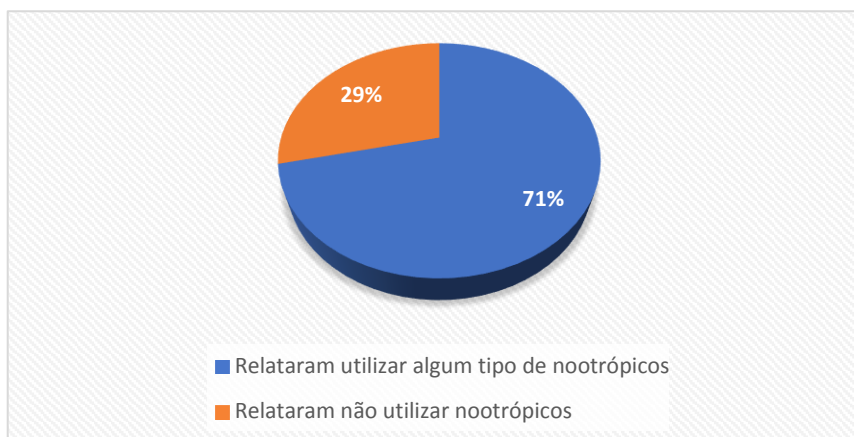
Mas, foram nas entrevistas, ainda de maneira tímida, em pequenas *rupturas de atuação*, e na tentativa de evitar transparecer *falsas impressões à plateia* através de *práticas protetoras* que o uso de psicofármacos foi citado como técnicas de aperfeiçoamento cognitivo pelos concurreseiros, conforme apresentado nos gráficos 5 e 6 (GOFFMAN, 2002, p.21).

De acordo com o gráfico 5, dos 14 entrevistados (n=100%), 4 entrevistados (n=29%) foram muitos enfáticos em negar o uso de qualquer substância nootrópica, e 10 entrevistados (n=71%) relataram utilizar algum tipo de substância nootrópica.

A partir de Goffman (2002, p. 65) é possível verificar que o *autocontrole* em não citar o uso de psicofármacos como nootrópicos pela maioria dos interlocutores durante as interações face a face, demonstra o consenso atuante nesta equipe de representação na busca de manter uma fachada idealizada, afastando da plateia de qualquer fato que possa trazer descrédito às suas performances tão valorizadas e priorizadas em seus discursos.

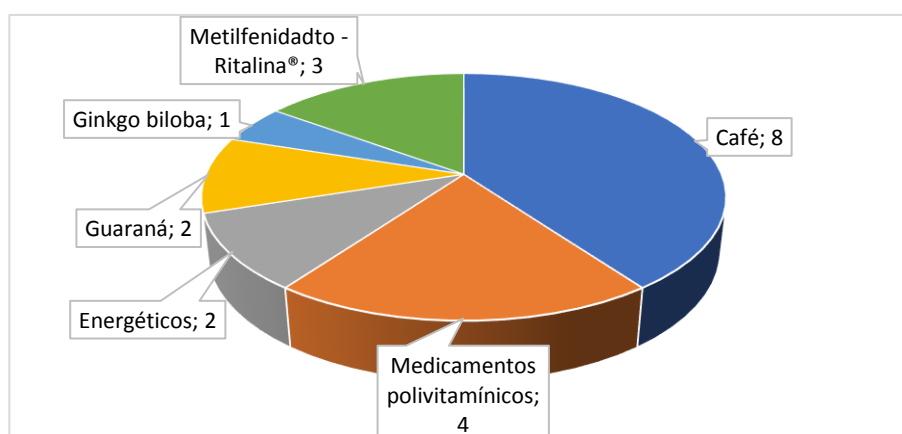
Na medida em que uma representação ressalta os valores oficiais comuns da sociedade em que se processa, podemos considerá-la, à maneira de Durkheim e Radcliffe-Brown, como uma cerimônia, um rejuvenescimento e reafirmação expressivos dos valores morais da comunidade (GOFFMAN, 2002, P.41).

Gráfico 5- usuários por uso de nootrópicos



Conforme o gráfico 6, dos 10 entrevistados ($n=71,5\%$), relatam utilizar diversas substâncias nootrópicas, a saber: 8 relataram fazer uso de café ($n=57,14\%$), 4 relataram uso de polivitamínicos ($n=28,5\%$), 2 relataram uso de energéticos ($n=14\%$) 1 relatou uso de *ginkgo biloba* ($n=7\%$), 3 entrevistados ($n=21,50\%$), relataram o uso do metilfenidato - ritalina®. Mesmo optando por não colocar no gráfico 6, vale registrar que 01 ($n=7\%$) interlocutor relatou interesse em usar metilfenidato.

Gráfico 6- Tipos de nootrópicos citados espontaneamente pelos entrevistados



Para a *plateia*, no contexto representativo goffmaniano, estão visíveis somente as orientações dos *coach* sobre alimentação saudável, sono regular e práticas desportivas frequentes. Até as dicas sobre uso de complementos vitamínicos ou condutas comportamentais dadas pelos *coach* sobre parar ou não de fumar, somente apareceram durante as interações face a face.

Percebemos um escalonamento de uma etiqueta moral/social nos discursos dos concurseiros quando falam sobre os nootrópicos/*smart drugs*. É comum citarem em diálogos abertos o consumo de alimentos contendo estimulantes como chocolates, guaraná e o café⁴⁴. Contudo, os relatos de uso de produtos fitoterápicos, como *panax*, *giseng*, *ginkgo biloba*; de complexos vitamínicos ou vitamina D ou de bebidas energéticas, como *red bull*®, só apareceram em conversas reservadas com o entrevistador ou durante as entrevistas.

Este escalonamento do discurso sobre o uso de nootrópicos/*smart drugs*, faz com que os entrevistados assumam de forma espontânea, em uma *atuação sincera* o uso de substâncias psicoativas, como café, chocolate, guaraná, energéticos e até mesmo algumas medicações psicoativas como fitoterápicos e polivitamínicos por considerarem em suas fachadas como sendo moralmente aceitos e na medida que consideram o uso de qualquer substância psicoativa como quebra de seus *decoros*, como nos casos de medicações de uso para tratamentos de Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade -TDAH e da narcolepsia, como o metilfenidato, os relatos sobre o uso foram diminuindo, desacreditados ou desaconselhados pelos entrevistados.

Segundo Goffman (2002, p. 28), os atores estão vivenciando um *ciclo de descrença*, no qual acreditam em uma fachada social de concurseiros baseadas na aparência de um decoro moral, saudável e amistoso, de sujeitos comprometidos com os estudos de forma integral que não estão subjetivados pela concorrência, e sim, pelos próprios esforços.

Contudo, na medida que tomam consciência dos editais, de suas limitadas vagas, do alto número de candidatos por vagas e pela pontuação de corte para aprovação, transitam para uma atuação mais cínica possível reprovando o uso de práticas consideradas por eles como desleais, a exemplo do uso do metilfenidato, caindo em contradições em suas narrativas ou em outras *rupturas definicionais* da representação

⁴⁴ O café, além de possuir substâncias psicoativas consideradas como smart drugs, também representa um signo importante para os concurseiros, pois transmite para a plateia uma informação social de uma prática de consumo de smart drugs *idealizada* e aceita culturalmente (GOFFMAN, 1982, p. 39). Os concurseiros do Instituto educacional estudado, independentes de serem egressos ou participantes dos cursos preparatórios presenciais, adotam como *símbolo de status* o uso de copos ou canecas de café personalizados e as expõem no intervalo, ao se servirem do café oferecido pela Instituição de forma gratuita. A estilização destes utensílios, variam de acordo com as fachadas pessoais (GOFFMAN, 1982, p. 40).

No diário de campo do dia 11/02/19, há uma anotação sobre a minha impressão sobre o uso de canecas personalizadas: "No intervalo, muitos concurseiros que descem para tomar café carregam consigo suas canecas. As canetas são de variações distintas, mas não por ser aleatórias, demonstram ter sido escolhidas como uma identidade, estilo ou passar um tipo de impressão. A Instituição oferece café e copos descartáveis para os concurseiros (DIÁRIO DE CAMPO, p. 23)."

coletiva dos concurreiros, como o discurso de que os únicos concorrentes são eles mesmos (GOFFMAN, 2002, p.21).

Durante toda a pesquisa foi possível perceber o conhecimento sobre o uso do psicofármaco metilfenidato para o aprimoramento cognitivo por todos os entrevistados (n=14, n=100%). Os relatos de fato sobre do uso de *smart drugs* como psicofármacos estimulantes do Sistema Nervoso Central - SNC, somente apareceram durante as entrevistas e mesmo assim, por 57% (n=8) dos interlocutores, que ainda fizeram uma pequena pausa antes de respondê-las (gráfico 7).

Gráfico 7- usuários por conhecimento do uso de metilfenidato - Ritalina®



Apesar de toda esta etiqueta moral/social, construída para representar um ambiente mais transparente e igualitário, livre das racionalidades da competição entre os pares, surgiram situações e, portanto, representações fora dos palcos principais e longe da plateia, captados pela observação de atuações que também demonstraram que os psicofármacos estimulantes do SNC estão presentes nas atividades da vida diária dos concurreiros. No diário de campo do dia 25/02/2019, há uma anotação de uma situação que exemplifica esta discussão:

Ocorreu um fato hoje interessante. 03 concurreiras da Polícia Civil – PC estavam conversando em tom normal para alto no corredor de entrada para a sala (+-8hs), quando uma delas começou a chamar a colega de Ritalina. Chamou a colega por pelo menos 5 vezes! Esta situação fazia parte de um contexto de amizade, não havendo, ou melhor não chamando à atenção dos demais colegas! “uma normalidade”. Após, perguntei a um concurreiro (egresso), que já havia entrevistado, que se encontrava próximo, se havia escutado o diálogo e a forma que uma concurreira chamava a outra. Ele, sem demonstrar surpresa, afirmou que sim e sorriu (DIÁRIO DE CAMPO, p.53-54).

Durante as entrevistas, sobre o aprimoramento cognitivo, 06 entrevistados (n=43%) que poderiam simplesmente responder que não faziam uso de qualquer substância

psicoativa, escolheram responder de forma insistente que não faziam uso de medicamentos psicofármacos. A resposta dos Interlocutores Jade, Ciano, Grená e Escarlante demonstram claramente o uso de *práticas defensivas* e a presença de um *ciclo de descrença* (GOFFMAN, 2002, p.28). Nestas respostas, demonstraram a aproximação das substâncias ou medicamentos moralmente aceitos pela equipe, procurando um evidente distanciamento de suas atuações com os psicofármacos considerados como falta de decoro:

Interlocutor **Jade:**

Entrevistador: Você utiliza alguma técnica, rotina, alimentos, bebidas ou medicamentos para aumentar sua capacidade cognitiva? Quais?

[...]

Jade: Eu conheço gente que já tomou ritalina, coração disparou e tudo assim, mas não recomendo e não tomaria não. Tomo café (sublinhado nosso).

Interlocutor **Ciano:**

Entrevistador: Você utiliza alguma técnica, rotina, alimentos, bebidas ou medicamentos para aumentar sua capacidade cognitiva? Quais?

[...]

Ciano: Eu basicamente para ter energia eu utilizo café e paçoca, nunca utilizei nenhum medicamento, só tomo polivitamínico (sublinhado nosso).

Interlocutor **Grená:**

Entrevistador: Você utiliza alguma técnica, rotina, alimentos, bebidas ou medicamentos para aumentar sua capacidade cognitiva? Quais?

[...]

Grená: Então técnica, a gente utiliza sempre algumas técnicas de estudo utilizadas pelos já aprovados, concurseiro consciente já tem como leitura de leis, resoluções de questões, técnica de revisão do assunto.

Em relação a rotina de alimentação, bebida, medicamento eu particularmente nunca usei nada para aumentar minha performance, conheço pessoas que fazem uso de medicamentos tipo ritalina, mais nunca cheguei a tomar, porque tenho receio e não vejo necessidade.

A única particularidade que eu tenho quando estudo e me do sono, eu compro chiclete para mascar (sublinhado nosso).

O Interlocutor Escarlante também é enfático em afirmar que a medicação que usa não necessita de receita médica e que sua composição é baseada em produtos fitoterápicos. Sabemos que qualquer medicação, inclusive os fitoterápicos necessitam de receita médica. A ênfase dada pelo interlocutor Escarlante está no fato de seu distanciamento do uso dos psicofármacos que necessitam de receita médica especial.

Interlocutor **Escarlate:**

Entrevistador: Você utiliza alguma técnica, rotina, alimentos, bebidas ou medicamentos para aumentar sua capacidade cognitiva? Quais?

[...]

Escarlate: Eu tomo toda manhã um medicamento para aprimorar a capacidade para concentração, é tipo fitoterápico, um complexo vitamínico. ele é sem prescrição médica, ele é um complexo vitamínico com ervas que fala que aumenta a capacidade de concentração.

Entrevistador: Pode informar o nome do medicamento?

Escarlate: Eu tenho ele aqui na bolsa, mais não lembro o nome dele (sublinhado nosso).

A prática do uso de metilfenidato pelos concurseiros foram identificados nos discursos de 05 Interlocutores (n=36%), Grená, Jade, Amarelo, Magenta e Bordô:

Interlocutor **Grená:**

Entrevistador: Você utiliza alguma técnica, rotina, alimentos, bebidas ou medicamentos para aumentar sua capacidade cognitiva? Quais?

[...]

Grená: [...] conheço pessoas que fazem uso de medicamentos tipo ritalina, mas nunca cheguei a tomar, porque tenho receio e não vejo necessidade.

A única particularidade que eu tenho quando estudo e me do sono, eu compro chiclete para mascar.

Interlocutor **Jade:**

Entrevistador: Você utiliza alguma técnica, rotina, alimentos, bebidas ou medicamentos para aumentar sua capacidade cognitiva? Quais?

[...]

Jade: Eu conheço gente que já tomou ritalina, coração disparou e tudo assim, mas não recomendo e não tomaria não. Tomo café Sublinhado nosso).

interlocutor **Amarelo:**

Entrevistador: Você faz uso de algum medicamento ou vitamina?

Amarelo: Eu faço, não porque acho que vai me ajudar, mais faço uso por motivos de saúde, eu tomo um complexo vitamínico, eu nunca tomei, mas o pessoal geralmente utiliza o ritalina, eu não uso porque tenho medo, ele mexe com a cabeça [...].

interlocutor **Magenta:**

Magenta: muitos concurseiros usam, mais no dia a dia eu acho que não utilizam, pois eu estava lendo a bula e existe muito efeito colateral (sublinhado nosso).

O interlocutor Bordô também demonstrou o interesse de fazer uso do metilfenidato:

Bordô: Estou muito tentado a começar, o povo fala muito da Ritalina. Falam muito da Ritalina. Dizem que tem até uma nova versão agora na Itália não tem tanto efeito colateral quanto a Ritalina

Os interlocutores Grená, Jade, Amarelo, Magenta e Bordô, afirmam de forma velada, que há uma prática do uso do metilfenidato como *smart drugs* para o aprimoramento cognitivo na equipe de representação dos concurreseiros ao mesmo tempo que tentam convencer o seu distanciamento destas práticas, vista por seus pares como falta de decoro moral.

O aparecimento de práticas defensivas ou protetoras e de representações falsas em seus discursos durante a interação face a face continuam por toda a entrevista. Estas práticas os colocam em posição de tentar manter a definição de situação da equipe de representação de concurreseiros e para isto atuam de forma a manter protegidos os *segredos indevassáveis* ou de se evitar a perda do *autocontrole* de uma impressão *idealizada* (GOFFMAN, 2002, p.132).

Isto aconteceu durante as falas dos Interlocutores Amarelo, Laranja e Magenta (n=3, n=21%) que mesmo relatando que fizeram uso do metilfenidato, responderam de forma contraditória durante as entrevistas em um discurso que pode ser considerado por uma perspectiva circunscrita por Goffman (2002, p.59) como uma representação falsa:

O interlocutor **Amarelo:**

Entrevistador: Você faz uso de algum medicamento ou vitamina?

Amarelo: Eu faço, não porque acho que vai me ajudar, mas faço uso por motivos de saúde, eu tomo um complexo vitamínico, eu nunca tomei, mas o pessoal geralmente utiliza o ritalina, eu não uso porque tenho medo, ele mexe com a cabeça.

Na verdade, eu tomei metade de um comprimido de ritalina que um amigo meu ofereceu, mas eu fiquei tão preocupado que aquilo não me fez bem, eu tomei com medo e o efeito foi contrário e depois nunca mais tomei.

Interlocutor **Laranja:**

Entrevistador: Você utiliza alguma técnica, rotina, alimentos, bebidas ou medicamentos para aumentar sua capacidade cognitiva? Quais?

[...]

Laranja: O que eu faço para aprimorar meu estudo, e manter e isenção de todas as coisas celular, qualquer tipo distração, eu preciso beber café não só porque me ajuda na concentração, mais porque se eu não tomar fico com dor

de cabeça, eu já estou em um estágio um pouquinho já viciada em café (Risos) [...]

Laranja: Eu também costumo tomar também para me deixa concentrada, mais não me deixa elétrica eu também costumo tomar um guaravita que é um refresco de guaraná, sempre que eu tomo ele me deixa acordada, porém não me deixa elétrica. O energético em mim ele causa um efeito contrário, eu gosto apenas de tomar ele por conta do gosto, porém ele me deixa um pouco tremula e eu perco muito a concentração, meu coração acelera e eu não gosto muito por conta desse efeito.

Laranja: Eu gosto de guaravita porque ele não é tão doce, e ele causa em mim esse efeito de concentração, inclusive daqui a pouco eu vou lá comprar, ele me causa esse efeito de concentração, e não me deixa tremula e nem com o coração acelerado.

Entrevistador: e medicamentos?

Laranja: Uso de medicamento, eu já usei o aquele..... (Demora para responder)

Laranja: Ritalina, eu usei duas vezes, as duas vezes que eu utilizei foi para fazer prova. Só que na primeira vez ele me causou um efeito muito melhor do que na segunda vez, já na segunda vez eu achei minha concentração um pouco mais baixa. E eu usei em tempos diferentes a primeira vez foi em 2014 e depois tomei em 2015 foi algo assim, não usei constantemente, usei em tempos diferentes, e eu não fiz mais o uso desse remédio, porque apesar de ser um remédio que auxilia na concentração e tal, ele é um remédio destinado a outros tipos de problema entendeu, que a falta de concentração necessariamente não é um tipo de problema, então não preciso ficar tomando esse tipo de remédio.

Ele é um remédio que causa uns certos efeitos da gente que eu tenho medo de me prejudicar futuramente.

Laranja: A orientação que eu tive foi o seguinte, para que você quer tomar a ritalina? Por que você não está conseguindo estudar em casa ou por que você precisa fazer uma prova? ou por que está perdendo a concentração? No meu caso era porque eu estava muito nervosa para fazer a prova, como eu estava com medo de ficar ansiosa na hora da prova, e perde a concentração conseqüentemente, eu tomei ele de manhã, eu tomei café e a ritalina, fiz o uso de ambos. Eu tomei as duas vezes da mesma forma, café e a ritalina, eu fiz o uso do medicamento para exatamente fazer a prova, para estudar em casa eu nunca utilizei.

Interlocutor Magenta:

Entrevistador: Você utiliza alguma técnica, rotina, alimentos, bebidas ou medicamentos para aumentar sua capacidade cognitiva? Quais?

[...]

Magenta: Eu não faço a utilização de medicamentos, pois eu não quero viciar em uma coisa que eu acho que eu consigo fazer sem ajuda de algum agente externo, como ritalina essas coisas.

Entrevistador: Você já usou alguma medicação?

Magenta: Sim (risos)

Magenta: Já usei ritalina na prova, porque na prova da um nervoso e um cansaço.

Magenta: muitos concurreseiros usam, mais no dia a dia eu acho que não utilizam, pois eu estava lendo a bula e existe muito efeito colateral (sublinhado nosso).

Segundo Goffman (2002), é muito comum por parte dos atores a utilização de práticas secretas com o intuito de não prejudicar as impressões tomadas pela plateia. Embora

existam papéis que coloquem os atores em posição de não ter o que esconder, sempre haverá alguma parte de suas práticas que será incapaz de ser tratada com a plateia abertamente (GOFFMAN, 2002, p.64).

O autor também afirma que como o intuito de qualquer equipe de representação é a busca da manutenção da definição de situação diante da plateia, faz com que os atores busquem desempenhar seus papéis, de forma estratégica, acentuando a comunicação de fatos que valorizem a equipe e afastando de outros que possam representar descrédito de seus desempenhos perante a plateia (GOFFMAN, 2002, p. 132).

Nesse sentido, o que leva estes atores a usar as *smart drugs*? Para Han (2017, p. 69-70), vivemos em uma sociedade ativa que multiplica seus rendimentos através do melhoramento cognitivo. Para o autor, até os cientistas mais sérios já admitem que este caminho é inevitável. Mesmo que o uso dos psicofármacos ainda seja liberado sob os critérios do poder médico, não será o bastante para impedir a transformação do sujeito em “máquina do desempenho”.

O uso de *smart drugs* para Han (2017, p.43) não passa de uma consequência da sociedade laboral cada vez mais individualizada e ativa, na qual o sujeito “é provido do ego ao ponto de dilacerar-se”. Este fenômeno nos foi apresentado por Foucault (2008a), ainda sob a gênese da racionalidade liberal que à medida que transmutava tanto por coerções quanto subjetivações cada vez mais individualizadas e mais sutis do neoliberalismo, foi levando o empreendedor de si foucaultiano para além de uma sociedade disciplinar e biopolítica, agora, encontrando-se na sociedade do desempenho.

O contra ponto está aí, a sociedade do desempenho das horas efetivas, líquidas de estudo, da concorrência dos concursos públicos, positivados e potencializados com uso de *smart drugs*, pagos com altos sacrifícios socioafetivos e subjetivados pela crença de ganhos financeiros que compensarão por todo o dispêndio de tempo e de energia, é a mesma sociedade do cansaço e do esgotamento. A mesma racionalidade que leva a concorrência ao nível da individualidade, também o leva ao cansaço solitário e ao isolamento social. Para Han (2017, p. 71) “o excesso de elevação do desempenho leva a um infarto da alma”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Durante dois anos estivemos imersos em um estudo microssociológico sobre os concurreiros que atuam de forma individualizante, exigente, proativa e acelerada, como opera o próprio modo de subjetivação encontrado na razão neoliberal que o concebeu. Um ambiente saturado de promessas e afirmações, reverberando em loop contínuo, construindo assim, justificativas que levam esses sujeitos que almejam passar em um concurso a acreditar que os fins de uma carreira pública promissora justificam os sacrifícios socioafetivos como meio para alcançá-los.

Inicialmente realizamos um estudo visando compreender as mudanças ocorridas nas últimas décadas acerca do contexto social, político e econômico, decorrentes daquilo que Foucault (2008a) chamou de racionalidade liberal para tratar do que chamou de biopolítica, estendendo-se até o neoliberalismo contemporâneo, no qual surge o sujeito que acredita que para alcançar sua emancipação financeira, seus direitos e liberdades, precisa investir em si mesmo como força enquanto capital humano.

Assim, é moldado um sujeito de interesses, um *homo oeconomicus* disciplinado que atua no controle, na obediência e na socialização de seu corpo, buscando no investimento do capital humano a sua estratégia para o que acredita ser o sucesso e o reconhecimento social na carreira pública, ou seja, ter um emprego estável e bem remunerado, se protegendo do ambiente competitivo no mercado econômico.

Além de agir como o sujeito de interesses, conforme evidenciou Foucault (2008a), o concurreiro agora também age sob a forma do sujeito do desempenho, conforme constatou Han (2017), na medida em que afirma o seu caráter positivo que amplia a sensação de liberdade e poder através da autoexploração, visando o sucesso no concurso público e sua consequente estabilidade financeira. Nesse processo de produção de poder, novos modos de subjetivação produzem novas racionalidades que não prometem somente ganhos financeiros, também prometem satisfação, felicidade e sucesso. Para Han (2017), ser positivo é mais atrativo e eficiente.

Buscando o melhor desempenho, o concurreiro hoje conta com diversas tecnologias para o aperfeiçoamento cognitivo que vão desde métodos de aprendizagem às técnicas de memorização, recorrendo até mesmo à neurolinguística. Mas, o saber

médico desenvolveu nas últimas décadas diversas substâncias psicoestimulantes, conhecidas por nootrópicos ou *smart drugs*, que se encontram em evidência entre os sujeitos do desempenho. As *smart drugs* podem ser representadas desde psicoestimulantes, conhecidos como café e o guaraná, como também podem estar relacionados aos psicofármacos utilizados para o tratamento dos Transtornos de Déficit de Atenção e Hiperatividade – TDAH (FARAH et al, 2004), por exemplo.

Diante da contextualização acerca da racionalidade neoliberal que emerge nos idos do século XX, foi possível constatar que os concurreseiros passaram não apenas a serem alvos dos modos de subjetivação decorrentes da emergência do empreendedorismo de si apresentado por Foucault (2008a), como foram modulados a aderirem a condição de sujeitos do desempenho, conforme evidenciou Han (2014). Nesse sentido, passaram a atuar como protagonistas de suas próprias sujeições, na medida em que aderiram docilmente a condição de sujeito-concorrência com o propósito de se tornarem vencedores nesse mercado altamente competitivo dos concursos públicos, potencializando os seus corpos e mentes através do consumo de *smart drugs* que os permite suportar densas rotinas de estudos.

Contudo, para que pudéssemos desenvolver uma pesquisa de campo orientada pelo método etnográfico, propusemos uma abordagem situada a partir dos escritos de Goffmanianos, sobretudo, através do livro *A representação do eu na vida cotidiana*, procurando compreender os processos de interação dos sujeitos que buscam incessantemente passar em concursos públicos, investigando o cenário de atuação desses concurreseiros que se mostrou repleto de signos, símbolos, condutas, representações, orientações, fachadas, dentre outros elementos encontrados nessa investigação.

O concurreseiro egresso, objeto de nosso estudo, é caracterizado como sujeito de interesses, disciplinado, que convive com o paradigma de decidir (por escolha e não imposição) a priorização da manutenção da performance deste papel, optando em não participar ou de abrir mão do tempo de dedicação às demais equipes de representação social.

A não participação ou mesmo as renúncias nas demais equipes sociais são tão impactantes, que é comum encontrar em suas narrativas ações preventivas e protetoras da definição de situação de sua equipe de representação de concurreseiros

egressos, na tentativa de preservação de uma fachada pessoal reconhecida pelos pares e pela própria instituição.

Para tanto, utilizaram-se de justificativas de equiparação às demais definições de situação já aceitas socialmente, na medida em que alguns concurreiros justificaram que estudar para o concurso equivale a um trabalho produtivo, portanto a uma profissão, enquanto que outros expressaram que essa condição corresponde ao investimento de tempo na produção desse capital humano, como qualquer sujeito que estuda para obter um diploma. Nesse sentido, evidenciamos que há certa necessidade da manutenção de um discurso que legitime suas atividades como concurreiros de forma a diminuir a pressão da família pela construção de sua fachada social.

Quanto a verificação acerca do perfil de concurreiros egressos, encontramos similaridades com os estudos de Castelar et al (2010), já que foi evidenciado que, em ambos os casos, tratam-se de jovens que saíram recentemente das salas de aula, possuindo maior disponibilidade de tempo, principalmente por optarem em não entrar no mercado de trabalho. Desse modo, viriam de famílias com renda elevada que garantiria o financiamento de seus estudos sob a sua condição de concurreiros, além de residirem em regiões metropolitanas e possuírem uma educação formal de qualidade (FARIA; FIGUEIREDO, 2016).

A constituição desse potencial capital humano decorrente do eventual sucesso no concurso público opera como um modo de subjetivação que condiciona o sujeito à concorrência através do investimento na educação descrito tanto por Castelar et al (2010) quanto por Faria e Figueiredo (2016). Desse modo, é possível verificar que em ambos os estudos as racionalidades e motivações que influenciam os concurreiros egresso são as mesmas encontradas na investigação aqui apresentada, já que dos 14 interlocutores (n=100%), 64% são jovens entre 23 e 34 anos, 78,5% são solteiros, todos possuem diploma de nível superior (n=100%) nos últimos 5 anos, todos residem na Região Metropolitana da Grande Vitória/ES (n=100%), 64,30% possuem renda familiar superior a 5 salários mínimos e 86% optaram por não entrar no mercado de trabalho, mesmo já qualificados.

Não obstante, é importante mencionar que concurreiros submetem-se a constantes subjetivações vindas de distintos espaços e interações enquanto empreendedores de

si que se apresentam muitas das vezes sob influências motivacionais e promessas de sucesso, incidindo ainda mais intensamente na manutenção de suas definições de situação como concurseiros egressos através de estratégias que visam a produção destes enquanto sujeitos de sucesso, com ganhos financeiros altos e estabilidade no emprego, além dos demais privilégios decorrentes das carreiras públicas.

Não podemos deixar evidenciar a importância da família nas escolhas acerca dos concursos. Em nosso estudo, 86% dos interlocutores pesquisados informaram que optaram por não entrar no mercado de trabalho. Este fato demonstra como é sólido o apoio familiar em seus objetivos, haja vista que estes interlocutores ainda residem com seus familiares enquanto estudam por longos anos. Goffman (2002, p.76) explica que os jovens aprendem a assumir os papéis projetados e alimentados em sua equipe de representação familiar. Este também é um dos fatores que levam os concurseiros a uma maior cobrança de si mesmo.

Durante a pesquisa de campo, verificamos que os interlocutores acreditam que o trabalho na iniciativa privada se caracteriza pela precarização e instabilidade, além de reconhecerem também a pressão existente nesse tipo de emprego em decorrência da concorrência de profissionais bastante capacitados. Nesse sentido, há um certo receio em atuar na iniciativa privada, tendo em vista a instabilidade, bem como também recusam a ideia de se submeterem a um patrão que cobra muita dedicação do empregado. Assim, sob a promessa de conquistar os privilégios resultantes da atuação na carreira pública através do concurso que garantiria altos salários e estabilidade no emprego, esses sujeitos optam pelo empreendedorismo de si enquanto concurseiros, visando o tão almejado sucesso. Estes modos de subjetivação motivam os jovens formados e eventuais neófitos no mercado de trabalho de suas respectivas áreas a optarem por procurar os cursos preparatórios e a se dedicarem integralmente aos estudos, postergando o início de suas atividades laborais.

Já os participantes das equipes de representação de concurseiros também estão submetidos aos modos de subjetivação encontrados nos cursos preparatórios e nas suas relações interpessoais bem como nas relações de poder-saber decorrentes das interações com os demais sujeitos que atuam nas equipes de representação como os professores e os coach.

Os concurreiros egressos, por se considerarem possuidores de maior experiência nos estudos para concursos públicos, devido ao longo tempo de preparação e dedicação aos estudos, buscam nos próprios colegas, sejam da própria equipe de representação ou de apoio, um intercâmbio acerca dos métodos e técnicas de estudo, bem como de materiais instrucionais, principalmente com os concurreiros que já foram aprovados ou que se encontram bem qualificados. É desta forma que os coach atuam, como atores de sucesso que retornam temporariamente à equipe de representação como consultores e colegas.

Os modos de subjetivação podem ocorrer em camadas mais profundas na medida que são mensurados os sucessos de cada coach pela equipe de representação dos concurreiros egressos. Assim, um concurreiro egresso que se classifica em uma prova de concursos e ainda não foi chamado, possui maior influência do que os demais integrantes do grupo, atuando com “dicas” e “macetes”. Da mesma forma acontecem com os coach, que possuem um histórico de aprovações e, dependendo do seu histórico de sucesso, podem até ser reconhecidos por outras equipes em outros espaços de organização social utilizados pelos demais concurreiros.

Em nossos estudos também diferenciamos as fachadas pessoais dos professores e dos coach, conhecidos como os consultores nos concursos. Enquanto os coach atuam como colegas, inclusive nos bastidores, através de consultas individualizadas e com orientações para a auto organização de estudos, os professores atuam como especialistas em treinamento no palco principal, ou seja, nas salas de aulas através de aulas expositivas sobre os conteúdos contidos nos editais.

Seja no cenário das salas de aula, seja nos bastidores, ou nos sítios das redes sociais, o poder disciplinar é produzido e atuante em todos os momentos de interação entre todos os participantes. É relevante evidenciar o papel importante do curso preparatório nas produções de poder-saber e nas legitimações destas práticas que almejam um corpo treinado e preparado para ter sucesso em um concurso público através das técnicas compartilhadas por aqueles que já se encontram na condição tão almejada pelos concurreiros.

O curso preparatório, como organização social, atua de forma a promover a uniformização das práticas de subjetivações, contribuindo para a formação dos consensos operacionais. Como exemplo destas práticas temos ao estímulo à

valorização da dedicação do tempo de estudos diários, priorização das atividades de concurreiros em detrimento a outras práticas sociais ou afetivas, mudanças comportamentais, alimentares e de práticas desportivas, sempre voltadas para ganho de performance nos estudos e assertivas motivacionais, sempre valorizando os ganhos do tão aguardado sucesso.

As relações de poder produzidas durante as interações entre os concurreiros com os coach, que temporariamente assumem papéis de liderança aceita, são legitimados pela organização social do curso preparatório em um processo de consenso coletivo e apoio institucional, construindo de forma sinérgica e por cooperação os estreitamentos de seus vínculos, compromissos e adesão.

À medida que constroem seus vínculos, eles vão sendo fortalecidos no processo de construção dos limites de confiança que são estabelecidos e acrescidos pelo ganho de prestígio e reputação, tanto pelos altos padrões de qualidade de seus coach e professores, quanto pelos prêmios conquistados pelo próprio curso preparatório. Estes compromissos e engajamentos que muitas vezes se confluem pelo fato dos objetivos pessoais e do curso preparatório serem semelhantes, retroalimentam os processos de subjetivação e motivação influenciando ainda mais os concurreiros.

Diante dos modos de subjetivação vivenciados continuamente pelos concurreiros egressos é possível verificar que são levados a uma dura rotina de estudos, buscando apoio no melhoramento cognitivo através de técnicas de aprendizagem e memorização ou por meio do uso de *smart drugs*. Assim, apesar de ainda haver uma cortina que esconde as práticas do aprimoramento cognitivo, elas estão lá, nos bastidores, presentes nas vidas de todos os sujeitos do desempenho, embora haja certo constrangimento em reconhecer o uso dessas substâncias, tendo em vista que esse tipo de escolha pode contribuir para a constituição de uma identidade negativa, já que moralmente esse consumo é recusado.

Segundo Han (2017, p.69-70), estamos vivenciando uma sociedade, proativa, autorregulamentada e que multiplica seus ganhos financeiros no emprego do capital humano, investindo na educação, também por meio do melhoramento cognitivo. Para o autor o uso de nootrópicos é consequência de uma sociedade que foi levada a uma concorrência individual em um mercado composto de poucos empregos que ainda não foram precarizados.

É importante entendermos que as racionalidades traduzidas por meio de sentimentos negativos por estes jovens como o “temor” do trabalho na iniciativa privada, além da insegurança da estabilidade regulado pela concorrência, é produzido pelas mesmas forças racionais do neoliberalismo que subjetivam os concurseiros através de sentimentos positivos na busca pelos escassos empregos nas carreiras públicas, levando-os às mesmas dinâmicas concorrenciais que individualizam e agora auto exploram. É esta a dinâmica do poder inteligente apresentado por Han (2014) no contexto das psicopolíticas.

Faz-se necessário estudos mais aprofundados sobre estes sujeitos do desempenho e suas possíveis consequências decorrente à exposição prolongada dos esforços físicos e mentais, agravados pelo uso das *smart drugs* e por sua consequente condição de autoexploração, no qual já se encontram nos limites do cansaço e do esgotamento.

Para finalizar essa dissertação, apontamos outro objeto relevante para o desenvolvimento de futuras pesquisas microssociológicas sobre os concurseiros que não foi possível tratar nessa investigação. Essa sugestão propõe uma análise a partir dos papéis das organizações sociais dos cursos preparatórios no contexto ciberespacial, já que há um crescimento dessas atividades da modalidade online. Desse modo, essa pesquisa se encerra abrindo a possibilidade para novas investigações acerca desse campo que envolve a produção do sujeito e suas motivações no ingresso e seleção do mercado de trabalho a partir da condição de sujeito-concorrência e sua relação com os concursos públicos instrumentalizados supostamente pela meritocracia, mesmo reconhecendo que a maior parte dos concurseiros tem condições de optarem pelo investimento em sua condição de capital humano através de recursos oriundos de suas famílias.

REFERÊNCIAS

ABRA SUA CONTA NO BB. Banco do Brasil. **Youtube**. 15 jun. 2019. 30s. Disponível em

<<https://www.youtube.com/watch?v=uV3SD1ZQFJg&list=PLhnExfBbbmAQhRikKhg90UfrNvX0f6bmP&index=5>>. Acesso em 11 ago. 2019.

AMOSSY, R. Da noção retórica de ethos à análise do discurso. In: AMOSSY, R. (Org.). **Imagens de si no discurso: a construção do ethos**. São Paulo: Contexto. p. 9-28, 2005.

ANDERSON, P. **Balanco do neoliberalismo**. In: **SADER, Emir & GENTILI, Pablo (orgs.) Pós-neoliberalismo: as políticas sociais e o Estado democrático**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995. Disponível em <<http://www.unirio.br/unirio/cchs/ess/Members/giselle.souza/politica-social-ii/texto-1-balanco-do-neoliberalismo-anderson>>. Acesso em 28 ago. 2019.

ANDRADE, D.; OTA, N. K. Uma alternativa ao neoliberalismo: Entrevista com Pierre Dardot e Christian Laval. **Tempo sociologia**, São Paulo, v. 27, n. 1, p. 275-316, 2015. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20702015000100275> Acessado em 10 mai. 2019.

ANTUNES, R. **Introdução**. In **I. Mészáros. A crise estrutural do capital**. São Paulo: Bom tempo Editorial, 2009.

ANDRADE, D. P. Neoliberalismo: crise econômica, crise de representatividade democrática e reforço de governamentalidade. **Novos estudos CEBRAP**, São Paulo, v. 38, n. 1, abr. 2019. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-33002019000100007&lng=en&nrm=iso>. Acessado em 17 de ago. de 2019.

ALBRECHT, P. A. T.; KRAWULSKI, E. Concurseiros e a busca por um emprego estável: reflexões sobre os motivos de ingresso no serviço público. **Cad. psicol. soc. trab**, São Paulo, v. 14, n. 2, p. 211-226, dez. 2011. Disponível em

<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-37172011000200005&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 02 mai. 2019.

ARENDT, H. **As origens do totalitarismo**. São Paulo: Companhia de bolso, 2013.

ARENDT, H. **A condição humana**. 10. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

BABCOCK, Q.; BYRNE, T. Student perceptions of methylphenidate abuse at a public liberal. arts college. **Jounal of America College Health**, 2000. Disponível em <<https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/07448480009596296> >. acesso em 21 de ago. 2019.

BACHUR, J. P. Individualismo, liberalismo e filosofia da história. São Paulo: **Lua Nova**, n. 66, p. 167-203, 2006. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-64452006000100008&lng=en&nrm=iso>. acesso em 01 de mai. 2019.

BARROS, D.; ORTEGA, F. Metilfenidato e aprimoramento cognitivo farmacológico: representações sociais de universitários. São Paulo: **Saude soc**, v. 20, n. 2, p. 350-362, junho de 2011. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12902011000200008&lng=en&nrm=iso>. acesso em 14 de mar. de 2019.

BATISTA, J. L. C.; GUIMARÃES, J. R. A. A gestão do trabalho, do homem e da vida a partir do pensamento de Michel Foucault. **Kinesis**, v. 1, n.2, 2009. Disponível em <<https://www.marilia.unesp.br/Home/RevistasEletronicas/Kinesis/Artigo09.Jorge.Luiz.pdf>>. acesso em 11 de ago. de 2019.

BATISTELA, S. et al. Methylphenidate as a cognitive enhancer in healthy young people. **Dement. neuropsychol**, São Paulo, v. 10, n. 2, 2016 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1980-57642016000200134&lng=en&nrm=iso>. Acessado em 21 ago. 2019.

BECKER, H. **Falando de Sociedade: ensaios sobre as diferentes maneiras de representar o social**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.

BECKER, H. **Outsiders. Estudos de sociologia do desvio**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BERARDI, F. **La fábrica de la infelicidad: nuevas formas de trabajo y movimiento global**. Trad. de Patrícia Amigo Leatxe e Manuel Aguilar Hendrickson. Madrid: Traficantes de Sueños, 2003.

BIRMAN, J. I. A biopolítica na genealogia da psicanálise: da salvação à cura. Rio de Janeiro: **Hist. cienc. saude-Manguinhos**, v. 14, n. 2, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702007000200008&lng=en&nrm=iso>. Acessado em 28 ago. 2019.

BONTEMPO, V. L. Sociedade do Cansaço. Belo Horizonte: **Sapere saude**, v. 9, n. 17, 2018. Disponível em <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/SapereAude/article/view/17171/13419>>. acesso em 30 de abr. 2019.

BRASIL, Governo Federal. **Decreto nº 9725 de 12 de março de 2019a**. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil. Poder Executivo, Brasília, DF, 14 de Março de 2019.

BRASIL, Governo Federal. **Decreto nº 9739 de 28 de março de 2019b**. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil. Poder Executivo, Brasília, DF, 29 de Março de 2019.

BRAGA, J. C. DE S. A financeirização da riqueza: a macroestrutura financeira e a nova dinâmica dos capitalismo centrais. **Economia e Sociedade**, v. 2, n. 1, p. 25-57, 11 fev. 2016. Disponível em <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/ecos/article/view/8643298/10823>> Acessado em 14 de ago. de 2019.

BRUNO, M. I. Financeirização e crescimento econômico: o caso do Brasil. Campinas: **ComCiência**, n. 128, 2011. Disponível em <http://comciencia.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-76542011000400009&lng=es&nrm=iso>. Acessado em 13 ago. 2019.

CAMPOS R. S; CAMPOS S.S. Neoliberalismo e dependência na América Latina **Espacio Abierto**, vol. 23, núm. 1, 2014, disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=12230102003>> acessado em 12 abr. 2019.

CANDIOTTO, C. NEOLIBERALISMO E DEMOCRACIA. Princípios: **Revista de Filosofia (UFRN)**, v. 19, n. 32, 2015. disponível em: <<https://periodicos.ufrn.br/principios/article/view/7568>> acessado em 12 abr. 2019.

CASTELAR, I. et al. Uma análise dos determinantes do desempenho no concurso público. Ribeirão Preto: **Econ. Apl.**, v. 14, n. 1, p. 81-98, 2010. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-80502010000100006&lng=en&nrm=iso>. acesso em 14 de jan. de 2020.

CHIESA, A.; CALATI, R. SERRETI, A. Does mindfulness training improve cognitive abilities? A Systematic review of neuropsychological findings. **Clin psychol Ver.** 2011. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S027273581000173X?via%3Dihub> , Acessado em: 21 de ago. de 2019

COSTA, S. S. G. Governamentalidade neoliberal, teoria do capital humano e empreendedorismo. Porto Alegre: **Educação e Realidade**, v. 34, n. 2, 2009. Disponível em: < <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/8299/5537> />. Acesso em: 21 mar. 2019

CORBANEZI, E. R. **Saúde mental e depressão: a função política de concepções científicas contemporâneas**. Tese (Doutorado em Sociologia). IFCH, Universidade de Campinas, 2015. Disponível em <http://taurus.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/281176/1/Corbanezi_EltonRogerio_D.pdf> Acessado em: 24 de ago. 2019.

CORBANEZI, E. Sociedade do Cansaço. São Paulo: **Tempo soc**, v. 30, n. 3, 2018. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20702018000300335&lng=en&nrm=iso>. acesso em 01 de mai. 2019.

COUTINHO, M. C.; KRAWULSKI, E.; SOARES, D. H. P. Identidade e trabalho na contemporaneidade: repensando articulações possíveis. Porto Alegre: **Psicol Soc**, v.

19, n. spe, 2007. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822007000400006&lng=en&nrm=iso>. acesso em 02 de maio de 2019.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O que é a Filosofia?** Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992

DAMIAO, A. P.; FELIX, S. A. Modernidade e globalização neoliberal: a "nova" condição do trabalho e dos trabalhadores no contexto da mentalidade de curto prazo. São Paulo: **Cad. psicol. soc. trab.** v. 16, n. 2, 2013. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-37172013000200006&lng=pt&nrm=iso>. acesso em 10 ago. 2019.

DANNER, F. **Biopolítica e Liberalismo: a crítica da racionalidade política em Michel Foucault.** Tese apresentada na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS Faculdade de Filosofia e Ciências humanas – FFCH Programa de Pós-graduação em Filosofia para obtenção do grau de Doutor. Porto Alegre, 2011. Disponível em <<http://tede2.pucrs.br/tede2/bitstream/tede/2874/1/433623.pdf>> Acessado em 01 de ago. 2019.

DENZIN, N. K. e LINCOLN, Y. S. **Introdução: a disciplina e a prática da pesquisa qualitativa.** In: DENZIN, N. K. e LINCOLN, Y. S. (Orgs.). O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

DILLER, L. H. The run on ritalin, attention deficit disorder and stimulant treatment in the 1990s. **Hastings Center Report**, v.6 n.2. 1996. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/3528571?seq=1#page_scan_tab_contents>, Acessado em: 21 de ago. de 2019

DOCTUM EAD. Três Comunicação 360. **Youtube.** 16 mar. 2016. 17s. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=BaZIZgkN10k>>. Acesso em 11 ago. 2019.

DUGLAS, W. **Como passar em provas e concursos: tudo o que você precisa saber e nunca teve a quem perguntar.** Rio de Janeiro: Elsevier, 22. ed. 2008.

DOWBOR, L. **A era do capital improdutivo – a nova arquitetura do poder: dominação financeira, sequestro da democracia e destruição do planeta**. São Paulo: Outras Palavras & Autonomia Literária, 2017.

ESHER, A.; COUTINHO, T. Uso racional de medicamentos, pharmaceuticalização e usos do metilfenidato. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro:, v. 22, n. 8, 2017 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232017002802571&lng=en&nrm=iso>. Acessado em 24 Ago. 2019.

FARAH, S.F. et al. Cognitive enhancement. **Wires cogn sci**, v.5, 2014. Disponível em: <<https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1002/wcs.1250>>, Acessado em: 21 de ago. de 2019

FARAH, S. F. et al. Enhancement neurocognitive: what can we do and what should we do? **Nature reviews neuroscience**, v.5. 2004. Disponível em: <<https://www.nature.com/articles/nrn1390>>, Acessado em: 21 de ago. de 2019.

FARIA, A. R. ; FIGUEIREDO, E. H. L. . Uma Análise da Reserva de Vagas em Concursos Públicos Federais. **REVISTA DE DIREITOS HUMANOS FUNDAMENTAIS**, n.2. v. 2, p. 203-219, 2016. Disponível em <http://www.mpsp.mp.br/portal/page/portal/documentacao_e_divulgacao/doc_biblioteca/bibli_servicos_produtos/bibli_boletim/bibli_bol_2006/fieo10.pdf>. acessos em 15 jan. 2019.

FATTORELLI, M. L. **Sistema da dívida pública: entenda como você é roubado**. In: **SOUZA, J.; VALIM R. (Coordenadores.) Resgatar o Brasil**. São Paulo: contracorrente/Boi no tempo, 2018. Versão Kindle.

FERREIRA, A. B. H. **Novo Aurélio século XXI: dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FEIJO, R. L. C. A nova disciplina de sistemas econômicos comparados: uma proposta. São Paulo: **Rev. Econ. Polit.** v. 28, n. 1, p. 116-135, 2008. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31572008000100006&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 15 jan. 2019.

FONTENELLE, I. A. Uma empresa de auto-suficiência humana se torna capital ?. Salvador: **Órgão. Soc.** v. 14, n. 43, 2007. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-92302007000400004&lng=en&nrm=iso>. acesso em 22 de março de 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/S1984-92302007000400004>.

FOUCAULT, M. **Em defesa da sociedade**. Curso no Collège de France (1975-1976). São Paulo: Martins Fontes, 2005.

FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder**. Organização, introdução e revisão técnica de Renato Machado. 13 ed. São Paulo: Graal, 1998.

FOUCAULT, M. **Nascimento da Biopolítica**: curso dado no Collège de France (1977-1978). São Paulo: Martins Fontes, 2008a.

FOUCAULT, M. **Segurança, território, população**: curso dado no Collège de France (1977-1978). Tradução Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008b.

FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir**. 20. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1987.

FOUCAULT, Michel. Crise da medicina ou crise da antimedicina. São Paulo: **Verve**, n.18. 2010. Disponível em: < <https://revistas.pucsp.br/verve/article/view/8646/6432>>, Acessado em: 17 de ago. 2019.

FRIEDMAN, M. **Capitalismo e liberdade**. Rio de Janeiro: LTC, 2016

GASTALDO, E. Goffman e as relações de poder na vida cotidiana. São Paulo: **Rev. bras. Ci. Soc.** v. 23, n.68, 2008. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092008000300013&lng=en&nrm=iso&tlng=pt>, Acessado em: 17 de fev. 2020.

GAZETA DO POVO. Curitiba: **grpcom** [2019] "As boas notícias dos "superministérios". Disponível em: < <https://www.gazetadopovo.com.br/opiniao/editoriais/as-boas-noticias-dos-superministerios-660drwiinily2e56pj7t5tpb5/>>. Acesso em: 22 março 2019.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 06. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOFFMAN, E. **A Representação do Eu na Vida Cotidiana**. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

GOFFMAN, E. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

GOFFMAN, E. **Manicômios, prisões e conventos**. São Paulo: Perspectiva, 1974.

GREENWOOD, E. Métodos de Investigação Empírica em Sociologia. Lisboa - Portugal, **Análise Social**, v. 3, n. 11, 313-345. Disponível em <http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1224164262K2IAE9wd1Ui39AM8.pdf> acessado em 14 jan. 2020.

GUARESCHI, N. M. F.; ADEGAS, M. A; LARA, L. Políticas Públicas Entre o Sujeito de Direitos e o *Homo oeconomicus*. Porto Alegre: **Psico**, V. 41, n. 3, 2010. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/revistapsico/ojs/index.php/revistapsico/article/viewFile/8163/5854>, acessado em 10 jun. 2019.

GUATTARI, F.; ROLNIK, S. **Micropolítica: cartografias do desejo**. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

HAYEK, F. A. **O caminho da servidão**. 4. ed. Rio de Janeiro: Instituto Liberal, 1987,

HAN, B. **Sociedade do cansaço**. 1.ed, Petrópolis: Vozes, 2017

HAN, B. **Psicopolítica: neoliberalismo y nuevas técnicas de poder**. 1.ed Barcelona: Herder. 2014.

HAMANN, H T. Neoliberalismo, governamentalidade e ética. **ECOPOLÍTICA**, [S.I.], n. 3, set. 2012. ISSN 2316-2600. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/ecopolitica/article/view/12910>. Acesso em: 22 março 2019.

IBARRA, D. O neoliberalismo na América Latina. São Paulo: **Revista Economia Política**, v. 31, n. 2, p. 238-248, junho de 2011. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31572011000200004&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 10 de ago. de 2019.

KELNIAR V. C.; LOPES J. L.; PONTILI, R. M. A teoria do capital humano: revisitando conceitos. **VIII Encontro da Produção Científica e Tecnológica**. ,2013. Disponível em: http://www.fecilcam.br/nupem/anais_viii_epct/PDF/TRABALHOS-COMPLETO/Anais-CSA/ECONOMICAS/05-Vckelniartrabalhocompleto.pdf Acessado em 10 mai. 2019.

KOTLER, P. KELLER, K. L. **Administração de marketing**. 14a edição. São Paulo: Pearson Education, 2012.

LAZZARATO, M. **O governo das desigualdades: crítica da insegurança neoliberal**. São Carlos: EdUFSCar, 2011.

LEME, A. A. Neoliberalismo, globalização e reformas do estado: reflexões acerca da temática. Santa Cruz do Sul: **Barbaroi**, n. 32, p. 114-138, jun. 2010 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-65782010000100008&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 30 abr. 2019.

LUZ, L. Del P.; SILVA, C. M. Prática de estudo em cursos de seleção para emprego público. Rio de Janeiro: **Fractal, Revista Psicologia**, v. 20, n. 1, 2008. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-02922008000100025&lng=en&nrm=iso>. acesso em 29 de abr. de 2019

LOPEZ-RUIZ, O. Uma técnica como capital e o capital humano genético. São Paulo :**Novos estud.** - CEBRAP , , n. 80, p. 127-139, mar. 2008. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-33002008000100009&lng=en&nrm=iso>. acesso em 29 de abril de 2019.

MAGALHÃES, F. H. G. Tecnologias Cognitivas: Uma Abordagem Geral. In: **4° SEMINÁRIO INTERNO DE COGNIÇÃO ARTIFICIAL - SICA 2014 - FEEC - UNICAMP**, 4, 2014, Campinas: Faculdade de Engenharia Elétrica e Computação. Campinas, 2014. v. 1. Disponível em: <

<http://www.dca.fee.unicamp.br/~gudwin/courses/IA889/2014/IA889-04.pdf>> acessado em 21 ago. 2019.

MAGNANI, J. G. C. A antropologia urbana e os desafios da metrópole. **Tempo soc.** São Paulo: v. 15, n. 1, p. 81-95, 2003. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20702003000100005&lng=en&nrm=iso>. acessado em 23 dez 2019.

MAGNANI, J.G.C. De perto e de dentro: nota para uma etnografia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 17, n. 49, p. 11-29, 2002. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v17n49/a02v1749.pdf>>. acessado em 23 dez 2019.

MALINOWSKI, B. **Argonautas do pacífico ocidental**. 1. ed. São Paulo: Ubu Editora, 2018. Versão Kindle, local 724,840.

MATOS, S. T. S. Conceitos primeiros de neoliberalismo. **Revista Mediações**, v.13, n.1-2, p.192-213, 2008. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/view/3314/2716>> acessado em 10 mai. 2019.

MATTOS, C.L.G. **A abordagem etnográfica na investigação científica**. In MATTOS, C.L.G.; CASTRO, P.A., orgs. Etnografia e educação: conceitos e usos [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2011. pp. 49-83. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/view/3314/2716>> acessado em 15 mai. 2019.

MARTINS, P. H. A sociologia de Marcel Mauss: dádiva, simbolismo e associação. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. 73, 2005. Disponível em: <<https://journals.openedition.org/rccs/954>> acessado em 31 ago. 2019.

MARTINS, P. H. O ensaio sobre o dom de Marcel Mauss: um texto pioneiro da crítica decolonial. Porto Alegre: **Sociologias**, v. 36, n. 16, 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/soc/v16n36/1517-4522-soc-16-36-0022.pdf>> acessado em 28 ago. 2019.

MELO, S. L.; BORGES, L.O. A transição da universidade ao mercado de trabalho na ótica do jovem. *Psicol. Brasília: cienc. prof.* v. 27, n. 3, 2007. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932007000300002&lng=en&nrm=iso>. Acessado em 14 jan. 2020.

MONTES, R. O laço de Paulo Guedes com os 'Chicago boys' do Chile de Pinochet. *El País* 2018. Disponível em <https://brasil.elpais.com/brasil/2018/10/30/politica/1540925012_110097.html>. Acessado em 26 de mar de 2019.

MORGAN, H. L. et al. Consumo de Estimulantes Cerebrais por Estudantes de Medicina de uma Universidade do Extremo Sul do Brasil: Prevalência, Motivação e Efeitos Percebidos. Rio de Janeiro: *Rev. bras. educ. med.* v. 41, n. 1, 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-55022017000100102&script=sci_abstract&tlng=pt> acessado em 28 mai. 2019.

NILO, T. Alguns apontamentos sobre a governamentalidade liberal e/ou neoliberal a partir de Michel Foucault. *Revista Kinesis*, v. 2 n.3, abr 2010. disponível em: <https://www.marilia.unesp.br/Home/RevistasEletronicas/Kinesis/25_TiagoNilo.pdf> acessado em 12 abr 2019

O MELHOR DEBATE QUE VOCÊ VAI VER HOJE SOBRE BETTINA RUDOLPH, A JOVEM MILIONÁRIA DE 22 ANOS. Morning Show. **Youtube**. 18 mar. 2019. 14m52s. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=_RFVpWCKBFI>. Acesso em 14 ago. 2019.

ORBEM, J.V. A Construção Sociojurídica da Pejotização e o Espírito do Capitalismo. **Dissertação de Mestrado em Sociologia**. Universidade Federal de Pelotas, 2015. Disponível em: <<https://wp.ufpel.edu.br/ppgs/files/2015/03/Disserta%C3%A7%C3%A3o-2015-Juliani-Veronezi-Orbem.pdf>>. Acessado em 11 de ago. 2019.

OLIVEIRA, F. Ser negro no Brasil: alcances e limites. São Paulo: **Estud. av.** v. 18, n. 50. 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142004000100006&lng=en&nrm=iso>. Acessado em 16 de janeiro de 2020.

OLIVEIRA, S. C. de; MACHADO, C. V.; HEIN, A. A. Reformas da Previdência Social no Chile: edições para o Brasil. **Cafajeste. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 35, n. 5, 2019. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2019000600301>. Acessado em 11 fev. 2020.

OLIVEIRA-SILVA, L. C. et al. Desvendando o Coaching: uma Revisão sob a Ótica da Psicologia. **Psicol. cienc. prof.** Brasília, v. 38, n. 2, 2018 Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1414-98932018000200363&lng=en&nrm=iso&tlng=pt> Acessado em 22 de fev. 2020.

PEPLAU, H. E. **Interpersonal relations in Nursing: a conceptual frame of references for psychodynamic nursing**. Kingdon: MacMillan Educación, 1988

PORTUGAL, F. B. et al . Uso de drogas por estudantes de Farmácia da Universidade Federal do Espírito Santo. Rio de Janeiro: **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, v. 57, n. 2, 2008. disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0047-20852008000200008&lng=en&nrm=iso>. acessado em 25 Mar. 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/S0047-20852008000200008>.

POCHMAN, M. Ajuste econômico e desemprego recente no Brasil metropolitano. São Paulo: **Estud. av**, v.9, n. 85, dez. 2015. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142015000300002&lng=en&nrm=iso>. acessado em 30 de ago. 2019.

PREFEITURA MUNICIPAL DE VITÓRIA. **Vitória bairro a bairro**. 2013. Disponível em: <http://legado.vitoria.es.gov.br/regionais/geral/publicacoes/Vitoria_bairro_bairro/Vit%C3%B3ria_bairro_%20a_bairro.pdf> Acessado em 15 da jan. 2019.

REVISTA ISTO É. São Paulo: **Editora Três** [2019] "Economia: Caso Bettina: Procon multa Empiricus". Disponível em: < <https://istoe.com.br/procon-multa-empiricus-em-ate-r-9-milhoes/>>. Acesso em: 14 de ago. 2019.

ROCHA, P. R.; DAVID, H. M. S. L. Padrão de consumo de álcool e outras drogas entre profissionais de saúde: retrato de alunos de cursos lato sensu de uma instituição pública. Ribeirão Preto: SMAD, **Rev. Eletrônica Saúde Mental Álcool Drog.** v. 11, n. 1, mar. 2015. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-69762015000100007&lng=pt&nrm=iso>. acessado em 30 ago. 2019.

ROCHA, A. L. C. da; ECKERT, C. Etnografia: saberes e práticas. Port Alegre: **Iluminuras Revista Eletrônica do BIEV/PPGAS/UFRGS**, v.9, n.21, 2008. Disponível <em: <http://seer.ufrgs.br/iluminuras/article/view/9301>> Acessado em: 22 de dez.. 2019.

RODRIGUES JÚNIOR, A. S. Metodologia sócio-interacionista em pesquisa com professores de línguas: revisitando Goffman. **Revista Linguagem e Ensino**, v. 8, n. 1, p. 123-148, jan./jun. 2005. Disponível em: <<http://revistas.ucpel.tche.br/index.php/rle/article/viewFile/199/166>>. Acesso em: 14 jan. 2020.

ROSA, O, P. **Drogas e a governamentalidade neoliberal: uma genealogia da redução de danos.** Editora insular, 2014.

ROSA, O, P. **Rock Underground: Uma etnografia do Rock Alternativo.** São Paulo, SP: Radical Livros, 2007.

ROSA, P. O; PUZIO. M. Governamentalizando o empreendedorismo de si: Como as “psico-ciências” fomentam a produção do homo oeconomicus. In: **XVI Congresso Brasileiro de Sociologia. A Sociologia como artesanato intelectual.** 2013, Salvador. Anais. Salvador: UFBA, 2013a. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/scpllr/article/view/64760/37688>>. Acesso em: 17 abr. 2019.

ROSA, P. O; PUZIO, M. A Nova Economia Política do corpo: poder, saúde e cuidado na era da governamentalidade neoliberal. **Pensamento Plural** (UFPEL), v. 13, 2013b. Disponível em: <<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/pensamentoplural/article/view/3188>>. Acesso em: 21 ago. 2019.

ROSSITO, A. R.; FERRAZA, D. DE A. Os destinos do desejo e as novas formas de subjetivação. Carlópolis: **Estudos contemporâneos da subjetividade**, v. 3, n.1, 2013. Disponível em: <<http://www.periodicoshumanas.uff.br/ecos/article/view/1097>>. Acesso em: 28 ago. 2019.

SANT'ANA, R. B. A implicação do pesquisador na pesquisa interacionista na escola. **Psicol. Ver.** Belo Horizonte, v. 16, n. 2, p. 370-387, ago. 2010. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682010000200009&lng=pt&nrm=iso>. Acessado em 20 dez. 2019.

SANTOS, L. M. M. O papel da família e dos pares na escolha profissional. **Psicol. estud. Maringá**, v. 10, n. 1, 2005. Disponível em (http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722005000100008&lng=en&nrm=iso&tlng=pt) Acessado em 20 fev. 2020.

SCHNYDER, G.; SIEMS M. The Ordoliberal Variety of Neoliberalism. In: KONZELMANN, S; FOVARGUE-DAVIES, M. **The Faces of Liberal Capitalism: Banking Systems in Crisis**. London 2012.

SOARES, D. H. P.; SESTREN, G. Projeto profissional: o redimensionamento da carreira em tempos de privatização. **Psicol. Soc. Porto Alegre**, v. 19, n. spe, , 2007 Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822007000400010 Acessado em 20 fev. 2020.

SILVA, M. M. O trabalho para os jovens diplomados no novo modelo de acumulaçãocapitalista. Florianópolis: **Perspectiva**, v. 22, n. 2, p. 405-424, jan. 2004. ISSN 2175-795X. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/9651>>. Acesso em: 02 maio 2019.

SILVA, R. N. **A invenção da Psicologia Social**. Petrópolis: Vozes, 2005.

SILVEIRA, R. R. et al. Patterns of non-medical use of methylphenidate among 5th and 6th year students in a medical school in southern Brazil. , Porto Alegre: **Trends Psychiatry Psychother**, v.36, n.2, p.101-106, junho 2014

SIMMEL, G. **A metrópole e a vida mental**. In: VELHO, O. G. (Org.). O fenômeno urbano. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.

SIQUEIRA, Leandro A. Uma Genealogia da compulsão. São Paulo: **Verve**, n.18, 2010. Disponível em: < <https://revistas.pucsp.br/verve/article/view/8645/6431>>, Acessado em: 17 de ago. de 2019

SMITD et al. Aerobic exercise and neurocognitive performance: a meta-analytic review of randomized controlled trials. **Psychosom med**. 2010. Disponível em: < <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC2897704/>>, Acessado em: 21 de ago. de 2019

SMITH, A. **A Riqueza das Nações: Investigação sobre sua Natureza e suas Causas** Ed. Abril Cultural, Coleção: Os Economistas, São Paulo. 1983.

SOUZA, M. R. Uma questão de método: origens, limites e possibilidades da etnografia para a psicologia social. **Psicol. USP**, São Paulo, v. 25, n. 3, 2014. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642014000300307&lng=en&nrm=iso>, Acessado em: 14 de dez. de 2019.

TEXEIRA, M. Notícia preliminar sobre uma tendência contemporânea: o “aperfeiçoamento cognitivo”, do ponto de vista da pesquisa em neurociências. **Revista latino-americana de psicopatologia fundamental**, n.3, 2007. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-47142007000300495>, Acessado em: 21 de ago. de 2019.

URATO, E .R. **Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa**. Petrópolis RJ.: Editora Vozes, 2003.

VANBERG, V. J. The Freiburg School: Walter Eucken and Ordoliberalism. **Freiburger Diskussionspapiere zur Ordnungsökonomik**, n. 4, 2004. Disponível em: < https://www.econstor.eu/bitstream/10419/4343/1/04_11bw.pdf>, Acessado em: 22 de set. de 2019.

VELHO, O. G. (Org.). **O fenômeno urbano**. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.

VELHO, Gilberto. Becker, Goofman e a Antropologia no Brasil. *Sociologia, Problemas e Práticas*, **Oeiras**, n. 38, p. 9-17, maio 2002 . Disponível em: < http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0873-65292002000100002&lng=pt&nrm=iso>. Acessado em: 10 mai. 2019.

VIANA, G.; LIMA, J. F. La teoría del capital humano y el crecimiento económico. Campo Grande: **Revista Interações**, v. 11, n. 2, p. 137-148, 2010. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1518-70122010000200003&script=sci_arttext&lng=es, Acessado em: 10 mai. 2019.

VIEIRA, A. D. **Construção das identidades sociais e discursivas na fala-em-interação de uma família brasileira**. Dissertação (Dissertação em Letras) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - PUC-RIO, Rio de Janeiro, p. 57. 2009. Disponível em: < https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/Busca_etds.php?strSecao=resultado&nrSeq=13342@1> Acessado em 15 abr. 2018.

WOODS, P. **La escuela por dentro. La etnografía en la investigación educativa**. Buenos Aires: Paidós. 1989.

APÊNDICE A



UNIVERSIDADE VILA VELHA
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA POLÍTICA
MESTRADO

PPGSP
UVV

Vila Velha (ES), 17 de dezembro de 2018

TERMO DE ANUÊNCIA PARA REALIZAÇÃO DE PESQUISA

Sr. Luiz Carlos Loureiro

Solicitamos autorização institucional para realização da pesquisa intitulada *Aprimoramento cognitivo e concurseiros: um estudo etnográfico sobre o empreendedorismo de si no Espírito Santo*, a ser realizada no CEP concursos – Centro de Evolução Profissional, localizada na rua Cyro Lopes Pereira, 810 Jardim da Penha, Vitória - Es, pelo discente Florêncio Augusto Filho, Mestrando do Curso em Sociologia Política da Universidade de Vila Velha - UVV, sob orientação do Prof. Dr. Pablo Ornelas Rosa, com o seguinte objetivo: *Verificar o uso de técnicas para o aprimoramento cognitivo, com ênfase no uso de smart drugs entre os concurseiros*, necessitando portanto, após o aceite do termo de consentimento, ter acesso aos alunos/concurseiros para observação em campo, entrevistas, e demais detalhes dependendo do método etnográfico.

Ressaltamos que os dados coletados serão mantidos em absoluto sigilo de acordo com a Resolução nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde (CNS/MS), que trata da pesquisa envolvendo Seres Humanos. Salientamos ainda que tais dados serão utilizados somente para a realização deste estudo. Na certeza de contarmos com a colaboração e empenho desta Direção, agradecemos antecipadamente a atenção, ficando à disposição para quaisquer esclarecimentos adicionais que se fizerem necessários.

Destacamos ainda que o Sr. Florêncio Augusto Filho é aluno regularmente matriculado no Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política da Universidade Vila Velha.

Manuela Vieira Blanc
Membro da Comissão Coordenadora do
Programa Mestrado em Sociologia Política
Universidade Vila Velha (UVV-ES)

Manuela Vieira Blanc
Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política
Universidade Vila Velha

A-NÚCLEO DE ESTUDOS GERAIS S/S LTDA.

Homologado pelo CNE (Port. MEC 11, de 04/01/2013, D.O.U. de 08/01/2013, seção 1, p. 4)
Av. Comissário Dantas de Mello, nº 21 - CEP 29102-920 - Vila Velha, ES - Brasil
www.uvv.br - 55 (27) 3421-2137 - ppgsp@uvv.br

APÊNDICE B



UNIVERSIDADE VILA VELHA
 PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA POLÍTICA
 Reconhecido pela Portaria MEC n. 11/2013 (DOU 08/01/2013, p.4)
 www.uvv.br/sociologia | sociologia@uvv.br
 Telefone: +55 (27) 3421-2063

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

“Aprimoramento cognitivo e concurseiros: um estudo etnográfico sobre o empreendedorismo de si no Espírito Santo”

Responsável pela pesquisa: Prof^o. Dr^o. Pablo Ornelas Rosa.

Pesquisador Participante: Florêncio Augusto filho

Este documento que você está lendo é chamado de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Ele contém explicações sobre o estudo que você está sendo convidado a participar. Antes de decidir se deseja participar (de livre e espontânea vontade) você deverá ler e compreender todo o conteúdo. Ao final, caso decida participar, você será solicitado a assiná-lo e receberá uma via do mesmo. Antes de assinar faça perguntas sobre tudo o que não tiver entendido bem. O pesquisador deste estudo responderá às suas perguntas a qualquer momento (antes, durante e após o estudo). Sua participação é voluntária, o que significa que você poderá desistir a qualquer momento, retirando seu consentimento, sem que isso lhe traga nenhum prejuízo ou penalidade, bastando para isso entrar em contato com um dos pesquisadores responsáveis.

Essa pesquisa procura verificar o uso de técnicas para o aprimoramento cognitivo, com ênfase no uso de smart drugs entre os concurseiros. A pesquisa ocorrerá no CEP concursos – Centro de Evolução Profissional, localizada na rua Cyro Lopes Pereira, 810 Jardim da Penha, Vitória -ES, no período de 2019, nos horários de aula matutino e ou noturno. O autor utilizará um método específico de pesquisa antropológica, chamado de estudo etnográfico, que é composto de técnicas e procedimentos de coletas de dados associados a uma prática do trabalho de campo a partir de uma convivência com o grupo a ser estudado. Será utilizado questionário com questões fechadas e entrevista semiestruturada e não estruturada. O questionário de questões fechadas visa traçar o perfil sociopolítico e socioeconômico dos concurseiros, enquanto as entrevistas semiestruturadas e não estruturadas, buscam o entendimento da realidade e compreender as relações socioculturais e comportamentais do referido grupo.

Não há riscos envolvidos com sua participação nesta pesquisa, e caso deseje, poderá desistir a qualquer momento, retirando seu consentimento, sem que isso lhe traga nenhum prejuízo ou penalidade.

Sua participação poderá ajudar no maior conhecimento sobre as relações socioculturais e comportamentais, bem como saberes e práticas dos concurseiros do Espírito Santo.

Todas as informações obtidas serão sigilosas. O material com as suas informações (gravações, entrevistas, entre outras) ficará guardado em local seguro sob a responsabilidade dos Pesquisadores, Florencio Augusto Filho, Pesquisador Participante e Pesquisador responsável, Professor Doutor Pablo Ornelas Rosa, com a garantia de manutenção do sigilo e confidencialidade e que será destruído após a pesquisa. A divulgação dos resultados será feita de forma a não identificar os voluntários. Os resultados deste trabalho poderão ser apresentados em encontros ou revistas científicas, entretanto, ele mostrará apenas os resultados obtidos como um todo, sem revelar seu nome, instituição a qual pertence ou qualquer informação que esteja relacionada com sua privacidade.

Conforme previsto pelas normas brasileiras de pesquisa com a participação de seres humanos você não receberá nenhum tipo de compensação financeira pela sua participação neste estudo. Você ficará com uma via deste Termo e toda a dúvida que você tiver a respeito desta pesquisa, poderá perguntar diretamente para os autores:

Pesquisador participante: Florencio Augusto Filho
www.florencioaugusto.com.br; florencioaugusto@gmail.com; Tel: (27) 99606-5105
LATTES: <http://lattes.cnpq.br/8142144245742507>

Pesquisador responsável: Professor Doutor Pablo Ornelas Rosa
pablo.rosa@uvv.br;
LATTES: <http://lattes.cnpq.br/1908091180713668>

Dúvidas sobre a pesquisa envolvendo princípios éticos poderão ser questionadas ao **Comitê de Ética em Pesquisa da UVV** localizado Prédio da Reitoria no subsolo: na Rua Comissário José Dantas de Melo, nº 21, Boa Vista, Vila Velha-ES, CEP: 29.102-770, Tel.: (27) 3421-2063, E-mail: CEP@uvv.br.

Horário de funcionamento: 2ª a 5ª 07h às 12h e das 13h às 17h e 6ª feira - 07h às 12h e das 13h às 16h. Secretária: Sirlene Gomes Neves. Reclamações e/ou insatisfações relacionadas à participação do paciente na pesquisa poderão ser comunicadas por escrito à Secretaria do CEP/UVV, desde que os reclamantes se identifiquem, sendo que o seu nome será mantido em anonimato.

Consentimento Livre e Esclarecido

Declaro que fui devidamente informado e esclarecido pelo pesquisador sobre a pesquisa “Aprimoramento cognitivo e concurseiros: um estudo etnográfico sobre o empreendedorismo de si no Espírito Santo”, dos procedimentos nela envolvidos, assim como dos possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isso me traga prejuízo ou penalidade.

Participante:

Nome completo: _____ CPF: _____

Assinatura

Pesquisador responsável:

Nome completo: Dr. Pablo Ornelas Rosa CPF: 026527899-61

Pesquisador Participante

Nome completo: Florêncio Augusto Filho CPF:00960003762

APÊNDICE C

Questionário quantitativo

I – Dados socioeconômicos:

- 1) Gênero/sexo:
 Masculino Feminino
- 2) Idade: _____ anos
- 3) Estado civil:
 Solteiro Casado/união consensual Viúvo separado
- 4) Raça/cor:
 Branca Preta Parda Amarela Indígena
- 5) Local de moradia: (bairro) _____
- 6) Ocupação/Profissão: _____
- 7) Escolaridade:
 Ensino médio incompleto
 Ensino médio completo
 Educação superior incompleta
 Educação superior completa:
 Qual curso? _____
 Ano de Formação: _____
- 8) Renda média familiar:
 Até 01 salário mínimo
 Mais de 2 até 4 salários mínimos
 Mais de 5 até 10 salários mínimos
 Mais de 11 até 20 salários mínimos
 Mais de 20 salários mínimos
- 9) Religião: _____

II – Dados complementares:

- 10) Há quanto tempo se prepara para os concursos públicos?
 Até 01 ano Até 2 anos Acima de 3 anos
- 11) Qual carreira deseja ingressar?
 Carreiras Administrativas Carreiras policiais Judiciais
 carreiras de tribunais Carreiras fiscais outras
- 12) Quanto a posição política:
 Extrema direita
 Direita
 Centro direita
 Centro
 Centro esquerda
 Esquerda
 Extrema esquerda

APÊNDICE D

Questionário quantitativo

I – Dados socioeconômicos:

- 1) Gênero/sexo:
 - Masculino Feminino
- 2) Idade: _____anos
- 3) Estado civil:
 - Solteiro Casado/união consensual Viúvo separado
- 4) Raça/cor:
 - Branca Preta Parda Amarela Indígena
- 5) Local de moradia: (bairro) _____
- 6) Ocupação/Profissão: _____
- 7) Escolaridade:
 - Ensino médio incompleto
 - Ensino médio completo
 - Educação superior incompleta
 - Educação superior completa:
 - Qual curso? _____
 - Ano de Formação: _____
- 8) Renda média familiar:
 - Até 01 salário mínimo
 - Mais de 2 até 4 salários mínimos
 - Mais de 5 até 10 salários mínimos
 - Mais de 11 até 20 salários mínimos
 - Mais de 20 salários mínimos
- 9) Religião: _____

II – Dados complementares:

- 10) Há quanto tempo se prepara para os concursos públicos?
 - Até 01 ano Até 2 anos Acima de 3 anos
- 11) Qual carreira deseja ingressar?
 - Carreiras Administrativas Carreiras policiais Judiciais
 - carreiras de tribunais Carreiras fiscais outras
- 12) Quanto a posição política:
 - Extrema direita
 - Direita
 - Centro direita
 - Centro
 - Centro esquerda
 - Esquerda
 - Extrema esquerda

ANEXOS

ANEXO 1

Propaganda do Banco do Brasil, com o título: Abra a sua conta no BB publicada no dia 15 de junho de 2019.

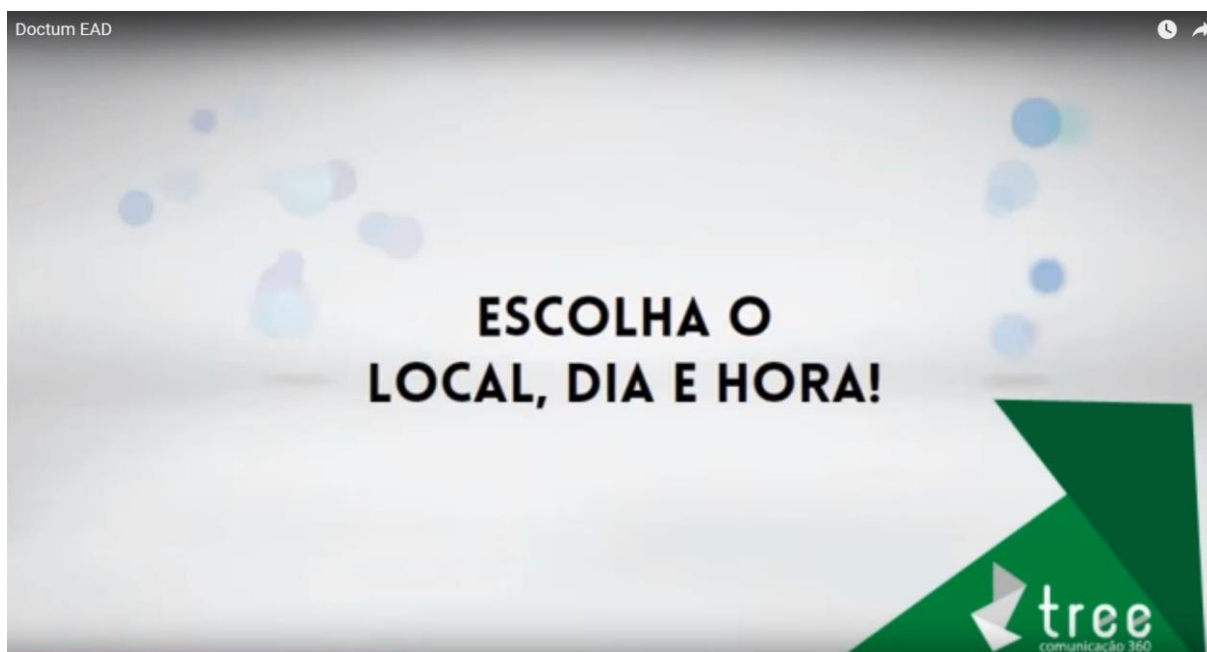


Link:

<https://www.youtube.com/watch?v=uV3SD1ZQFJg&list=PLhnExfBbbmAQhRikKhg90UfrNvX0f6bmP&index=5>

ANEXO 2

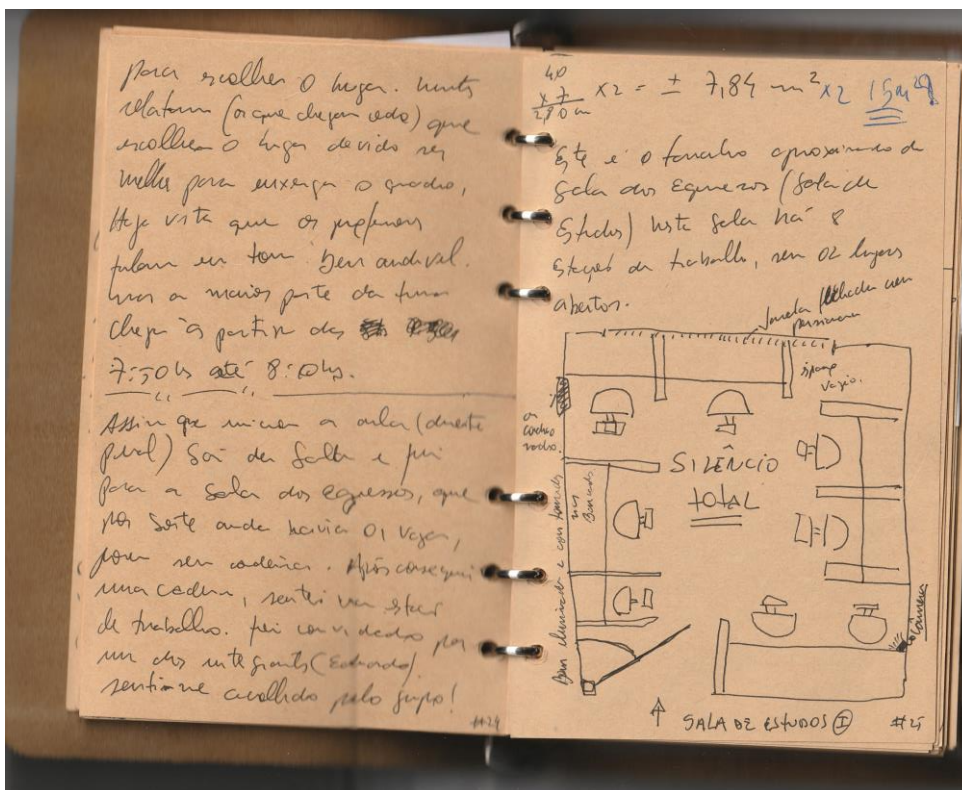
Propaganda da Empresa de marketing Três comunicações 360, com o título: Doctum EAD, publicada no dia 16 de março de 2016.



Link: <https://www.youtube.com/watch?v=BaZIZgkN10k>

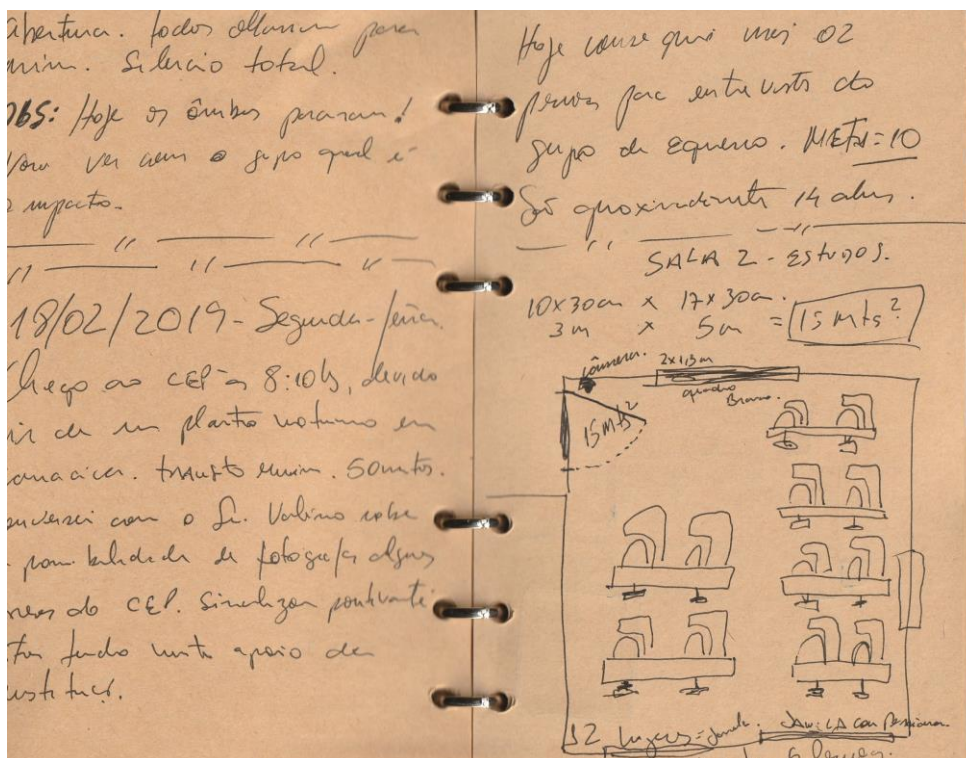
ANEXO 3

Mapa da sala de estudos 1. Desenho feito no diário de campo durante a observação.



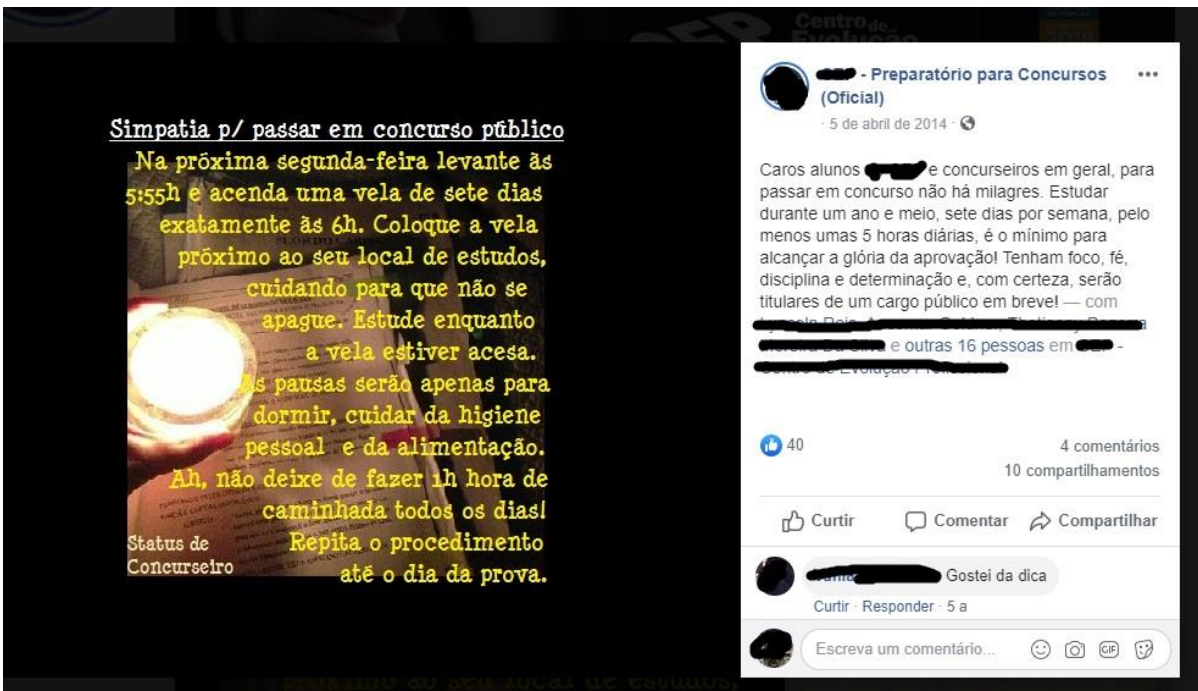
ANEXO 4

Mapa da sala de estudos 2. Desenho feito no diário de campo durante a observação.



ANEXO 5

post publicado no FACEBOOK do curso preparatório com o intuito de promover motivações aos seguidores.



Simpatia p/ passar em concurso público

Na próxima segunda-feira levante às 5:55h e acenda uma vela de sete dias exatamente às 6h. Coloque a vela próximo ao seu local de estudos, cuidando para que não se apague. Estude enquanto a vela estiver acesa. As pausas serão apenas para dormir, cuidar da higiene pessoal e da alimentação. Ah, não deixe de fazer 1h hora de caminhada todos os dias! Repita o procedimento até o dia da prova.

Status de Concurseiro

Caros alunos [redacted] e concurseiros em geral, para passar em concurso não há milagres. Estudar durante um ano e meio, sete dias por semana, pelo menos umas 5 horas diárias, é o mínimo para alcançar a glória da aprovação! Tenham foco, fé, disciplina e determinação e, com certeza, serão titulares de um cargo público em breve! — com [redacted] e outras 16 pessoas em [redacted]

40 4 comentários
10 compartilhamentos

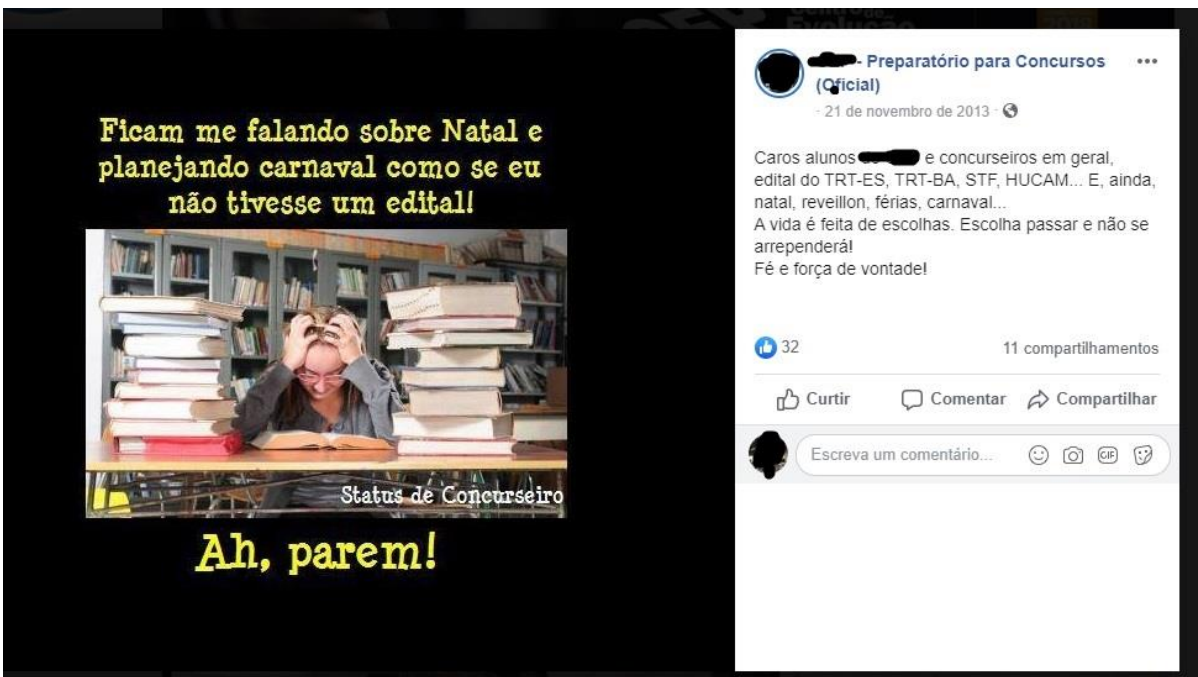
Curtir Comentar Compartilhar

Gostei da dica
Curtir Responder · 5 a

Escreva um comentário...

ANEXO 6

post publicado no FACEBOOK do curso preparatório com o intuito de promover motivações aos seguidores.



Ficam me falando sobre Natal e planejando carnaval como se eu não tivesse um edital!

Ah, parem!

Status de Concurseiro

Caros alunos [redacted] e concurseiros em geral, edital do TRT-ES, TRT-BA, STF, HUCAM... E, ainda, natal, reveillon, férias, carnaval... A vida é feita de escolhas. Escolha passar e não se arrependêr! Fé e força de vontade!

32 11 compartilhamentos

Curtir Comentar Compartilhar

Escreva um comentário...

ANEXO 7

post publicado no FACEBOOK do curso preparatório com o intuito de promover motivações aos seguidores.

ESTADO CIVIL:

CONCURSEIRO!

Preparatório para Concursos (Oficial)
19 de fevereiro de 2013

32 29 compartilhamentos

Curtir Comentar Compartilhar

Escreva um comentário...

ANEXO 8

post publicado no FACEBOOK do curso preparatório com o intuito de promover motivações aos seguidores.

E VOCÊ, O QUE VAI FAZER NO FERIADO?

UM CAFÉ FORTE E MUITOS LIVROS, É UMA EXCELENTE PEDIDA.

NÃO SE ESQUEÇA DE QUE O SEU CONCORRENTE ESTÁ ESTUDANDO!

APROVEITE O FERIADO E COLOQUE OS ESTUDOS EM DIA.

CURTIU? COMPARTILHE ESSA IDEIA!

Curta a nossa página e fique por dentro das novidades.

Preparatório para Concursos

Preparatório para Concursos (Oficial)
29 de maio de 2013

39 9 compartilhamentos

Curtir Comentar Compartilhar

Escreva um comentário...

MARCAS IGONES REDE VITÓRIA 2013

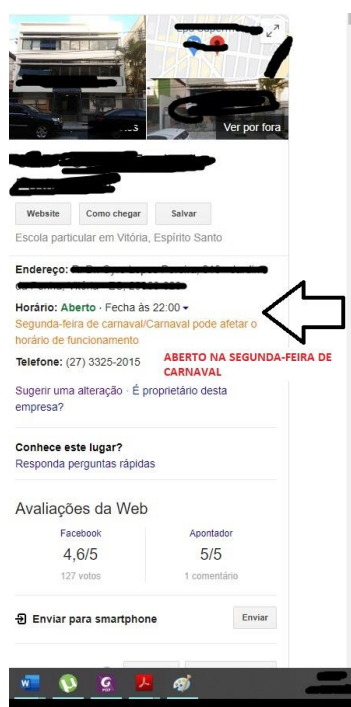
ANEXO 9

post publicado no FACEBOOK do curso preparatório com o intuito de promover motivações aos seguidores.




ANEXO 10

Registro no localizador do Google feito no feriado de carnaval, evidenciando que o curso preparatório se encontrava aberto.



ANEXO 11

O material apostilado das turmas presenciais do curso preparatório possui diversos aforismos motivacionais.

 - PREPARATÓRIO PARA CONCURSOS

26º
RECALL
DE MARCAS
A GAZETA
2018
1º LUGAR

25º
RECALL
DE MARCAS
A GAZETA
2017
1º LUGAR

MARCAS ÍCONES
REDE VITÓRIA
2013 1º

MARCAS ÍCONES
REDE VITÓRIA
2012 1º

19º
RECALL
DE MARCAS
A GAZETA
2011
1º LUGAR



18º
RECALL
DE MARCAS
A GAZETA
2010
1º LUGAR

17º
RECALL
DE MARCAS
A GAZETA
2009
1º LUGAR


16º
RECALL
DE MARCAS
A GAZETA
2008
1º LUGAR

INFORMÁTICA

ALUNO (a): _____
PROFESSOR: _____

SONHE 
ESTUDE
PASSE 

"O sucesso é a soma de pequenos esforços, repetidos dia sim e no outro dia também."



ANEXO 12

post publicado no FACEBOOK do curso preparatório com o intuito de promover motivações aos seguidores.



Por trás dos sonhos há sacrifícios que as pessoas não veem.

Caros alunos [redacted] e concurseiros em geral, mais um feriadão para muitos. Não se abatam, não desistam, tenham fé, estudem sem parar, pois a recompensa virá. Pensem o tempo todo: estabilidade, tranquilidade, jornada de trabalho menor, remuneração maior, aposentadoria mais justa... tudo isso não cairá do céu... 1º de maio - Feriado! Dia do Estudo!

#estudandosemparar — com [redacted]
[redacted] outras 27
pessoas em [redacted]

722 24 comentários
165 compartilhamentos

Curtir Comentar Compartilhar

Ver mais 15 comentários

Status de Concurseiro